



RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Rádio e Gênero | V.13, N.1 | 2022.1



PPG COM
UFOP

CONJUR

nrtv
Núcleo de Rádio e TV

INTERCOM
GP Rádio e Mídia Sonora

RADIOFONIAS
REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

Rádio e Gênero
V.13, N.1 | 2022.1

Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Núcleo de Rádio e TV (NRTV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o rádio-jornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo e do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

realização:

PPG COM
U F O P
Comunicação e Temporalidades

nrtv
Núcleo de Rádio e TV

CONJOR
Convergência e Jornalismo

apoio:



INTERCOM
GP de Rádio e Mídia Sonora

Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

Debora Cristina Lopez | Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

Marcelo Kischinhevsky | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

Lena Benzecry | Pós-Doutoranda ECO-UFRJ

Camille Vizzoni, Yasmin Montebello e Ana Beatriz Pinheiro | Graduandas ECO-UFRJ

Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

Belén Monclús

Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

Daniel Martín Pena

Universidad de Extremadura (UEx), Espanha

Doris Fagundes Haussen

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

Eduardo Meditsch

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Eduardo Vicente

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

José Luis Fernández

Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

Luciano Klöckner

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Luiz Artur Ferraretto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Madalena Oliveira

Universidade do Minho (UMinho), Portugal

Mágda Rodrigues da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Manuel Fernández Sande

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Marcelo Freire

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

María del Pilar Martínez-Costa

Universidad de Navarra, Espanha

Mia Lindgren

Swinburne University of Technology, Austrália

Monica Rebecca Ferrari Nunes

Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

Nair Prata, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Nelia Rodrigues Del Bianco

Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Othon Fernando Jambeiro

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sonia Virginia Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

Tiziano Bonini

Università di Siena, Itália.

Pareceristas nesta edição

Adriana Barsotti Vieira

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Daniel Martín-Pena

Universidad de Extremadura (UEx)

Dulci Lima

Centro de Pesquisa e Formação Sesc-SP

Eduardo Vicente

Universidade de São Paulo (USP)

Graciela Martínez Matías

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Izani Mustafá

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Karina Woehl de Farias

Centro Universitário UniSatc

Kátia de Lourdes Fraga

Universidade Federal de Viçosa (UFV/MG)

Lenize Villaça

Faculdade de Tecnologia (FATEC)

Marizandra Rutilli

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Nivaldo Ferraz

Universidade de São Paulo (USP)

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)

Valci Zuculoto

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Vera Lucia Spacil Raddatz Grupo de

Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC)

Diagramação

www.lenabenz-comunica.com

Capa sobre fotos de: [canva.com](https://www.canva.com)

Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto

R. Diogo de Vasconcelos, 122.

Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais

CEP 35400-000

SUMÁRIO

	PÁG.
APRESENTAÇÃO	
Perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky, Lena Benzecry	2
ARTIGOS DOSSIÊ RÁDIO E GÊNERO	
10 años de estudios sobre la radio: un modelo de abordaje integral para el análisis de la TGPS Paula Alicia Morales	8
A pesquisa sobre o podcasting na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós (2015-2020) Gessiela Nascimento, Roseane Arcanjo Pinheiro	40
Vozes femininas nas mídias sonoras: as intersecções entre trabalho e relações de gênero Alice dos Santos Silva, Renata Barreto Malta	69
A influência do feminismo negro na podosfera brasileira Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante, Ana Isabel Reis	97
Mundo Corporativo no rádio: gênero e cultura da confiança Camila Mantovani, Sônia Caldas Pessoas, Ângela Salgueiro	128
Apenas uma mulher entre quatro homens comanda uma produção radiojornalística na Rádio Boa Notícia AM (Balsas/AM) Izani Mustafá, Nayane Rodrigues de Brito, Graziela Soares Bianchi	145
A presença feminina no panorama da narração esportiva porto-alegrense Ciro Götz	168
ENTREVISTA	
A perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti	191

Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos

Gender perspective in radio studies

Perspectiva de género en los estudios de radio

Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry

Segundo dados do Ministério do Trabalho, em 2014 as mulheres ocupavam 55,59% do total de postos do mercado jornalístico. No entanto, essa ocupação se concentrava em funções como a revisão de texto (76,38%), jornalista (60,59%) e assessor de imprensa (65,32%). Já em cargos considerados de maior status, por envolver posições de liderança ou de visibilidade, como diretor de redação (38,78%) ou repórter (45,74%), a presença feminina diminui (MADSEN, 2020). Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) indica a manutenção do cenário em 2022, com 61% dos cargos de liderança sendo ocupados por homens e revela ainda a existência de desigualdade de remuneração entre homens e mulheres no campo.

>> Como citar este texto:

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

Sobre a equipe editorial

Debora Cristina Lopez

debora.lopez@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora de Jornalismo e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMs) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin), ambos na UFOP.

Marcelo Kischinhevsky

marcelok@forum.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Professor do PPGCOM e dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), é doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição, onde atua ainda como diretor do Núcleo de Rádio e TV. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Lena Benzecry

lena.benzecry@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1258-8123>

Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, é jornalista, designer e pesquisadora, responsável pelo projeto gráfico e diagramação de **Radiofonias**.

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa do portal Comunique-se, 15.654 mulheres estavam empregadas em veículos de comunicação em 2019, o equivalente a 36,98% dos postos de trabalho no mercado de imprensa nacional. No rádio, contudo, a participação feminina era ainda menor: apenas 2.284 mulheres (20,5% do total) trabalhavam em funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação, contra 11.182 homens.

Com diferentes amostragens e metodologias, estas pesquisas evidenciam a profunda desigualdade de gênero que historicamente caracteriza a mídia no Brasil, sobretudo no rádio, onde prevalece a voz masculina. Este cenário começa a ser alterado nos anos 1970, a partir de iniciativas pioneiras como a Rádio Mulher (SP), e mais recentemente de mudanças na gestão de emissoras públicas e privadas, cada vez mais atentas às discussões em torno de equidade de gênero. Mas, ainda hoje, prevalecem na maioria dos casos rotinas produtivas marcadas por práticas machistas e misóginas, não raro com situações explícitas de assédio moral e sexual. Um ambiente permeado por uma masculinidade tóxica, em que a voz das mulheres e de pessoas de sexualidade não binária ainda se faz ouvir pouco, muitas vezes reiterando estereótipos.

Este fenômeno não é exclusivo da comunicação. Ainda que observemos diferenças entre ramos específicos, no geral a presença de mulheres diminui conforme avança-se nos níveis da carreira (OLIVEIRA e BELCHIOR, 2009; LOPEZ et al., 2021). Na academia, discute-se também o sub-reconhecimento das pesquisadoras e seus impactos no desenvolvimento das pesquisas, nas subvenções de projetos (OLIVEIRA et al., 2021) e consequentemente na verticalização das carreiras (KNOBLOCH-WESTERWICK; GLYNN, 2013). Lopez et al. (2021) indicam que a sub-valorização das cientistas mulheres é também uma realidade nos estudos radiofônicos brasileiros e que este é um problema a ser reconhecido e enfrentado pelo campo para que se possa buscar, aos poucos, um equilíbrio da desigualdade estrutural que afeta o campo acadêmico.

No mercado, em casos de crescimento na organização hierárquica empresarial, a mulher enfrenta mais um impacto do machismo estrutural e da

agressividade que lhe é imposta cotidianamente. Como explicam Pacheco e Silva (2020, p. 7), “quando transcendem os espaços considerados masculinos e ocupam posições de autoridade e poder, pesam sobre essas mulheres suspeitas sobre suas habilidades e acusações de uso da sedução para tal”. Os autores destacam, a partir de uma entrevista realizada com 38 mulheres jornalistas esportivas de Belo Horizonte (MG), que essas mulheres são questionadas em sua feminilidade, contestadas em sua autoridade e são alvo de xingamentos (p. 7). Também na pesquisa realizada pela Aberje (2022), 72% das entrevistadas dizem já ter sofrido assédio no ambiente de trabalho. Este cenário gera uma constante necessidade de se impor para garantir o respeito – com colegas de trabalho, fonte e público. Os desafios dizem respeito também a constrangimentos cotidianos e ao pressuposto do desconhecimento para atuar em determinadas especialidades, como é o caso do esporte (PACHECO e SILVA, 2020).

Este cenário reflete algo mais complexo, o parâmetro de cidadão atribuído ao indivíduo que se caracteriza como homem branco, heterossexual e proprietário, que por isso tem seus direitos respeitados e suas garantias constitucionais (GOBBI, 2021). Em resumo, “uma sociedade patriarcal, alicerçada em uma herança colonialista e amplamente discriminatória” que impõe barreiras às mulheres (GOBBI, 2021, p. 23). Entre essas barreiras, a mobilidade profissional se destaca, inscrita em questões como as restrições à liberdade em alguns países; expectativas sobre maternidade e cuidado com idosos ou crianças; e a baixa representatividade em cargos de poder (FRAGA e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020). Este sedentarismo involuntário identificado pelos autores – seja para movimentações transfronteiriças permanentes ou temporárias – afeta também a mulher comunicadora, limitada em sua carreira por barreiras simbólicas impostas por relações socioculturais, políticas, organizacionais e biológicas ainda pouco tensionadas nos campos históricos dinâmicos que caracterizam os novos modelos de carreira.

No rádio, podemos observar distintos silenciamentos das vozes femininas, apagamentos de sua presença na história e no desenvolvimento do

meio. Como indica Juliana Gobbi (2021), as mulheres são excluídas da história como se estivessem fora do acontecimento – e a história do meio é contada a partir da memória de homens, atribuindo um status de universalidade à experiência masculina e invisibilizando a feminina. Este movimento, lembra ela, é reforçado pela falta de documentação que afeta o rádio como objeto de estudos, mas revela também a ausência de registros sonoros e impressos das produções de mulheres no meio.

Neste cenário complexo, observamos também pontos positivos. O debate de gênero e sua interface com o rádio tem sido mais estudado – em quantidade e em diversidade de perspectivas. Este dossiê pretende contribuir para o debate, trazendo pontos de vista variados sobre o fenômeno. Partimos, então, da compreensão do campo em suas perspectivas teóricas e metodológicas para avançar para estudos de caso sobre a interface entre gênero e comunicação radiofônica.

No primeiro artigo desta edição, inteiramente dedicada ao dossiê “Rádio e gênero”, a pesquisadora Paula Alicia Morales, da Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina, apresenta o modelo de abordagem “Transversalização da Perspectiva de Gênero em Rádio”, defendendo uma análise integral da materialidade sonora para compreender a presença ou ausência de mulheres no discurso radiofônico. A autora constrói uma proposta metodológica a partir da perspectiva de gênero para observar o objeto radiofônico. Ainda sobre a configuração dos estudos radiofônicos, as autoras Gessiela Nascimento da Silva e Roseane Arcanjo Pinheiro, da UFMA realizam uma pesquisa documental nos 17 grupos de trabalho da Compós (2015-2020), um dos principais fóruns acadêmicos da área da Comunicação no Brasil, analisando estudos de podcasting com a perspectiva de gênero. As autoras buscam identificar, nos mais de mil artigos pesquisados, aspectos teórico-metodológicos acionados para compreender o campo e sua correlação com os estudos feministas.

O podcasting é um fenômeno de destaque nos estudos radiofônicos neste dossiê. Alice dos Santos Silva e Renata Barreto Malta, da UFS, apresentam um estudo empírico com mulheres podcasters brasileiras, buscando compreender

os caminhos escolhidos por elas para divulgação de seu trabalho e a relação estabelecida com outras vozes femininas, especialmente nas plataformas digitais. A podosfera também é explorada por Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante e Ana Isabel Reis, da Universidade do Porto, de Portugal. Com olhar centrado no feminismo negro, as autoras desenvolvem uma análise atravessada por questões de gênero e raça, orientada por conceitos como autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

As plataformas digitais são abordadas também no rádio em dial no artigo de Sônia Caldas Pessoa, Camila Maciel Campolina Alves Mantovani e Ângela Cristina Salgueiro Marques, da UFMG, que analisam gênero e cultura da confiança no programa Mundo Corporativo, da Rádio CBN. As autoras acionam discussões sobre a valorização da agenda feminina, autonomia e individualização de uma carreira bem sucedida no estudo realizado.

Izani Mustafá (UFMA), Nayane Rodrigues de Brito (UFSC) e Graziela Soares Bianchi (UEPG) analisam a ausência feminina na produção de uma rádio maranhense. A partir de uma observação de rotinas produtivas e entrevistas, as autoras analisam as posições ocupadas por homens e mulheres nos programas jornalísticos da Rádio Boa Notícia.

Já Ciro Götz (PUC-RS) fala sobre a narração esportiva feminina em Porto Alegre. Através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, o autor parte de uma contextualização histórica para realizar um estudo de caso da narração de Clairene Giacobe, da Rádio Estação Web, a partir do estilo, ritmo, velocidade, tipo de voz e grito de gol. O dossiê conta também com uma entrevista com a pesquisadora Valci Zuculoto, da UFSC. Conduzida por Juliana Gobbi Betti, aborda questões históricas e desafios sobre a interface entre rádio e gênero, especialmente a partir de uma pesquisa coletiva conduzida pelas autoras sobre o tema.

Boa leitura a todes!

Referências

OLIVEIRA, Amurabi; MELO, Marina Félix de; RODRIGUES, Quemuel Baruque de; PEQUENO, Mayres. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, **Configurações** [Online], 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje). A Mulher na Comunicação – sua força, seus desafios. Aberje: São Paulo, 2022.

FRAGA, Aline Mendonça; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2020, v. 18, pp. 757-769. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120190141> <https://doi.org/10.1590/1679-395120190141x>. Acesso em: 29 nov. 2022.

GOBBI BETTI, Juliana Cristina. Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

KNOBLOCH-WESTERWICK, Silvia; GLYNN, Carroll J. The Matilda Effect—Role Congruity Effects on Scholarly Communication: A Citation Analysis of Communication Research and Journal of Communication Articles. **Communication Research**, v. 40 n.1, pp. 3–26, 2013.

LOPEZ, Debora Cristina; GOBBI, Juliana Cristina; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. Metodologia para análise de referências com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, outubro de 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/debora-cristina-lopez.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MADSEN, Nina. **Mulheres e Comunicação no Brasil: 1995 a 2015**. Ipea: Brasília, 2020.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de; BELCHIOR, João Raposo. Emprego em TICs e gênero no ramo de informática: uma primeira exploração. In: **Ciências Sociais Unisinos**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 27-33, jan.-abr. 2009.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2020, v. 28, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n361002>. Acesso em: 29 nov. 2022.

10 años de estudios sobre la radio: un modelo de abordaje integral para el análisis de la TPGS

*10 anos de estudos sobre o rádio: um modelo de
abordagem integral para a análise da TPGS*

*10 years of studies on the radio: a comprehensive
approach model for the analysis of TGPS*

Paula Alicia Morales

Resumen

Muchas veces alumnos, tesisistas e incluso investigadores/as con trayectoria en el campo del análisis de los medios y las mediaciones, los discursos y sus modalizaciones nos preguntamos cómo trabajar un análisis integral de la materialidad sonora, cuando pareciera ser inaprehensible y sus dificultades poco tuvieran que ver con las tecnologías de registro, sino más bien, con la ausencia de metodologías de estudio pensadas para este medio. Este artículo se propone presentar los recorridos y derivas que desarrollé desde 2011 a la fecha, para configurar un modelo de abordaje integral sobre la Transversalización de la Perspectiva de Género en Radio, sus principales herramientas metodológicas y algunos ejemplos de caso, a modo ilustrativo de posibles vías de acceso para una cartografía del medio.

Palabras clave: Violencia Mediática; Transversalización de la Perspectiva de Género; Radio.

>> Como citar este texto:

MORALES, Paula. 10 años de estudios sobre la radio: un abordaje integral para el análisis de la TGPS. **Radiofonias – Revista de Estudios em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 8-39, jan./abr. 2022.

Sobre a autora

Paula Alicia Morales

paula.morales@unc.edu.ar

<https://orcid.org/0000-0002-8037-5579>

Doctora en Estudios de Género, Diplomada en Medios de Comunicación, Violencia Intrafamiliar y Equidad de Género, y Diplomada en Desarrollo Humano con Perspectiva de Género y Derechos Humanos por la UNC. Su proyecto postdoctoral se tituló “Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización” (CONICET 2017-2019). Actualmente es docente de la FCC UNC, directora del CiPeCo (Centro de Investigaciones en Periodismo y Comunicación) FCC UNC, y miembro del Comité Ejecutivo Permanente de las Jornadas Universitarias La Radio del Nuevo Siglo.

Abstract

Many students and even researchers with experience in the field of media analysis and media coverage, discourses and their modalities, ask themselves how to work on a comprehensive analysis of sound materiality, when it seems to be elusive and its difficulties have almost nothing to do with recording technologies, but rather, with the absence of study methodologies designed for this medium. This article intends to present the paths and drifts that I developed from 2011 to this date, to configure a comprehensive approach model on the Mainstreaming of the Gender Perspective in Radio, its main methodological tools and some case examples, by way of illustrative of possible access routes for a cartography of the environment.

Keywords: Media Violence; Gender Perspective Mainstreaming; Radio.

Resumo

Muitas vezes estudantes e, até pesquisadores, com experiência no campo da análise e cobertura midiática, dos discursos e suas modalidades se perguntam como trabalhar uma análise compreensiva da materialidade sonora, quando ela parece elusiva e suas dificuldades pouco tem a ver com as tecnologias de gravação, mas sim com a ausência de metodologias de estudo pensadas para este meio. Este artigo pretende apresentar os caminhos e derivas que desenvolvi desde 2011 até à data de hoje, para configurar um modelo de abordagem compreensiva sobre a Integração da Perspectiva de Gênero no Rádio, as suas principais ferramentas metodológicas e alguns exemplos de casos, a título ilustrativo de possíveis vias de acesso para uma cartografia do ambiente.

Palavras-chave: Violência na mídia; Integração da perspectiva de gênero; Rádio.

Introducción

Muchas veces nuestros/as alumnos, tesistas e incluso nosotras/os mismas/os nos preguntamos cómo trabajar un análisis integral de la materialidad sonora, cuando pareciera ser inaprehensible -por fugaz y desanclada de las grafías de la escritura-, y surgen dificultades que poco tienen que ver con las tecnologías de registro, sino más bien, con la ausencia de enfoques teórico-metodológicos para este medio.

Este artículo se propone presentar los recorridos y derivas que desarrollé en una década de trabajo –desde 2011 a 2021– para configurar un *modelo de abordaje integral* sobre la transversalización de la perspectiva de género en radio, sus principales herramientas metodológicas y algunos ejemplos de casos de investigación analizados, a medida que el modelo iba tomando forma y consistencia. A continuación, se presentan lo que fueron emergiendo como puntos de partida, interrogantes, hipótesis y posibles vías de acceso para su desarrollo, verificación y validación.

Puntos de partida

Nuestro punto de partida fue identificar y analizar las diversas modalidades en que se presentaban en el discurso radiofónico las Violencias Mediáticas de Género (en adelante V.M.G.). Para ello aplicamos un abordaje socio semiótico. Durante el período de 2011-2017 desarrollé un trabajo investigativo que titulé "*Violencia Mediática: Un abordaje socio semiótico sobre el tratamiento del Género en el discurso radiofónico*" y fue publicado como tesis doctoral, en el marco de dos becas de investigación financiadas por las agencias SECYT y, posteriormente, CONICET. Allí analicé un corpus de emisiones radiofónicas de los meses de septiembre y noviembre de 2011, y marzo de 2012, con el fin de comprender cómo en aquellas dos emisoras locales (Radio Nacional Córdoba, pública-estatal, y Radio LV3, privada-comercial) se expresaban las Violencias Mediáticas.

Nos interesaba conocer cuál era el tratamiento de las relaciones de

género que presentaban ambas radios y –comparativamente- poder distinguir un estado de época, un conjunto discursivo de tópicos y retóricas recurrentes que nos acercase al funcionamiento doxástico de aquellos años. De esas radios tomamos segmentos de conversación y comentario radiofónico, columnas de opinión y llamados de las audiencias –emitidos durante las segundas mañanas, de 8 a 12 hs–, e hicimos un especial recorte para configurar la muestra, analizando algunas fechas claves de la agenda feminista que aparecieron en el material recopilado.

Por entonces nos preguntamos ¿Qué sentidos sociales construía el discurso radiofónico de nuestro corpus¹ sobre las relaciones de género? ¿Desde qué modalidades de enunciación las dos emisoras analizadas elaboraban y mediatizaban sentidos, saberes y presupuestos de nuestra cultura alrededor de las relaciones de género?, y ¿Qué mecanismos de base del funcionamiento social (Verón, 2004) se ponían en juego, operaban?

En este recorrido consideramos tres dimensiones para el análisis sociosemiótico del discurso. La primera fue la dimensión *Institucional* (que metafóricamente llamamos “Hablan los que saben”) y remite a los objetivos y políticas de programación, propios y convencionales de los dos tipos de radios que analizamos (comercial y estatal), y las estrategias de vinculación con las audiencias que en este marco proponían ambas emisoras. La segunda fue la dimensión *Referencial* (“Lo que se dice”), el orden de lo dicho y lo callado en el discurso, así como también los temas que logran participación en las agendas radiales. Finalmente la dimensión *Enunciativa* (“Quiénes y cómo”), para comprender el decir y sus modalizaciones, la construcción de figuraciones, tópicos y retóricas, y estrategias discursivas.

Algunos conceptos se volvieron claves para este recorrido. El de *figuraciones* fue uno, fundamental. Tomado de la obra de Elías (1990), nos

¹Es pertinente señalar que en ese proyecto investigativo el recorte geográfico de alcance del corpus era el de la provincia de Córdoba (Argentina), y ambas emisoras emitían desde y para el territorio cordobés. Sin embargo, la pregunta es extensible a las radios de otras localidades y países, de acuerdo al recorte muestral que se defina en las investigaciones que apliquen el modelo.

permitió preguntarnos por aquellas formas de organización social que nos hablan del género en la cultura y que configuran sentido a las relaciones sociales en función de la dimensión genérica de las prácticas y su significación, entendiendo por figuraciones a los diferentes aspectos sociales que creamos en nuestras interacciones en todos y cada uno de los ámbitos que forman una sociedad. Para Elías una figuración es un instrumento conceptual que nos ayuda a interpretar los sentidos que en determinados contextos han cobrado pregnancia y han funcionado como estructurantes de la forma de organización de la vida social.

Así también, la noción de *géneros discursivos* como condensaciones relativamente estables del discurso (BAJTÍN), facilitó entender cómo en el interior de cada uno de ellos hay variaciones que remiten a los fenómenos de competencia interdiscursiva. Esos movimientos son reconocibles a través de estrategias discursivas que delatan las operaciones típicas de cada género, y las modificaciones que el dispositivo de enunciación produce en función del contexto. A través de dichas estrategias y reconociendo en las marcas del discurso las huellas de su producción, pudimos reconstruir las gramáticas de producción e identificar qué relación (de índole ideológico) presentaban esas condiciones de producción de la enunciación, con lo que efectivamente salía al aire.

Las hipótesis

Con el material fichado, comenzamos a indagar sobre la relación entre la práctica periodística, las manifestaciones de los presupuestos fundantes de la cultura, y una serie de situaciones naturalizadas que podemos sintetizar en el orden del acceso de las mujeres al sistema mediático, su permanencia, el desarrollo de condiciones de enunciación en (in)equidad y en el tipo de reconocimiento/desconocimiento del propio campo respecto de la presencia significativa de mujeres en él. Comprender cómo estas cuestiones se relacionaban, y asumir que efectivamente se relacionaban entre sí, fue nuestra

primera hipótesis.

De este modo nos metimos de lleno en abordar la relación entre la presencia o ausencia de mujeres en el discurso radiofónico, con las tópicos y retóricas que las incorporaban o las excluían, y las modalidades de negociación presentes en el diálogo radiofónico; también la medida en que esta relación de variables generaban un espacio simbólico de disputa donde cotidianamente se definían y redefinían los márgenes de construcción de sentido sobre el acceso de subjetividades femeninas y feminizadas al mundo de lo público. Estos sentidos –construidos discursivamente y restaurados en la práctica cotidiana– actualizan los límites, riesgos y costos del ingreso de identidades genéricas no masculinas al debate público, que caracterizamos como altamente androcéntrico y consagrado como del dominio de los iguales. Esta fue otra de nuestras hipótesis guía en el trabajo investigativo, y posteriormente se constituyó como una categoría de análisis bajo el nombre de “andro-hetero-centrismo mediatizado” (MORALES, 2015).

Los supuestos

Sucintamente, podríamos decir que de aquel primer momento extrajimos una conclusión fundamental. La Violencia Mediática tal y como la entendemos aún hoy, es una expresión mediática de las violencias de género. Esta afirmación condensa una serie de sentidos sobre lo violento y sus manifestaciones, y articula determinados *temas* y *tratamientos* mediáticos con la práctica que incurre en V.M. Esta concepción de principios del decenio 2011-2021 se correspondía con un enfoque jurídico (como manifestaciones de las violencias de género) o como su expresión en un tipo particular de ámbito –el mediático–, y es propia de aquella idea que emerge en la década del ´40 y se centra en el abordaje de la influencia masiva de la T.V. (sobre las infancias) en el contexto de los hogares norteamericanos (HERRERA, 1998). En la legislación de este comienzo de decenio la Violencia Mediática era entendida, según la definición legal de carácter nacional en vigencia durante el período analizado (2011-2012),

como una modalidad de la Violencia Simbólica hacia las mujeres. La Ley nacional 26.485 de Protección Integral para Prevenir, Sancionar, y Erradicar la violencia contra las mujeres en los ámbitos en que desarrollen sus relaciones interpersonales fue promulgada el 1 de Abril de 2009, y reglamentada el 20 de Julio de 2010, y en su artículo 6 acápite f precisa al respecto como V.M.:

“Toda aquella publicación o difusión de mensajes e imágenes estereotipados a través de cualquier medio masivo de comunicación, que de manera directa o indirecta promueva la explotación de mujeres o sus imágenes, injurie, difame, discrimine, deshonre, humille o atente contra la dignidad de las mujeres, como así también la utilización de mujeres, adolescentes y niñas en mensajes e imágenes pornográficas, legitimando la desigualdad de trato o construya patrones socioculturales reproductores de la desigualdad o generadores de violencia contra las mujeres”.

Será en la década del ´60 cuando pasamos de los estudios de mujer a los de género, y se comienzan a cuestionar las representaciones socioculturales sobre las mujeres en el espacio público mediatizado. Aun así, los resabios del paradigma que considera las V.M. como expresión de las V.G. aparecían como los modelos teóricos y epistemológicos disponibles para pensar la reconocibilidad social de producción y reproducción del género y sus violencias constitutivas en los medios.

Tres décadas más tarde los estudios sobre la V.M. en el campo radiofónico, de 1996 en adelante, nos permitirían complejizar la mirada y desarrollar un análisis más integral. Varias autoras y autores latinoamericanos de escasa citación en los materiales previos, fueron referencias obligadas² para nuestra investigación. Retomando los trabajos de la investigadora española Pilar López Diez, como antecedentes teóricos relevantes sobre la Comunicación con Perspectiva de Género en Radio (a nivel iberoamericano) y a la luz de los iniciales estudios en el campo, estábamos en condiciones de hacer un planteo

² Es el caso de Isabel Moya (Cuba), Rebeca Madriz y Vicente Romano (Venezuela), María Suarez Toro (Puerto Rico), y a nivel nacional Laudano C., Maffía D., Vasallo M., y Chaer S. 25 Al respecto véase Camerilo S., y Amado Suarez A.; Fernández Hasan V.; Ferrero S., González V. y Vega Kart A.; Uzin M.; Bianciotti M.; Lagunas C.; Lencina K.; Balestrin A.; Gregorio Gil; Andrés del Campo Susana; Mancipas Chávez, Rosalía; Lledó, Eulalia (1992); Sánchez Leyva (2007); Tannen, Deborah (1996); De Miguel C. (2004); Fiol A., Logiodice L. y Rugna C.; Rovetto F; Puñal Rama, A.; Castro Vázquez O.; Rodigou M.; Carballido G (2010).

distinto: Era necesario comprender las V.M. como un complejo e interconectado Sistema de condiciones y condicionantes, más allá de expresiones clasificables y tipologías plasmadas en los contenidos escuchados y clasificados como violentos.

Nuevos planteos

Cuando hablamos del lenguaje radiofónico como un sistema semiótico (BALSEBRE, 1994: 27) entendemos que el medio pone en juego, a través del lenguaje, los sistemas expresivos de la palabra, la música, los efectos sonoros y el silencio, en relación con los recursos técnico expresivos de la reproducción sonora y la percepción del oyente.

A partir de ese planteo desarrollamos un punto de vista sobre las V.M. que pretendía superar los esquemas deterministas y funcionalistas de la representación del lenguaje y la imagen desde el género. Esta mirada asume que la V.M. –como modalidad de la violencia simbólica–, opera tanto por acción como por omisión, e interdependientemente con otros tipos de violencias de género.

Para nosotros las Violencias Mediáticas de Género operan como un sistema significativo que articula mecanismos de base del funcionamiento social bajo el principio funcional de las violencias de género: Aquella que restaura el orden simbólico a través de múltiples estrategias, combinando los elementos integrantes del sistema, a fin de reproducir su funcionamiento.

Las V.M.G. utilizan la plataforma mediática para su reproducción porque en ellas convergen modalidades de enunciación, tópicos, retóricas, saberes técnicos e instrumentales, y tradiciones filosóficas y políticas, voces mediatizadas y tecnología de contacto.

La V.M.G. es por tanto una categoría que da cuenta de un complejo sistema semiótico cuya potencialidad operativa radica en la diversidad de relaciones complejas que establece *entre* tres dimensiones: la violencia, el género, y lo mediático. Como sistema significativo desborda los análisis

centrados en la dimensión del lenguaje y nos habilita a repensar el discurso mediático desde los regímenes de visibilidad/reconocimiento que pone en juego, y los cruces con el dominio de lo público, lo privado y lo político.

Cuando iniciamos nuestro recorrido de investigación decíamos, partimos del supuesto de la V.M.G. como una *manifestación* evidente de la actualización de esta tradición patriarcal, sexista y androcéntrica del campo mediático. En términos de Sánchez Leiva, una concepción representacionista o correspondencialista del lenguaje (SÁNCHEZ LEIVA, 2007: 67). Tras una revisión crítica pudimos desarrollar las dimensiones de análisis que nos permitieron hablar de un complejo entramado de condiciones de producción discursivas (VERÓN, 1987) que articula, en el ámbito mediático, la legitimación sociocultural de la jerarquización de las relaciones de género en base a la diferencia sexual.

Resemantizamos así las *manifestaciones* de V.M. para entenderlas como *configuraciones* de la matriz androcéntrica y heterosexista de nuestra cultura que es la que opera en las representaciones de las relaciones de género, en las condiciones de acceso de las mujeres e identidades sexo-genéricas no masculinas al sistema mediático, en su permanencia, en los medios disponibles para el desarrollo de condiciones de enunciación en equidad y en el tipo de reconocimiento del campo hacia la presencia significativa de mujeres en él.

El análisis de las prácticas periodísticas que en esta matriz se desarrollan nos permite dar cuenta de las expresiones de un *andro-hetero-centrismo mediatizado*, cuyo carácter semiótico radica en las potencialidades que tiene esa práctica en tanto performatividad del género desde el lenguaje, inscripto en el dialogismo social de la semiosis infinita.

Pensar las V.M. en esta clave -y semantizarlas *Violencias Mediáticas de Género como Sistema Semiótico*- nos permitió nutrir a su vez las categorías de andro y heterosexismo, considerándolas no ya como dos dimensiones de la cultura sino en tanto matrices de inteligibilidad que transversalizan la cultura y en ese mismo acto, performativamente, la definen y habilitan/restringen prácticas modeladoras de sentido. La transversalidad de ambos conceptos (en lugar de su desagregación) permite pensar la estereotipia mediática y el

lenguaje sexista como las puntas del iceberg, y relacionar la V.M.G. con *otras modalidades* de violencia que coexisten en la misma matriz. Nos referimos por ejemplo a la violencia obstétrica, económica, laboral, etc.

El análisis del sistema mediático desde la categoría de las V.M.G. es complejo, pero no porque revista de operatorias inclasificables, sino porque pone en juego -simultáneamente-, una serie de dimensiones interdependientes propias del orden del género, de la V.G., y de lo mediático. Es precisamente allí donde radica la potencialidad del concepto de V.M.G. como sistema semiótico.

Enfocar el problema de las V.M.G. como una sumatoria de *manifestaciones de la violencia* nos haría ver el árbol y perdernos de la perspectiva del bosque. Benjamín Arditi (1991) explica que la totalidad social debe poder ser vista desde la perspectiva del archipiélago, donde la totalidad sería equivalente a un diagrama o mapa rizomático de puntos nodales o centros de fuerza que también son, a su vez, construcciones rizomáticas.

De este modo, el lenguaje, los medios técnicos, y los marcos de reconocibilidad de los que disponen las audiencias son puntos nodales donde se tensionan y distienden las articulaciones posibles entre género, violencia de género y medios de comunicación. Como ya dijimos, hablamos entonces de *configuraciones* en lugar de *manifestaciones* de las V.M.G.

En este enfoque las tácticas y estrategias de poder y resistencia que entran en juego frente a estas V.M.G. ya no son mediáticas, sino mediatizadas. El efecto de las violencias no es entonces sólo producto de las combinatorias internas de su lenguaje, sino del complejo entramado de relaciones previsibles, y de sus puntos de fuga y resistencias.

De este modo llegamos a producir una clasificación sumamente rica de Estrategias retórico-discursivas que pudieran dar cuenta del complejo sistema de relaciones significantes como Violencias Mediáticas de Género, que dimos por llamar las *Estrategias Retóricas de las V.M.G. en radio*:

Las citas. O de la iterabilidad del signo

El Estereotipo. O el arte de la simplificación

La invisibilización

El ocultar Mostrando

Todas Nosotras. De lo inclusivo-excluyente

Sobre-nominación

El insulto

El chiste y la burla sarcásticos. Exotizar las diferencias

La pregunta y la repregunta. El hostigamiento sutil

La triple cara de la repetición. La regla, la parodia y la política

¿Sensacionalismo o sensibilización? Retóricas del melodrama

La consecuencia y la complementariedad. El huevo o la gallina

El desnudo de la voz. Despojar al aire

La amenaza

El silencio cómplice

Para identificar, describir y configurar una serie de dimensiones y mecanismos que conforman las lógicas de las V. M. G., retomamos a Ayala (2010), quien desarrolla una línea de indagación centrada en el tratamiento informativo diferenciado entre hombres y mujeres basada en observaciones anteriores donde la autora había observado detenidamente ámbitos significativos de la producción periodística gráfica. A los fines de indagar sobre la cultura profesional periodística y específicamente respecto de las desviaciones en el tratamiento diferenciado por razón de género, identifica diferentes niveles de responsabilidad en la reproducción de estereotipos. Así, las dinámicas profesionales fueron registradas en cuatro niveles:

1. Mecanismos debidos a la organización empresarial.
2. Mecanismos debidos a la cultura profesional periodística.
3. Mecanismos debidos al contexto sociocultural.
4. Mecanismos debidos a la idiosincrasia particular de cada periodista.

Indistintamente respecto de la numeración, los cuatro niveles dan cuenta

interdependientemente de un tratamiento informativo asimétrico para hombres y mujeres que predispone las condiciones para la reproducción de estereotipos de género.

En 2019 iniciamos una segunda etapa en el desarrollo de nuestro enfoque. Retomamos estos aportes de Ayala y los complementamos con tres conceptos centrales que operan de cronotopía sobre la materialidad de nuestro campo, la radio: *El tiempo de la palabra* en radio, las *categorías Profesionales* de las y los intervinientes en la comunicación (roles) y el *sistema de ubicaciones* (horizontales y verticales, simétricos-asimétricos).

Implementamos estas categorías en el análisis de otras emisoras, ambas pertenecientes a un mismo multimedio universitario –nos referimos al Multimedio SRT de la Universidad Nacional de Córdoba–, en sus frecuencias AM 580 y FM 102.3. Lo hicimos en el contexto de la beca postdoctoral CONICET que permitió el desarrollo de la investigación titulada “Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización” (2017-2019).

El carácter estructural de la desigualdad de género en el campo laboral, las dinámicas de precariedad, desamparo y sus efectos diferenciales sobre las mujeres tienen un efecto diferencial sobre las mujeres y las personas LGTTBIQ+. Comenzamos entonces a considerar cada vez con más peso el contexto y las condiciones de producción discursivas en el marco del alcance de la categoría V.M.G. mencionada. El fenómeno del impacto diferencial del género en las trayectorias laborales de las mujeres, conocido como brecha laboral de género, y los consecuentes estadios, metaforizados como “pisos pegajosos”, “escaleras de lodo” y “techos de cristal”, son dimensiones del problema (Tannen Deborah, 1994; García de León Ma. Antonia, 2002; López Díez, Pilar, 2005) se volvieron centrales para un nuevo avance en el desarrollo del modelo integral de análisis que desarrollamos.

En el período 2017-2019 el total de profesionales empleados/as en los 4 medios privados de comunicación más relevantes de la provincia de Córdoba, citados en el informe producido por Chaer y Pedraza (2018) eran

porcentualmente:

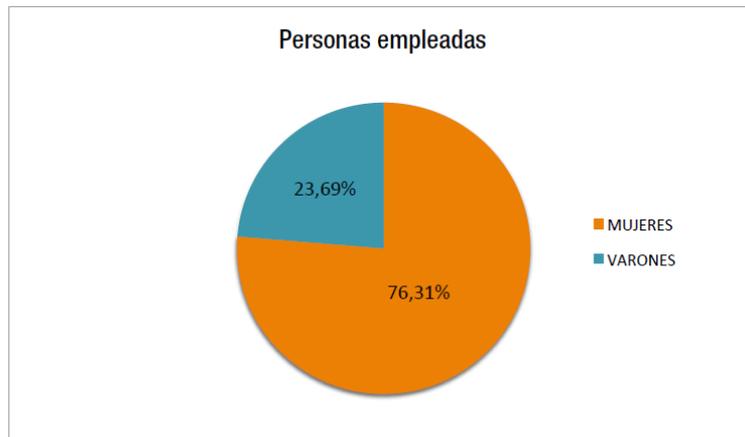


Gráfico N° 1. Título: Personas Empleadas. Fuente: Informe "Organizaciones de medios y género" Igualdad de oportunidades para mujeres y personas LGTTBIQ+ en empresas, sindicatos y universidades" (CHAER S. y PEDRAZA V.; 2018), p. 96.

Y en comparación Córdoba-Buenos Aires, el porcentaje de egreso de las carreras de comunicación en universidades públicas y el acceso al mercado laboral en el campo de la comunicación social y el periodismo tenía un porcentaje similar entre las provincias, y un desfase muy drástico en función de la variable género de sus profesionales:

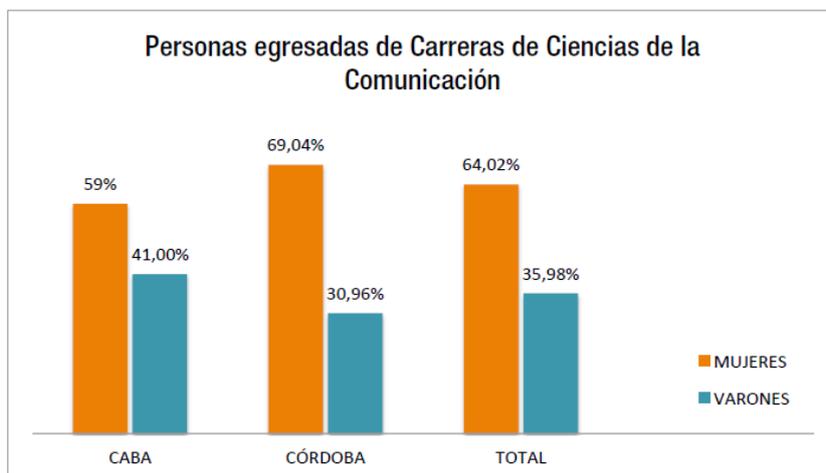


Gráfico N° 2. Título: Personas egresadas de carreras de Ciencias de la Comunicación. Fuente: Informe "Organizaciones de medios y género" Igualdad de oportunidades para mujeres y personas LGTTBIQ+ en empresas, sindicatos y universidades" (CHAER S. y PEDRAZA V.; 2018), p. 145.

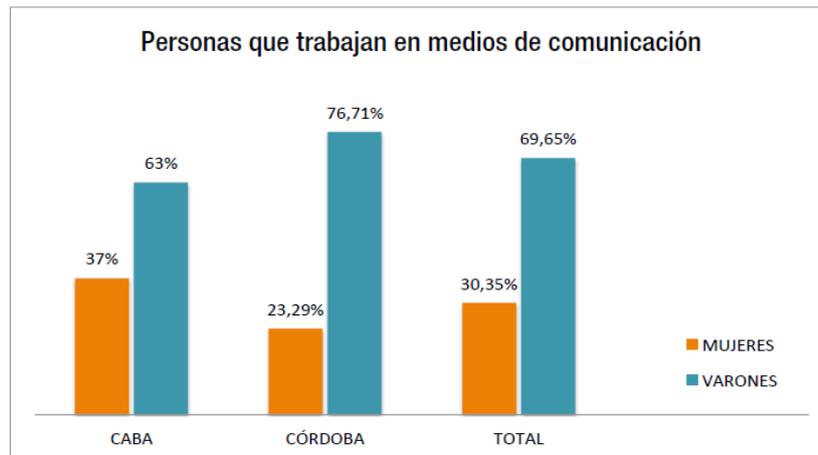


Gráfico N° 3. Título: Personas que trabajan en medios de comunicación. Fuente Informe "Organizaciones de medios y género" Igualdad de oportunidades para mujeres y personas LGTTBIQ+ en empresas, sindicatos y universidades" (CHAER S. y PEDRAZA V.; 2018), p. 140.

Este panorama nos permitió desarrollar la *dimensión Institucional* que en la primera etapa de la década de trabajo no había logrado la relevancia que los datos contextuales ameritaban, y que la nueva categorización de las Violencias Mediáticas como Sistema Semiótico habilitaban.

Fue entonces que identificamos 4 Operaciones Retóricas Discursivas y fichamos su aparición siguiendo las 4 clasificaciones propuestas por Ayala (2010).

La TPGS en Radio

La respuesta al carácter estructural de las desigualdades de género en los ámbitos laborales y productivos, ha sido internacionalmente promovida desde el paradigma de la Transversalización de la Perspectiva de Género (TPG), y esta noción se ha instalado como un interrogante cada vez más presente en los estudios de la cultura mediática, la sociología de las comunicaciones, los estudios del lenguaje y los estudios de género. Transversalizar la perspectiva de género es un proceso estratégico de índole sociocultural y político que surge como objetivo de los organismos internacionales (BEIJING, 1995) frente a las demandas del movimiento de mujeres global y pretende dar respuesta a las inequidades de género. Implica acciones en el orden de legislación, políticas y/o

programas, en todos los ámbitos y niveles, en pos de crear capacidades institucionales para la implementación de acciones positivas y la participación ciudadana. Su abordaje requiere aún de una profundización conceptual acorde a un paradigma interdisciplinario y, a la vez, de la articulación de metodologías de análisis situadas.

Nuestro enfoque retomó los aportes de Caruncho Michinel (2010), que sostiene que la perspectiva de género se conforma a través de tres ejes de visibilización: la construcción de un sistema sexo/género (2010: 18), el uso y la división de espacios (ámbito público y privado) con funciones sociales que dependen del reconocimiento, valoración y jerarquización sobre lo público (2010: 19), y finalmente, sobre las dinámicas de opresión. A partir de estos tres ejes, y con el recorrido previo, pudimos llegar al diseño (e implementación) de un Sistema de Indicadores para el abordaje de la TPGS en radio.

El Sistema de Indicadores

El Sistema de Indicadores (en adelante S.I.) es un detallado conjunto de indicadores que permite el abordaje de la dimensión institucional y enunciativa de las emisoras desde el enfoque de género. Fue desarrollado entre 2017 y 2019 en el marco de la investigación postdoctoral mencionada y se basó en los indicadores GSMI de UNESCO sobre medios de comunicación, los correspondientes al Monitoreo Global de medios de la WACC, los indicadores de CEPAL que han inspirado los criterios de ISOQUITO y sus actualizaciones, los indicadores de progreso (2015) de la OEA mediante el Protocolo San Salvador, la guía de indicadores BDP ESP (MESECVI), los indicadores del INEC (Instituto Nacional de Estadísticas y Censos) de Costa y los de la agencia GIZ, expuestos en su guía para la elaboración de un sistema de seguimiento basado en resultados sensibles al género (ALEMANIA, 2014).

El S.I. adopta la información recogida desde un enfoque cuantitativo apoyado principalmente en la técnica de registro y fichaje de emisiones sonoras (Subcorpus 1), lo articula a un trabajo de análisis cualitativo del discurso, y lo

pone a dialogar con un conjunto de entrevistas abiertas a profesionales (Subcorpus 2) que se añaden al material disponible.

Permite el registro y clasificación de las variables correspondientes a la Dimensión Institucional de los discursos analizados (las emisiones y las entrevistas).

También permite ubicar la construcción de las imágenes de enunciadore/as y destinatari/as que se construyen en las emisiones al aire; las estrategias y los presupuestos y sobreentendidos que emergen respecto de las condiciones de desarrollo profesional y temas de la agenda de género, todo esto correspondiente a las dimensiones Referencial y Enunciativa.

Desde una perspectiva sociodiscursiva la construcción del *corpus de análisis* que es insumo para nuestro S.I. implica el trabajo en dos registros. El primero es sonoro y corresponde a una muestra de la programación de emisiones radiofónicas. El segundo es un compendio de entrevistas a profesionales del medio. De este modo constituimos:

Un primer Subcorpus, conformado por un *Universo Muestral* (UM) compuesto por las emisiones de programas al aire, durante tres meses, en las emisoras seleccionadas, a fin de obtener un universo muestral variado, manteniendo el balance de emisiones matutinas, vespertinas y nocturnas, en semana y fines de semana.

En nuestras investigaciones el U.M. fue conformado por una cantidad considerable de horas de registro, a partir del cual se elaboraron siete (7) *Unidades de Análisis* (UA), mediante el criterio de selección de segmentos o piezas radiofónicas cuya particularidad remite al género periodístico en el cual se presenten. Distinguimos entonces: 1) Segmentos de apertura y cierre de programas, 2) Columnas de opinión, y Mesas de Café o Tertulias, 3) Diálogo radiofónico, comentarios y opiniones entre conductore/as y co-conductore/as, 4) Entrevistas, 5) Crónicas y/o móviles, 6) Música, 7) Publicidad. Esta organización del material nos permitió registrar, a modo ilustrativo, la siguiente distribución del conjunto de ambas emisoras del multimedia universitario abordado:

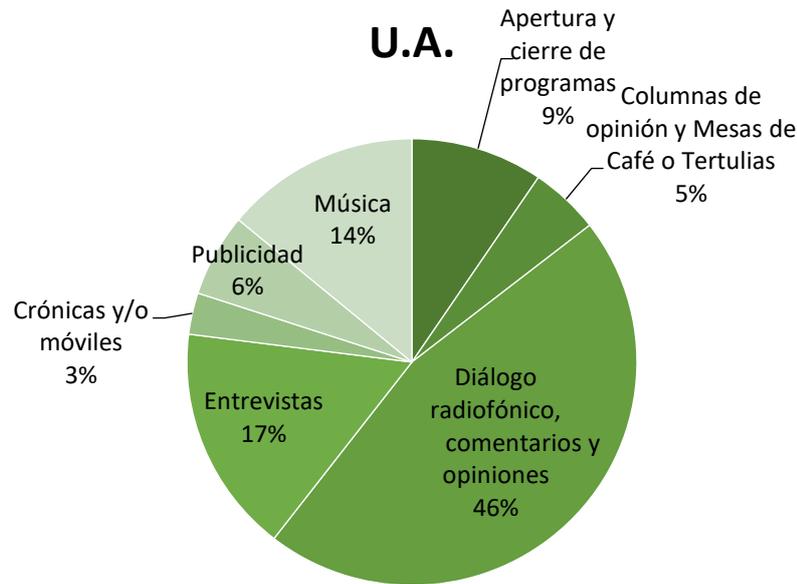


Gráfico N° 4. Título: Unidades de Análisis. Fuente: "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

Desde una *Dimensión cuantitativa* en este Subcorpus se registran la duración de los fragmentos seleccionados, la proporcionalidad en función del tiempo total de emisión, la cantidad de voces intervinientes, el sexo de las voces, la jerarquización de temas tratados, su tratamiento, enfoques involucrados, y tiempo por tema tratado.

A partir de allí se realiza un trabajo descriptivo en base al método comparativo, bajo el procedimiento de observación-escucha, y de transformación de los datos en información, y se implementa una ficha modelo que ayuda a su registro.

En la *Dimensión cualitativa* se identifican las tópicos generales y de recurrencia, los géneros y formatos en los que aparecen, y se busca representatividad tipológica por medio del método de "saturación de categorías". Así, se elaboran tipologías iniciales (*Clusters*).

Con estos procedimientos estamos aplicando el esquema del Sistema Semiótico Radiofónico (BALSEBRE, 1994: 27) al análisis socio-discursivo de las piezas radiofónicas, desde la materialidad propia del corpus, lo cual a su vez nos

permite registrar los resultados en una ficha modelo (Ficha N° 2) que incorpora las diversas estrategias y modalidades del decir –específicas del discurso radiofónico–, como así también los posicionamientos del enunciador ante lo que se dice (MATA y SCARAFÍA: 1993), el predominio de géneros discursivos y jerarquización temática, el sistema de ubicaciones, turnos, y tiempos del habla en función de una perspectiva de género (entre otras dimensiones, incluye la división sexual del trabajo en la rutina del medio, representación de mujeres y hombres como personas mencionadas o entrevistadas y tiempo hablado, representación de género según profesión/ocupación, la presencia de las mujeres y hombres según los temas tratados en las noticias, la forma en que los informativos les presentan, presencia de periodistas que cubren las noticias respecto a sus compañeros) (LÓPEZ DIEZ, 2001, 2005), entre otros.

Un segundo subcorpus, que corresponde a entrevistas a profesionales en ejercicio en los medios incluidos en el estudio, y actores institucionales y académicos del campo. La exploración de carácter cualitativo se elabora mediante entrevistas abiertas y en profundidad, abordando sus trayectorias laborales y sentidos emergentes de la TPGS.

Parte de un especial hincapié en el análisis del discurso situado institucionalmente, de una caracterización de las emisoras en un mapeo comparativo durante el período en cuestión, incluyendo las políticas institucionales de producción, los objetivos explícitos e implícitos y su ubicación dentro del mercado mediático, y se enfoca en indagar sobre las trayectorias laborales de las/los profesionales del medio desde un análisis sociodiscursivo de los sentidos atribuidos a los impactos del fenómeno que se requiera investigar vinculado a las trayectorias profesionales.

Validación metodológica y resultados

Este esquema metodológico ha permitido –en el marco de la investigación postdoctoral mencionada–, reconocer los roles sexuados y su distribución en la programación de las emisoras, así como su asociación a

géneros periodísticos, de opinión, o de información:

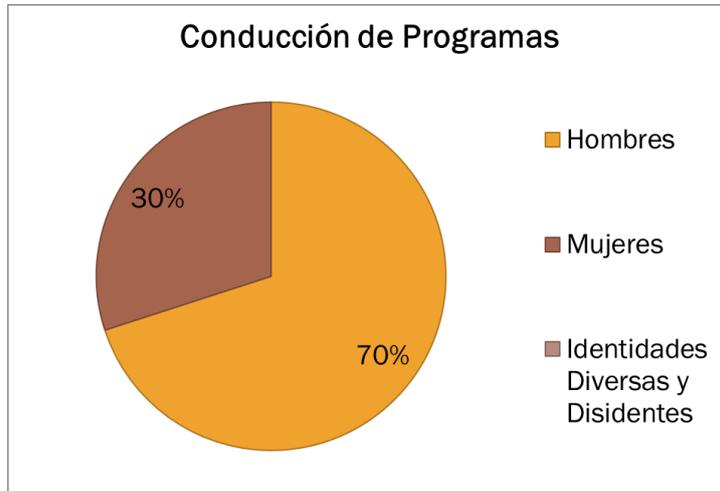


Gráfico Nº 5. Título: Roles Sexuados y su distribución en la conducción de la programación. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

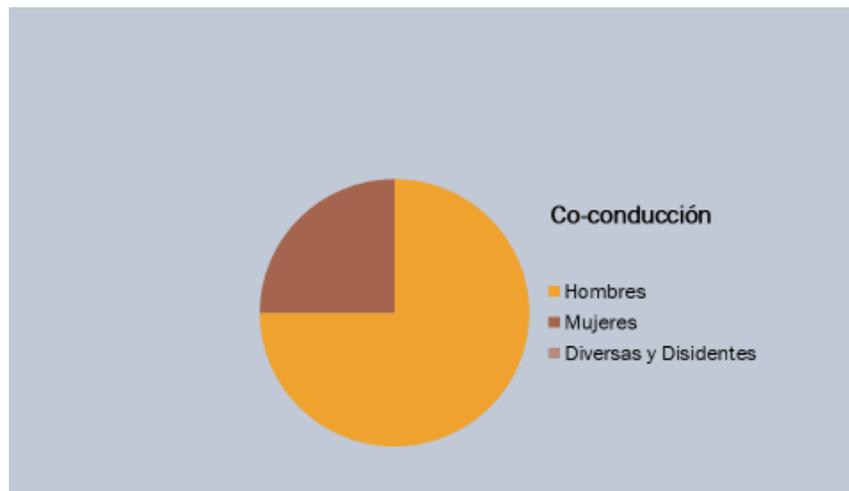


Gráfico Nº 6. Título: Distribución de roles en co-conducción. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

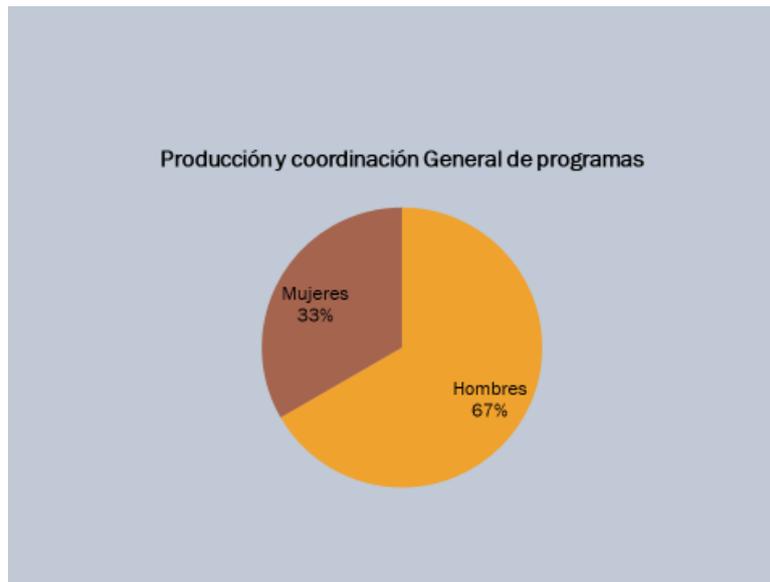


Gráfico N° 7. Título: Distribución de roles en Producción y coordinación general de programas. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

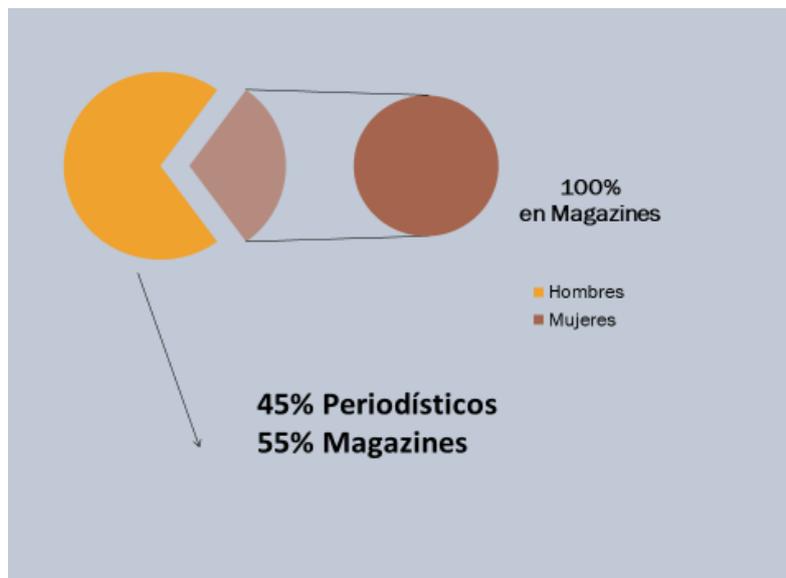


Gráfico N° 8. Título: Asociación de roles a géneros periodísticos. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

También, y en un grado más sutil pero evidente, esta metodología permite registrar y analizar la distribución de la palabra en diferentes momentos de un programa, y asociar la significación de los turnos de habla al momento de aparición en el programa, y no sólo a la cantidad de tiempo al aire.

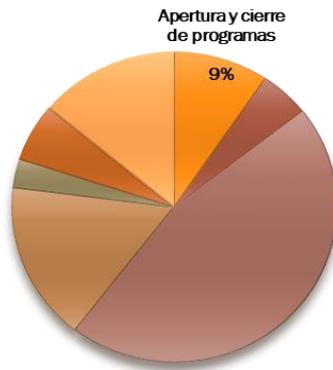


Gráfico N° 9. Título: Porcentaje de segmentos de apertura y cierre de programas en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

El tipo de conducción se presentó mayoritariamente unipersonal y masculinizado (75%) y de ese 75% sólo el 33% incorpora dialógicamente a las locutoras (que están en rol de co-conducción) en las aperturas:

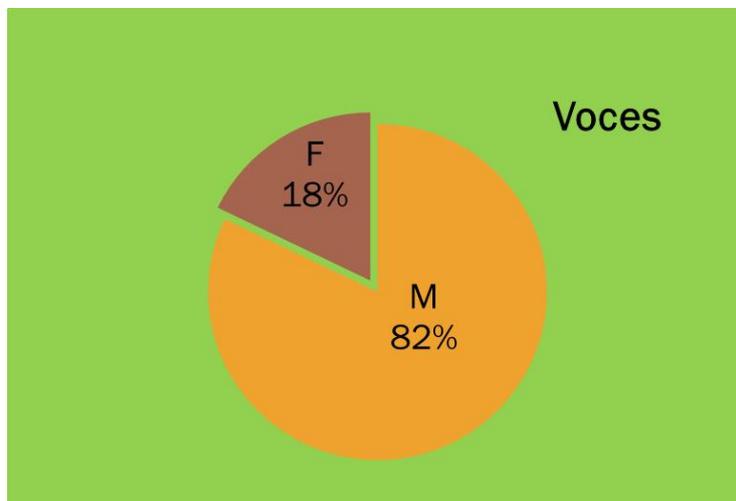


Gráfico N° 10. Título: Voces en apertura y cierre de programas. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

Las columnas de opinión abarcan 340 minutos de una una muestra de 6.750 minutos, es decir, el 5%. En ellas la distribución está concentrada en un 73% en 3 programas, conducidos 100% por varones.

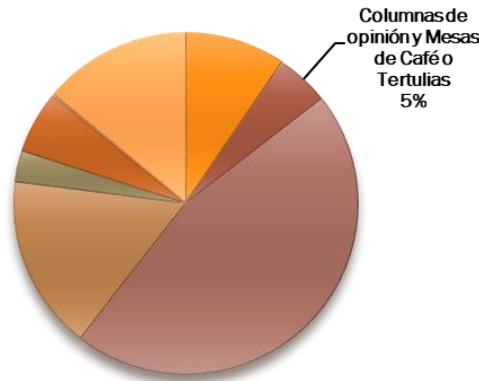


Gráfico N° 11. Título: Porcentaje de columnas de opinión y mesas de café (o tertulias) en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

De un total de 28 voces, 21 representan a identidades masculinas (75%), 6 a femeninas (21%) y 1 a identidad de género diversa (gay masculina) (4%). Sin embargo, si miramos la cantidad de veces que aparecen segmentos de columnas en los programas, la tendencia masculina se acrecienta y el porcentaje de veces que varones asumen rol de columnistas es de un 90% (36 veces) es asumido por voces masculinas, un 8% (3 veces) por voces femeninas y 1 vez por voz gay (2%).

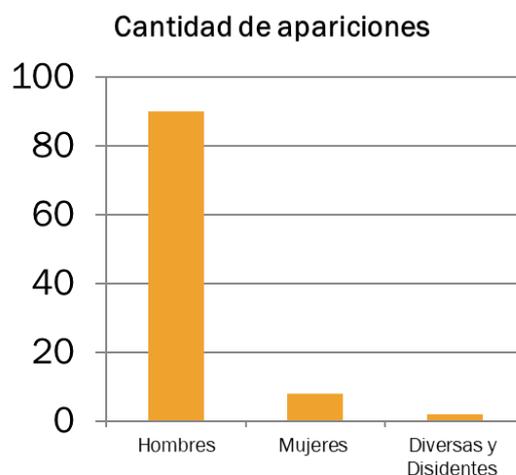


Gráfico N° 12. Título: Cantidad de apariciones de las voces en columnas de opinión y mesas de café (o tertulias). Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

Las voces que participan en la U.A. diálogo radiofónico (comentarios y opiniones) son 32. De ellas el 75% son masculinas (24) y 25% femeninas (8). Se registra ausencia de voces trans en la muestra seleccionada. Los roles desde los cuales asumen la enunciación representan una conducción 71% masculina-29%femenina; una co-conducción 85% masculina-15%femenina; una locución de turno 55% masculina-45%femenina, y una voz de personificación humorística masculina.

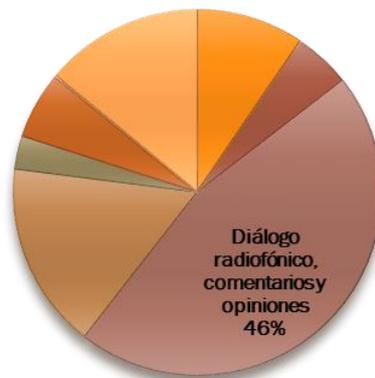


Gráfico N° 13. Título: Porcentaje de Diálogo radiofónico (comentarios y opiniones) en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

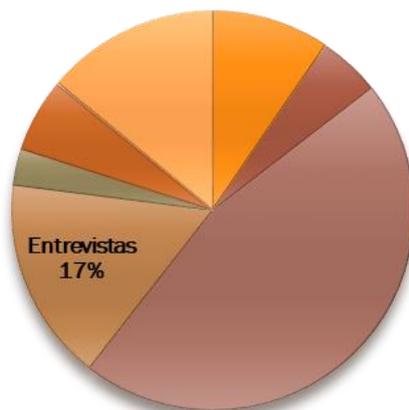


Gráfico N° 14. Título: Porcentaje de U.A. Entrevistas en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

La distribución de voces que entrevistan y que son entrevistadas es de un 77% entrevistadores masculinos y 23% entrevistadoras femeninas. Del 77%, es decir, de las veces que los varones entrevistan, en un 74% lo hacen tomando como fuentes a otros varones, y en un 26% a mujeres. En el caso de las entrevistadoras mujeres en un 29% entrevistan a otras mujeres y un 71% de las veces a varones, confirmando la tendencia sexista en el reconocimiento de las voces con status de fuentes.

Las crónicas representan el 3% de la programación analizada. En la muestra aparecieron seis movileros/as y cronistas. De las 30 salidas al aire registradas, 19 corresponden a la voz masculina y 11 a la femenina, es decir 63%-37%. Cuando las crónicas incorporan voces masculinas como fuentes lo hacen en un 75% –24 salidas– (otorgando aire a varones abogados, fiscales, gremialistas, etc), y cuando se incorporan voces femeninas lo hacen en un 25% de las veces –6 salidas– (vinculadas como detenidas o testigos en casos judiciales por delitos de Lesa Humanidad).

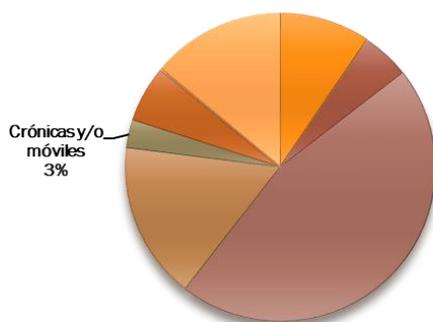


Gráfico N° 15. Título: Porcentaje de U.A. Crónicas y/o móviles en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

Los temas abordados y las fuentes consultadas también son plausibles de registro y análisis: En sólo 3 de las 40 columnas (7%) se alude a temas conexos al macro tema. Los temas abordados por las columnas son 33. Las voces masculinas (17) asumen 84% de los temas y estos son: Política

Internacional, Política Nacional, Literatura, Ambiente, Cultura, Educación, Tecnología, investigación y redes, Inmigración, Climáticos, Sexología, Moda, Trabajo (reforma laboral, legislaciones, jubilaciones), Periodismo (alianzas, campo), Derechos Humanos, Pobreza, Historia, Políticas sociales (ANSES), Hábitat. Las voces femeninas (6) asumen los temas de Literatura, Derechos Humanos, Ambiente, Salud, Cocina, Aborto y Economía aspectos macro (dólar etc), logrando alcanzar un porcentaje de 16% (3 de 36 temas tratados).

Siguiendo la tendencia mundial, la muestra arrojó el dato de la distribución sexuada de las fuentes consultadas en las columnas. En nuestra muestra, cuando involucraron voces como fuentes, en un 100% fueron masculinas (2 voces masculinas integran en sus columnas a 3 voces masculinas).



Gráfico N° 16. Título: Mujeres en los medios de América Latina. Fuente "Global Media Monitoring Project" (2015).

Otro aspecto novedoso que permite abordar el Sistema de Indicadores es el registro de la sexualización de la música, tanto en la selección de artistas por género predominantes en la programación, como en el empleo de la música femenina y su asociación a determinadas tópicos, el uso metafórico del contenido musical y hasta la tendencia editorial de un programa y el posible

sesgo de género en sus políticas de musicalización.

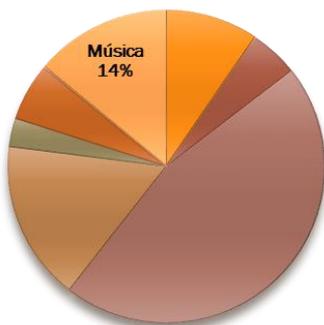


Gráfico N° 17. Título: Porcentaje de U.A. Música en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

La música se presenta en un 71% de las veces (15) bajo interpretaciones hechas por voces masculinas y 29 % de las veces (6) por voces femeninas. Aquí, ninguna vez apareció una voz disidente bajo este criterio de concordancia temática al contenido del programa. Respecto de los temas musicales estéticos, en un 82% de las veces fueron interpretados por voces masculinas (216 temas), 16% por voces femeninas (43 temas) y sólo un 2% por voces disidentes (otres y mixtas). Respecto de la artística, los separadores se presentaron 52 veces y de estas, el 75% corresponde a separadores con voces masculinas (39 veces), el 24% con voces femeninas (12 veces), y el 2% con voces diversas, otras (1 vez).

En cuanto al análisis del discurso situado institucionalmente, pudimos registrar algunos fenómenos como la distribución diferencial de la publicidad en radio:

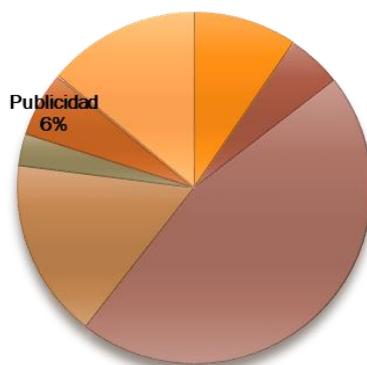


Gráfico N° 18. Título: Porcentaje de U.A. Publicidad en la Muestra. Fuente "Proyecto de Investigación Postdoctoral: Indagaciones sobre la perspectiva de género en radio. Un abordaje socio semiótico desde el enfoque de transversalización" (2017-2019)". (Elaboración propia. CONICET, 2019).

En sólo 4 de los 34 rubros temáticos, las voces masculinas no tienen participación, es decir que participan del 88% del registro. Dentro de los 15 rubros que se presentan asumidos de manera mixta o alternada (según el caso) la tendencia muestra un 79% de participaciones masculinas y un 21% femeninas. Las PNT se distribuyen en un 63% para las voces masculinas (33) y un 37% femeninas (19). No hay registro de voces trans en la muestra.

Otro aspecto que pudimos reconocer y profundizar con el dispositivo metodológico en cuestión fue el clima laboral y los contextos enunciativos vinculados a noticias violencias de género y sobre feminicidios. El instrumento arrojó contextos enunciativos diferenciales para las trabajadoras del medio a posteriori de haberse convertido en madres, incomodidades en calidad de testigos/as frente a situaciones de humillación y menosprecio profesional condicionados por el género, y retóricas discriminatorias, culpabilizantes, sexistas, o misóginas frente a determinados temas dentro de la agenda de informaciones y coberturas sobre violencias de género. De 92 intervenciones vinculadas a 44 temas, el 8% aludió a las retóricas de: la información de servicios; de la naturalización de la excepcionalidad en el compromiso masculino en estos temas, de la frivolidad y subestimación femenina en estos "temas duros", del imaginario sexista y heteronormativo de la propiedad sexual

y la moral religiosa apelando a la estrategia retórica de la ironía; o de la pedagogía masculina en territorio futbolístico y reproducción del sexismo en el deporte.

De los 8 programas, en 6 se mencionó algo vinculado a género y sexualidades. De las 10 menciones, 6 se asocian a la estereotipificación femenino-masculina. Es el caso de 4 figuraciones que aparecen con fuerza en el relato y son: la mujer madre (en sus variantes de la mistificación de la maternidad, las tareas domésticas de una madre, el sacrificio de la madre soltera), y la estereotipia femenina de la mujer militante. También la estereotipia femenina se asocia a tareas y oficios vinculados a lo femenino y lo masculino. En sólo os ocasiones se mencionan temas de agenda feminista como la violencia de género o el aborto.

Los chistes sexistas y homolesbotransfóbicos eran parte del contexto enunciativo de las emisiones al aire, y sólo mediante el aplicativo del Subcorpus 2 fue posible registrar su aparición. Allí se mencionó ue muchas veces institucionalmente se argumenta desde el desconocimiento, desde la retórica de la ingenuidad “no sabíamos, no sabemos cómo hacer” cuando la información está a la orden de un click en Google. Varias entrevistadas expresan que este tipo de desconocimiento tiene que ver con comodidad, y con privilegios. En este sentido no estamos hablando de desconocimiento sino de un posicionamiento que genera incomodidad y que sabe que del otro lado esa incomodidad se va a sostener para dar continuidad a la tarea laboral. Esto puede ilustrarse con los ejemplos de chistes homofóbicos que les entrevistadas relatan haber escuchado en el contexto laboral.

El último paso, tras la aplicación y el análisis del S.I., consiste en un análisis integral, pormenorizado y multivariado de los datos obtenidos con la intención de propiciar a los medios y profesionales involucradas/os en el estudio, un informe de resultados y una serie de recomendaciones a modo de propuesta de transferencia en base a la evidencia construida. Para el trabajo con estos indicadores y su aplicación se recomienda una instancia de inmersión y ajuste metodológico según el tipo de emisora con el que se estime trabajar, la

elaboración de un diagnóstico en base a un barrido sonoro de las emisoras y un registro y caracterización del ecosistema mediático.

Conclusiones

Situándonos en la última investigación sobre la cual aplicamos el S.I. – correspondiente a los Servicios de Radio y Televisión de la Universidad Nacional de Córdoba entre 2017 y 2019–, podemos decir que los datos obtenidos y la configuración de una trama de sentidos subjetivados entre las y los profesionales del medio nos permiten afirmar lo que enunciáramos como hipótesis I: “La dificultad para el acceso a una formación con perspectiva de género y su correlato en las inequidades del ingreso al campo mediático, junto a las discriminaciones por género y sexualidades con un carácter sexista, androcéntrico y homolesbotrasfóbico de ambos (académico y mediático) constituyen un condicionante para el desarrollo de trayectorias profesionales y de TICS con perspectiva de inclusión”.

Teresa De Lauretis trabaja el concepto de punto de vista excéntrico cuando alude a prácticas feministas que han (re)construido posiciones que los discursos hegemónicos ubican fuera de plano. Esos movimientos son descritos por la autora como prácticas de oposición y nuevas formas de comunidad desde los márgenes (entre líneas y a contrapelo) “frente a discursos hegemónicos y en los intersticios de las instituciones” (DE LAURETIS, 1993: 33). El trabajo investigativo permitió identificar aquellas prácticas que remitían a otros modos, excéntricos y no necesariamente abyectos de participación en el orden de la enunciación, inconsecuentes a las lógicas del exotismo, la mistificación, y la complementariedad (Hipótesis II). Las estrategias de las y los profesionales, vinculadas al acceso, permanencia, ascenso, y proyección que pudimos ir identificando junto con las lógicas del campo que fuimos reconociendo nos permitieron configurar un mapa y cartografiar modos de participación, alianzas y supervivencia así como propuestas e ideas innovadoras para el fenómeno estudiado.

El trabajo presentado aportó también un marco teórico sólido sobre la TPGS y es un aporte a posibles aplicaciones en medios radiofónicos –no sólo universitarios– que estén dispuestos a reconocer que las decisiones institucionales tienen un efecto político y simbólico (entendiendo que todo discurso es una estrategia política), y configuran una matriz de inteligibilidad y reconocimiento con sesgos de género y sexualidades (Hipótesis III). Recuperando sentidos del propio personal del medio, la investigación construyó un compendio de alcances sobre la TPGS, los riesgos y las ganancias de su implementación, así como una guía de recomendaciones para su implementación.

Este recorrido nos sitúa hoy en condiciones de avanzar en la profundización del estudio de las V.M.G. en diversos tipos de radios, vinculadas a distintos temas de interés y relevancia social, y a la proyección de políticas públicas en el campo de la comunicación y la cultura, que promuevan una incorporación gradual de la TPGS en nuestro ecosistema de radios y medios sonoros.

El antecedente desarrollado en este artículo también oficia de base para el estudio de otros fenómenos vinculados a los ya estudiados –escasamente abordados–, recuperando el enfoque teórico y metodológico planteado. En este sentido durante 2020 y 2021 trabajamos en el diseño de un proyecto próximo que retoma la base teórica y epistemológica anterior, y la focaliza en la comprensión del fenómeno de la *subrepresentación sexo-genérica en radio*, específicamente en dos sub fenómenos: la *racialización* y la *transfobia*.

Continuar profundizando lo desarrollado hasta aquí y avanzar en un análisis sociodiscursivo de estos dos fenómenos en las emisoras de distintas latitudes, se presenta como un camino posible y deseable. Esto nos permitirá comprender las redes de sentido y dinámicas enunciativas que operan como violencias mediáticas en la trama discursiva contemporánea mediatizada de la radio, y construir progresivamente un acervo de datos primarios pausibles de un análisis comparativo con lo que sucede en otras latitudes locales, nacionales y regionales. Esto sin duda reviste de potencial envergadura para los estudios en

el campo.

Bibliografía

AYALA, Juana. Producción informativa e mecanismos de reproducción de estereotipos de género nos medios de comunicación. En ÁLVAREZ POUSA, Luis y PUÑAL RAMA, Belén (coord.). **Claves para una información non sexista**. Ed. Atlántica, S. de Compostela, España, 2010.

BAJTÍN, Mikhail. **Estética de la creación verbal**. Ed. Siglo XXI, Buenos Aires, 1982.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**, Ed. Cátedra, Madrid, 1994.

CARUNCHO MICHINEL, Cristina. Ética y feminismo. Una aproximación al lenguaje de la teoría feminista. En ÁLVAREZ POUSA, Luis y PUÑAL RAMA, Belén (coord.). **Claves para una información non sexista**. Ed. Atlántica, S. de Compostela, España, 2010.

CHAER, Sandra y PEDRAZA, Virginia. Organizaciones de medios y género. Igualdad de oportunidades para mujeres y personas LGTTBIQ+ en empresas, sindicatos y universidades. **Anais do 20º Congreso REDCOM**. Villa María: Universidad Nacional de Villa María, 2018.

DE FRUTOS, Ruth y VERNUCCI Lenina. Controversias de los Indicadores de Género para Medios de Comunicación: Análisis crítico desde la perspectiva de género. **Anais do IV Congreso Internacional Latina de Comunicación Social – IV CILCS** – Universidad de La Laguna, 2012.

DE LAURETIS, Teresa. Sujetos excéntricos: la teoría feminista y la conciencia histórica. En CANGIAMO, María y DUBOIS, Lindsay (eds.), **De mujer a género, teoría, interpretación y práctica feministas en las ciencias sociales**, Centro Editor de América Latina; Buenos Aires, 1993.

ELÍAS, Norbert. **La sociedad de los individuos**, Ed. Península, Barcelona. García de León Ma. Antonia, 1990.

LÓPEZ DIEZ, Pilar. **Representación de Género en los Informativos de Radio y Televisión**. Segundo informe, Instituto Oficial de Radio y Televisión RTVE, Madrid, España, 2005.

LÓPEZ DIEZ, Pilar. **Representación de Género en los Informativos de Radio y Televisión**. Primer informe, Instituto Oficial de Radio y Televisión RTVE, Madrid, España, 2001.

LÓPEZ DIEZ, Pilar. **Los magazines de la radio española: modelos, tendencias y representación de género**, Facultad de Ciencias de la Información, UCM, Madrid, 1996.

MATA, Maria Cristina; SCARAFÍA, Silvia. Las entidades enunciativas. En **Lo que dicen las radios**. Una propuesta para analizar el discurso radiofónico. A.L.E.R. Quito, 1993.

MORALES, Paula. La condición sexogenérica de nuestras emisoras universitarias. En BOSETTI, Oscar E. **"La radio: 1920-2020: la obstinada vigencia de un medio invisible"**, p. 349-370. 1ª ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2020. ISBN 978-987-558-668-0

MATA, Maria Cristina; SCARAFÍA, Silvia. La transversalización de la perspectiva de

género y sexualidades en radio: El escenario profesional de los jóvenes en las radios del multimedia SRT UNC. **Revista Argentina De Comunicación**, 7(10), 248 - 276, 2020. Recuperado a partir de <https://fadeccos.ar/revista/index.php/rac/article/view/18>

MATA, Maria Cristina; SCARAFÍA, Silvia. Comunicación, Género y Radio: Avances de investigación en un campo emergente. En: BALDESSAR, Maria José; CIMADEVILLA, Gustavo (org.). **Brasil & Argentina: olhares sobre a comunicação** São Paulo: INTERCOM, 2017. pp. 25 a 46. 442 p. ISBN: 978-85-8208-102-0

MATA, Maria Cristina; SCARAFÍA, Silvia. Tesis Doctoral. **Violencia Mediática: Un abordaje socio semiótico sobre el tratamiento del Género en el discurso radiofónico**. CEA, UNC, 2017. Disponible en <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/11083>

MATA, Maria Cristina; SCARAFÍA, Silvia. Representaciones de género y juventud en el discurso radiofónico: Andro-Hetero-Sexismo Comunicacional Mediatizado sobre las y los jóvenes. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**. Universidad Santiago de Compostela, España. Julio 2015. pp. 59-76. Disponible en <http://www.usc.es/revistas/index.php/ricd/article/view/2652/2817>

TANNEN, Deborah. **Género y discurso**, Ed. Paidós. Buenos Aires, Argentina, 1996.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2, Ideas, momentos, interpretantes**, Ed. Paidós, Buenos Aires, 2003.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de un tejido**, Ed. Gedisa, Buenos Aires, 2004.

OTROS, Legislaciones

IV Conferencia Mundial de la Mujer, la Plataforma de Acción de Beijing, 1995.

Ley 26.485 de Protección Integral para Prevenir, Sancionar, y Erradicar la violencia contra las mujeres en los ámbitos en que desarrollen sus relaciones interpersonales, 2009.

A pesquisa sobre podcasting na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós (2015-2020)

Podcasting research from the gender perspective: a look at the works presented in Compós (2015-2020)

Investigación de podcasting desde la perspectiva de género: una mirada a los trabajos presentados en Compós (2015-2020)

Gessielia Nascimento da Silva, Roseane Arcanjo Pinheiro

Resumo

O trabalho busca identificar a existência (ou não) de artigos que envolvam o podcasting na perspectiva de gênero, tendo como referência os aceites da Compós (2015-2020). Observando os aspectos produtivos, teóricos e metodológicos, o recorte se justifica na verificação do que tem sido pesquisado sobre o tema. Para a análise, considerou-se os 17 GTs, durante outubro e novembro de 2020, por meio da pesquisa documental, técnica quantitativa e expositiva, que resultou em 1.020 artigos, mas apenas 60 (56 sobre gênero; 4 sobre podcasting) relevantes. Notou-se que, até aquele momento, não há indícios de produções que entrelacem gênero e podcasting.

Palavras-chave: Podcasting, Gênero, Estado de Arte, Compós

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 11/01/2022 aceito em: 25/07/2022.

>> Como citar este texto:

DA SILVA, Gessielia Nascimento; PINHEIRO, Roseane Arcanjo. A pesquisa sobre podcasting na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 40-68, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Gessielia Nascimento da Silva

gessielan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2446-3443>

Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz. Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA – 2020/2022). É membro do grupo de pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp/UFMA) e Rádio e Política no Maranhão (RPM). Realiza pesquisa sobre jornalismo e convergência, jornalismo transmídia, podcast, história do jornalismo, rotinas produtivas, jornalismo e poder

Roseane Arcanjo Pinheiro

roseane.ufma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8613-0687>

Docente do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) na mesma instituição.

Abstract

The work seeks to identify the existence (or not) of articles that involve the podcasting from a gender perspective, with reference to the acceptance of Compós (2015-2020). Observing the productive, theoretical and methodological aspects, the cut is justified in the verification of what has been researched on the subject. For analysis, it considered the 17 WGs, during October and November 2020, by means of documentary research, quantitative and expository technique, which resulted in 1,020 articles, but only 60 (56 genre; 4 podcasting) relevant. It was noted that so far, there is no evidence of productions that interweave genre and podcasting.

Keywords: Podcasting; Genre; State of art; Compós.

Resumen

El trabajo busca identificar la existencia (o no) de artículos que involucren el podcasting desde la perspectiva de género, con referencia a las acepciones de Compós (2015-2020). Observando los aspectos productivos, teóricos y metodológicos, el corte se justifica en la verificación de lo investigado sobre el tema. Para el análisis, se consideraron los 17 GT, durante octubre y noviembre de 2020, a través de la investigación documental, cuantitativa y la técnica expositiva, que dio lugar a 1.020 artículos, pero sólo 60 (56 de género; 4 de podcasting) relevantes. Se observó que, hasta ahora, no hay pruebas de producciones que entrelacen el género y el podcasting.

Palabras clave: Podcasting; Género; Estado del arte; Compós.

Introdução

Diariamente, a internet provoca mudanças na forma de pensar, consumir e produzir conteúdos jornalísticos, que afetam diretamente as múltiplas esferas e campos sociais. As inúmeras narrativas elaboradas nos mais diversos canais ganham, frequentemente, uma rede significativa de ouvintes e colaboradores nas variadas pautas e causas. Dentre elas, o feminismo, que na visão de Coruja (2018) é uma forma de reivindicar direitos e oportunidades nas questões de gênero.

Produzir conteúdo que abarque o feminismo e suas dimensões ocupa, cada vez mais, os espaços públicos, programas de TV, revistas, jornais e,

também, os podcasts que podem ser identificados pelo conjunto de materiais audiovisuais publicados na mídia digital com atualizações constantes, transferidos ou baixados automaticamente (MICHAELIS, 2021). Reportando às definições de Herschmann e Kischinhevsky (2009), o meio permite uma modalidade de recepção assíncrona, dando ao usuário uma liberdade na hora de consumir o conteúdo produzido.

No que tange a este formato, Luiz e Assis (2010) e Luiz (2011) destacam que o primeiro podcast brasileiro foi criado por Danilo e se chamava *Digital Minds*. Entretanto, somente no ano seguinte aconteceu a intensificação deste fenômeno – como é chamado por Couto e Martino (2018) – em terras nacionais.

Desde o seu advento, este produto tem ganhado espaço na rotina dos cidadãos. Quanto ao crescimento mundial de ouvintes, o *Spotify* informou que entre abril de 2017 e 2018, a plataforma fechou em alta de 330% nos *players* de *podcasts*. Já o *Deezer* relata que no mesmo período o aumento foi de 40% entre os brasileiros (GLOBO, 2019). Essa progressão também reflete no número de participantes da PodPesquisa que, em 2018, estiveram em 22.993, comparado à última edição de 2014, com 16.197 respostas válidas.

No *Podcast Stats Soundbites* (2019), da *Blubrry Podcasting*, o Brasil é apresentado como “flor” por estar em desenvolvimento quanto à mídia no país. O relatório destaca que em 2009, os *downloads* de *podcast* não chegaram ao décimo lugar; já em 2012, cresceram 127%; em 2018, assumiram a segunda posição, com 110 milhões *downloads*, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Dentro desta conjuntura, e tendo como referência a PodPesquisa Ouvintes (2018; 2019-2020) e a PodPesquisa Produtores (2020-2021), percebe-se que a podosfera brasileira ainda é predominantemente masculina (84% em 2018; 72% em 2019-2020; 75,7% em 2020-2021). Mesmo que os dados do relatório de ouvintes 2019-2020 mostrem aumento de 11% nos podcasts produzidos por mulheres, de 16% (2018) para 27% (2019), ainda segue em déficit de 3,7% em 2020-2021, com as referências da pesquisa de produtores.

Ainda considerando o relatório de ouvintes, no quesito interesses e preferências, os assuntos sobre ciências (52,3%), cultura pop (64,9%), política

(42,6%) e feminismo (18,6) são os mais citados. Comparado com o ano de 2018, o consumo de podcast que envolvem questões gênero cresceu 8%. Entre eles estão os programas *Mamilos*, *Imagina Juntas*, *Gaveta de Calcinha*, *Baseado em Fatos Surreais*, *Siriricas Co* e *Família Feminista*.

A relevância da pesquisa gira em torno do seguinte questionamento: quais são as pesquisas que contextualizam o podcast na perspectiva de gênero? A partir disso, as pesquisadoras elegeram os trabalhos apresentados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) nos últimos seis anos, entre 2015 e 2020.

A escolha por este congresso está ligada ao seu objetivo de promover a integração e intercâmbio entre os Programas existentes, dando margem para um levantamento diversificado com trabalhos nacionais e internacionais, e também, por ser um dos mais importantes para o campo comunicacional e referência em nível *stricto sensu*.

A justificativa para o recorte levou em consideração o fato de o congresso ter sido realizado de forma virtual no período da produção deste *paper*, tendo os aceites divulgados previamente, o que possibilitou a coleta do material, e, ainda, por proporcionar ao leitor uma abordagem atual sobre o que tem sido produzido.

Couto e Martino (2018) ponderam que ao direcionar o olhar para investigar aspectos teóricos e metodológicos de um tema ou objeto, alguns percalços serão encontrados. Porém, quando se trata da podosfera, somam-se dois fatores para uma maior complicação: fenômeno recente e ausência de agrupamento crítico.

Devido a isto, para auxiliar na compreensão do podcasting, o aporte teórico terá como base as produções de Lopez (2010), Nóbrega et al. (2015), Vicente (2018a), Herschmann e Kischinhevsky (2020; 2018; 2009), que contribuem de forma marcante para o campo. Alguns dos autores citados acima, como Kischinhevsky e Viana, aplicam o termo rádio expandido nas pesquisas científicas.

No entanto, neste trabalho, não faremos uso do mesmo, apenas das considerações sobre podcasting e suas transformações ao longo dos anos.

Sobre gênero, os delineamentos seguirão as reflexões de Coruja (2018; 2017), Escosteguy (2012; 2008) e Pinto (2003), ambas pesquisadoras brasileiras, e esta última, por sua vez, é utilizada para contextualizar o feminismo no país.

No quesito metodologia, aplicaram-se os ferramentais quantitativo e expositivo. O levantamento ocorreu entre outubro e novembro de 2020, considerando todos os Grupos de Trabalhos (GTs) da Compós, sendo 17 divisões, tendo o *corpus* total de 1.020 artigos. Destes, apenas 60 se fizeram relevantes para a discussão (56 sobre gênero e 4 relacionados ao podcast).

Os objetivos específicos consistem em identificar e categorizar os trabalhos; delinear as metodologias e teóricos de referência; e analisar o material, para averiguar a presença (ou não) de pesquisas sobre podcasting na perspectiva de gênero.

Podcasting e gênero: surgimento e bases conceituais

A etimologia da palavra *podcasting* é reflexo da junção de dois termos: *iPod* (pod), de *Personal On Demand*, referente ao reprodutor de áudio da empresa *Apple Computer* e *broadcasting* (casting), remetendo à emissão e transmissão de sons e imagens. Rojas-Torrijos, Caro-González e González-Alba (2020, p. 2) compreendem o vocábulo, eleito palavra do ano em 2005, pelo *New Oxford American*, como "arquivos de áudios encapsulados para [...] serem reproduzidos em qualquer dispositivo a qualquer momento".

Dentro desta perspectiva, Vicente (2018a, p. 88) trata o *podcasting* como uma prática de "distribuição de conteúdos digitais [...] associada às produções sonoras e que tem experimentado um significativo crescimento nos últimos anos – tanto em termos de diversidade de programação quanto de número de ouvintes".

Lopez (2010, p. 127), quando propôs uma denominação para os formatos sonoros, explicou que o *podcasting* acabou gerando uma nova lógica e apreciação do conteúdo, uma vez que ele "permite a disponibilização de áudios para serem consumidos sob demanda pelo ouvinte-internauta", implicando "em

uma iniciativa do consumidor de informação para buscá-la, baixar em seu computador ou dispositivo móvel e então consumi-la".

No mundo, o precursor do movimento em formato comercial foi Adam Curry, um ex-vídeo jockey (VJ) da MTV. Ele, com um olhar curioso e atento, percebeu um vácuo nas rádios tradicionais, e então, buscou ideias para formalização de um novo produto. Pulga (2019) relata que, em 2000, Curry já produzia seus programas de áudio, com uma duração média de 30 minutos, o que incluía abertura, notícias e músicas.

Porém, o problema enfrentado era como disponibilizar tais materiais, o que seria resolvido posteriormente, quando Dave Winer apresentou a Curry o sistema de distribuição Rich Site Summary (RSS, também conhecido como *Really Simple Syndication*), ferramenta de distribuição que proporciona um formato de *feed* simplificado e padronizado, dando ao usuário um acesso diferenciado, e na sequência adicionaria "um recurso chamado 'enclosure', subelemento responsável por descrever arquivos de diversos formatos, incluindo de vídeo e áudio" (PULGA, 2019, p. 20). Mas somente em 2004 ele seria utilizado, com publicação do primeiro podcast com tal função.

É a união dessas tecnologias – o MP3, o iPod e os softwares agregadores – que possibilitaram a criação do que hoje conhecemos como podcasting. A importância primordial do fenômeno é, essencialmente, seu caráter revolucionário e inovador diante da indústria radiofônica tradicional, pois o ouvinte pode decidir o que escutar e quando quer ouvir os programas (PULGA, 2019, p. 21).

E assim, no mundo, tivemos o primeiro podcast, que nasceu mediante a possibilidade de uma mídia já existente, transformou o momento e abriu um leque de caminhos dentro da podosfera. Já no Brasil, a relação de Danilo Medeiros desde a infância com o rádio e sua programação na década de 1980, foi o condutor para o surgimento do Digital Minds, primeiro podcast nacional, lançado em outubro de 2004, agregado ao blog homônimo, abordando conteúdos variados entre universo *geek*, música e tecnologia, porém, encerrando suas atividades dois anos depois, tendo o último episódio publicado em agosto de 2006.

Contudo, em entrevista concedida a Leo Lopes, do *Alô Técnica*, na *Comic Con Experience 2017*, que ocorreu em São Paulo, Medeiros relata um outro podcast, o *Digitalminds Podcast 2.0*. No entanto, este foi removido após três episódios publicados.

Ainda em 2004, criaram o programa do Gui Leite para testar a tecnologia que ainda estava em desenvolvimento no país, para então mostrar seu potencial midiático, juntamente com o *Perhappiness* e o *Código Livre* (ASSIS; LUIZ, 2010). Nesse mesmo ano, em 21 de outubro, instituiu-se o Dia do Podcast no Brasil, que segundo Pulga (2019) era um movimento nacional para promoção da mídia por meio das redes sociais, tendo o conhecimento do formato pela comunidade como objetivo principal.

Herschmann e Kischinhevsky (2009, p. 104) fazem uma importante observação envolvendo o podcasting nas questões de gênero: “atende aos anseios de organizações não-governamentais, movimentos sociais e ativistas de minorias étnicas, religiosas, sexuais etc., [...]”, deixando claro que não atende única e exclusivamente a este universo, mas, diferentemente de outros espaços, possui uma liberdade maior para abordagem de diversos temas.

Tal fala nos direciona para o segundo ponto deste tópico: as pesquisas e bases conceituais de gênero. Em busca de uma clarificação sobre o termo, no dicionário online Significados (2021), gênero pode ser aquilo que “diferencia os homens e as mulheres”. Mas será isto o suficiente? Guedes (1995, p. 8), inspirada na historiadora Joan Scott, traça uma lista de significações e pontua que gênero é “uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Ou seja, o gênero é vinculado às construções sociais, e não às características naturais.

Dentro do processo histórico, Coruja (2018) ressalta que os estudos sobre feminismo convergiram com o campo comunicacional por meio dos Estudos Culturais. Todavia, no fim da década de 1950 o feminismo causaria uma ruptura nos estudos culturais britânicos e, a partir disso, ensaios e pesquisas seriam produzidos para abordar as diferenças dos papéis de gênero, da representação da mulher na indústria cinematográfica, da estrutura patriarcal, entre outras.

No Brasil, segundo Escosteguy (2008; 2012), até 1990 os estudos dentro deste contexto ainda eram discretos, mas a temática vinha ganhando força, podendo ser notada no levantamento realizado pela autora das teses e dissertações brasileiras de 1992 a 2002, disponíveis no repositório do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para dar sequência a esta coleta, Coruja (2018) propôs um recorte contemplando os anos de 2010 a 2015, com intuito de ver e rever o que se tem produzido no campo da Comunicação no país.

Sobre este aspecto de importância do feminismo e gênero na comunicação e na sociedade, Pinto (2003, p. 9) destaca que não é uma tarefa simples escrever a história do feminismo brasileiro, pois “trata-se de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, ficou imune a ter uma opinião”. No entanto, é essencial para provocar os movimentos e questionar uma ordem conservadora que, conseqüentemente, causará uma libertação – seja no viver, pensar, poder e, até mesmo, escrever.

É dentro deste pensamento que o presente artigo será guiado, compreender o que se tem produzido (ou não) no campo científico sobre o podcast na perspectiva de gênero e quais são essas propostas, teóricos e guias metodológicos.

Trilha metodológica: o caminho para desenvolvimento da pesquisa

Para responder o que será explorado é necessário conhecimento sobre o tema. Com isso, algumas ferramentas metodológicas são essenciais para traçar caminhos, detectar erros e auxiliar nas discussões. Na visão de Fachin (2006, p. 29), “método, em pesquisas, seja qual for o tipo, é a escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de um estudo”.

Estes métodos instruem o pesquisador na hora de planejar, formular e interpretar os resultados. Apesar de se falar em métodos e técnicas para mensurar e compreender a coleta, uma importante observação deve ser feita,

uma vez que mesmo aplicados de forma conjunta, eles exercem funções distintas na pesquisa científica, no qual um é a estratégia – neste caso, sendo a pesquisa documental e bibliográfica – e o outro, a tática – técnica quantitativa e expositiva, criando um plano de ação:

[...] formado por um conjunto de etapas ordenadamente dispostas, destinadas a realizar e a antecipar uma atividade na busca de uma realidade; já a técnica está ligada ao modo de realizar a atividade, fazendo-a transcorrer de forma mais hábil, mais perfeita. O método está relacionado à estratégia, e a técnica, a tática (FACHIN, 2006, p. 31).

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de todo trabalho científico. Ela foi utilizada como uma das ferramentas neste artigo, ainda mais por permitir o uso de outras modalidades de análise, como a de campo, laboratorial e documental, sendo capaz de fornecer não somente dados atuais para somar com o material, mas um levantamento dos principais trabalhos acadêmicos e livros já produzidos sobre o assunto, propondo uma reflexão ao pesquisador e ao objeto investigado, mas também se torna fonte para as demais pesquisas (FACHIN, 2006; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Já a documental, por sua vez, difere-se da bibliográfica por usar fontes diversificadas que podem ser encontradas em documentos oficiais, jornais, e de todo material que não recebeu um tratamento analítico. Numa resumida definição, “a característica da pesquisa documental é que a fonte está restrita a documentos” e as coletas podem ser “feitas no momento que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 157). Nesta situação os materiais colocavam-se no site da Compós³.

O levantamento realizado ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2020, considerando os 17 grupos de trabalhos do evento, desde 2015 a 2020, resultando no *corpus* de 1.020 artigos – porém, somente 60 foram relevantes para o desenvolvimento do *paper*. Nesta fase, as pesquisadoras listaram as produções, quantificaram, selecionaram e inseriram em categorias as que foram de interesse. Foram cinco categorias: produção científica por ano

³ Anais Compós – Disponível em: https://compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em 27 nov. 2020.

(tabela 1); produção por instituição (tabela 2); mapa metodológico (figura 1); meio estudado (tabela 3) e teóricos de podcasting e gênero (tabela 4).

Esta seleção e compreensão – que compiladas com as técnicas quantitativa e expositivas na perspectiva de Bauer, Gaskell e Allum (2002) – foi essencial para o processo, já que uma lida com números e estatísticas (quanti - hard), e em contrapartida, a outra trabalha com exposições e interpretações (quali - soft). Com os resultados da catalogação, foram elaboradas tabelas a partir dos números obtidos para auxiliar na compreensão dos dois universos pesquisados: podcast e gênero.

Um panorama a partir das pesquisas sobre podcasting e gênero na Compós

Os diálogos sobre feminismo perpassam diversas esferas e tempos. No campo social, Coruja (2018, p.148) ressalta que o movimento foi questionado por volta de 1990 a 2000, porém, retomado logo após “ampliação do mercado de trabalho e sanção de leis que igualam direitos civis”. Quando contestado, vozes ecoaram, e passaram, mais uma vez, a refutar o machismo, patriarcado e tantas outras formas de diminuição do gênero.

Estas mesmas vozes chegaram às mais diversas mídias – dentre elas, o podcasting –, estimulando no meio a produção de um conteúdo produzido pelas mulheres a partir de assuntos e problemáticas que as afetam.

Escosteguy (2008) salienta que as investigações sobre o tema em níveis de mestrado e doutorado vêm ganhando espaço e força, sendo indispensável o debate e problematização no campo, o que nos leva para a primeira categoria, “produção científica por ano” (tabela 1). Ao coletar os artigos apresentados na Compós, nos últimos seis anos, pode-se compreender que desde 2015 (8) são realizadas pesquisas sobre gênero, como o trabalho apresentado no GT Estudos de Jornalismo, *A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou naturalização?* (BELISÁRIO; BIACHI, 2015). Em relação à tabela 1, o destaque vai para o ano de 2018, com 13 artigos aceitos, seguido de 2020 (11) e 2019 (10).

Já no que tange aos temas sobre podcasting, os dois primeiros artigos foram em 2018, sendo *Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo* (VICENTE, 2018b) e *Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In the Dark* (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018), apresentados nos GTs Cultura das Mídias e Estudos de Jornalismo. No entanto, conforme observado (tabela 1), no recorte em questão não foi possível identificar produções que compreendessem o podcasting na perspectiva de gênero – eis um ponto de reflexão.

Tabela 1. Produção científica por ano - Compós (2015-2020)

Ano	Gênero	Podcast	Podcast na Perspectiva de Gênero
	Quantidade		
2015	8	0	0
2016	7	0	0
2017	7	0	0
2018	13	2	0
2019	10	1	0
2020	13	1	0
Total	56	4	0
Total geral			60

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Ainda neste mesmo levantamento, ao analisar as produções por GTs, nota-se que os grupos de trabalhos sobre Comunicação e Cidadania e Comunicação e Sociabilidades foram os que mais receberam artigos sobre gênero, sendo oito em cada. De forma mais delineada, compreendemos uma relação entre eles: um se propõe a integrar os aspectos teóricos e metodológicos das experiências e processos midiático-comunicacionais nos vieses culturais e dos movimentos, sejam eles sociais, comunitários, populares ou sindicais, como no artigo *Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da*

comunicação na Marcha Mundial das Mulheres (MIKLOS; CUNHA, 2015) ou *A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921-2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo* (SARMENTO, 2018); já o outro, por sua vez, analisa os fenômenos comunicativos e sua relação com o social, identificando os discursos, modelos, acontecimentos e as transformações ocorridas por meio da inferência entre o campo comunicacional e o social.

Além disto, busca uma visibilidade e reconhecimento no âmbito dos novos movimentos, que incluem, as lutas de gênero, caso do artigo *Mulheres neurodivergentes: conexões que enunciam vulnerabilidades e a luta por reconhecimento* (RIES; LIMA, 2020, p. 1), em que os autores propõem observar as "interações comunicacionais em torno do movimento da neurodiversidade, sob a perspectiva de mulheres autistas e ativistas que enunciam suas lutas nas redes sociais digitais".

Já as pesquisas sobre podcasting foram distribuídas entre os GTs Comunicação e Cibercultura (1), Estudos de Jornalismo (1) e Cultura das Mídias (2), este último busca debater sobre questões que relacionam os produtos e processos comunicacionais dentro da cultura midiática juntamente às reflexões sobre a produção, circulação e recepção nas mais variadas mídias.

Vale ainda ressaltar que para este grupo de trabalho, as duas pesquisas aceitas foram de Vicente (2018b), sendo uma solo, e uma outra com a coautoria de Soares (2020, p.1) intitulada *Rádio ambulante e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano*, que "apresenta uma discussão sobre podcasts narrativos a partir da análise de Rádio Ambulante [...]", na qual os autores refletem sobre essa importância para os cursos de jornalismo, seu meio de criação, aproximação e difusão do material no universo.

As Instituições de Ensino Superior e as pesquisas sobre podcasting e gênero

Ao atentar para as produções por instituição, percebemos que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é a que mais apresenta inserções sobre estudos de gênero, seguido das Universidades Federais de Minas Gerais

e Paraná – o que ambas possuem em comum está relacionado às linhas de pesquisa dos PPGs, que, de modo geral, debruçam-se sobre os estudos de comunicação, processos e práticas socioculturais. No que tange às investigações sobre podcasting, os trabalhos concentram-se na região Sudeste do país, compreendendo a Universidade de São Paulo e as Federais de Ouro Preto e Juiz de Fora.

Tabela 2. Produção por instituição - Compós (2015-2020)

Instituição com pesquisa sobre gênero	Quantidade
UFRJ	7
UFMG e UFPR	6
Unisinos	5
UnB	4
UFSM	4
ESPM, UFBA, UFPE, UNIP, USP E UTP	2
FCL, PUCRJ, PCSP, UFG, UFJF, UFOP, UFRN, UFSC, UFV, UNESP e Unicamp	1
Instituição com pesquisa sobre podcasting	Quantidade
USP	2
UFOP e UFJF	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Se já identificamos as produções por ano, grupos de trabalhos e instituições, então, de modo geral, quem produz tais materiais e qual o grau acadêmico? De acordo com o gênero dos pesquisadores, distinguimos que a maioria dos artigos são elaborados por mulheres (42) e elas também lideram no quesito formação (1 pós-doutora; 2 pós-doutorandas; 32 doutoras; 4 doutorandas; 1 mestre; 2 mestrandas).

Em comparativo, os homens possuem apenas 18 trabalhos de autoria. No nível de formação, contam com 1 pós-doutor; 11 doutorados; 4 doutorandos; 1

mestre e 1 mestrando. Mediante o recorte da Compós, isto mostra que o universo acadêmico é relativamente feminino, ou seja, mais mulheres ingressam no nível superior e ocupam as cadeiras de mestrado e doutorado.

Durante a coleta, os dados revelam que, dos autores identificados, alguns deles fizeram mais de uma publicação dentro do *corpus* selecionado (VICENTE, 2018b; VICENTE; SOARES, 2020; CARRERA; CARVALHO, 2019; CARRERA, 2020; RIBEIRO; JOHN, 2017; RIBEIRO, 2020; ROCHA, 2016; ROCHA *et al.*, 2018; RONSINI, 2015; RONSINI *et al.*, 2016, RIZZOTTO; PRUDÊNCIO; SILVA, 2015; RIZZOTTO; SARAIVA; NASCIMENTO, 2019). Isto acaba por reforçar a importância do congresso para os pesquisadores, que por sua vez, contribuem para o campo da comunicação, principalmente em nível *stricto sensu*.

Perspectiva sobre objeto e metodologia

Para início de toda e qualquer análise é necessário estabelecer quais procedimentos metodológicos serão seguidos. Martino (2018, p. 75) pondera que o método é a receita da pesquisa, uma vez que “é a parte do projeto de pesquisa que descreve os procedimentos necessários para estudar o objeto e responder as perguntas feitas no objetivo”.

A partir do levantamento estruturado por meio da técnica quantitativa e expositiva do ferramental encontrado nos 60 trabalhos alocados nos GTs da Compós, notou-se que, nos estudos de gênero, traçar caminhos teóricos (12) foi o norte para os artigos, seguidos de estudo de caso (7) e análise de conteúdo, quanti/quali e teórico-metodológico (5). No mapa metodológico (figura 1), é possível identificar o ferramental mais utilizado no *corpus* selecionado.



Figura 01 – Mapa metodológico - Compós (2015 - 2020)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Couto e Martino (2018, p.54) ponderam que os ferramentais aplicados aos podcasts “parecem seguir esse tensionamento entre métodos tradicionais, como a pesquisa de campo e a análise de conteúdo, levando em consideração as diferenças nos processos de produção, recepção e participação”.

Tal pontuação é feita mediante o levantamento realizado pelos autores sobre as teses e dissertações na área de Comunicação que abordam a temática em questão, mas, nesta situação – dos artigos - é um pouco diferente. Mesmo tendo a pesquisa de campo como uma das ferramentas “tradicionais” encontradas no levantamento, as outras seguem a linha de pesquisa teórica, que trata de uma compreensão acerca do surgimento, história, tradições do podcast e de algumas “características que a prática adquiriu naquele momento (do surgimento), para compreender melhor as mudanças ocorridas e que, acreditamos, foram fundamentais para sua maior popularização” (VICENTE, 2018b, p.3).

O estudo descritivo foi usado para compreender o objeto. Lopez, Viana e Avelar (2018, p.3) usaram as referências de Triviños e Cresswell “por permitir a caracterização e detalhamento criterioso de um fenômeno”, para assim

construir uma “pesquisa através de múltiplas fontes, ampliando a dimensão da amostra”, e “efetivamente caracterizar o fenômeno estudado”.

Por último, na perspectiva do rádio expandido – termo este desenvolvido por Kischinhevsky –, a análise de redes sociais, sendo uma proposta de executar métodos digitais de pesquisa, em que a intenção é observar os espaços online, de certa forma, pode ser influenciado pelas construções estabelecidas no rádio massivo entre emissora e ouvintes, observando “seus atores e as relações criadas nesse ambiente” (VIANA; HOMSSI, 2019, p. 3).

Então, até aqui, podemos entender que mesmo sendo aplicados métodos considerados tradicionais, os pesquisadores já tangenciam ferramentais que investigam como o objeto se relaciona com as mídias digitais e sua atuação. É fato que esta temática é nova na Compós, mesmo que o podcast enquanto formato tenha surgido em 2004. Porém, somente de 2018 para os tempos atuais que o assunto surgiu no evento selecionado, deixando claro que em outros congressos, como a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), por exemplo, já era tema recorrente, mas isto seria um recorte para um outro artigo e momento.

Os artigos que discutem gênero e feminismo optaram, em sua maioria, por realizar estudos teóricos (figura 1), pois, para alguns pesquisadores, este tipo de abordagem permite uma articulação mais afinada e reflexiva sobre o tema. Na produção de Ronsini (2015, p. 1) ela destaca que, teoricamente, o seu texto propõe uma “noção de classe social para o entendimento da construção de uma feminilidade heteronormativa nos estudos dos usos sociais das telenovelas”, mediante as inspirações dos Estudos Culturais de Pierre Bourdieu, e da Teoria Feminista, com ensaios de Escosteguy, que “argumenta sobre a centralidade da hexis corporal para a conformação de uma feminilidade de classe baseada na incorporação de um capital cultural midiático por mulheres de classe popular”.

Ainda seguindo a metodologia aplicada em gênero, os estudos de caso (7) ocupam o segundo lugar. Este tipo de caminho metodológico é compreendido por Gil (2002), Cervo e Bervian (2002) como a investigação

profunda – e muitas vezes exaustiva – sobre determinado grupo (familiar, comunitário, social, entre outros) ou indivíduo, que representa o universo/tema a ser analisado e suas vertentes.

Minas de Luta: cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo, produzido por Castilho e Romancini (2017, p.2) discorre sobre o “engajamento e militância feminina juvenil, a partir do estudo do movimento das ocupações das escolas públicas ocorrido no Estado de São Paulo, em 2015”, onde o caso possui uma “característica interessante em termos de análise: o protagonismo das adolescentes, desde cedo percebido pela imprensa ao cobrir o movimento observado em análises sobre o caso e nos discursos das próprias participantes”.

Já as quanti/quali, análises de conteúdo e propostas teórico-metodológicas (5), seguem em terceiro lugar, com cinco artigos cada, como no texto *O processo de formação em publicidade e as mulheres na criação publicitária: uma proposta teórico-metodológica* (HANSEN; WEIZENMANN, 2016), cujo objetivo de apresentar, como já bem menciona o título, uma ideia teórico-metodológica para analisar o discurso dos estudantes de publicidade, assim, dando perceptibilidade às experiências e ligá-las aos lugares do masculino e feminino na criação.

A coleta mostra que mesmo o campo produzindo pesquisas que olhem para os aspectos da prática profissional ou estudando casos específicos, ainda há uma necessidade em compreender teoricamente o que acontece nesses meios.

O meio escolhido para estudo

Ainda com referência aos dados gerais do levantamento, contabilizou-se que as redes/mídias sociais (13) prevalecem como espaço mais estudado, o que inclui o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*. Ter a compreensão de como a mulher é representada no audiovisual (9) também foi um dos meios escolhidos para análise.

Deste modo, as séries *Orange Is the New Black*, *Queen of the South*, *Game of Thrones*, ou microsséries, como *Amorteamo*, surgem nos trabalhos aceitos com a proposta de refletir sobre a mulher latina, cidadania feminina, recepção e estudo de sentido sobre o campo.

Tabela 1. Meio estudado - Compós (2015-2020)

Meio	Quantidade
Audiovisual	9
Campo midiático	4
Campo profissional	3
Campo teórico/metodológico	4
Estudos culturais	2
Games	1
Internet	5
Jornal	5
Mídia sonora	4
Portais	1
Redes/mídias sociais	13
Sites	4
TV	5
Total geral	60

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Na tabela 3, a categoria TV poderia estar inclusa em audiovisual, porém, a pesquisadora notou uma quantidade expressiva de produções que envolvessem telenovelas (5), e por isto, a intenção de deixar um separado do outro. Caminhas (2018, p. 5), norteada pelos estudos de Esther Hamburger, reflete sobre a tendência de “telenovelas se aproximarem dos problemas

cotidianos vivenciados no país [que] pode ser percebida a partir dos anos de 1970, momento no qual tais produções ficcionais tornaram-se espaços legítimos de interpretação da realidade brasileira”.

Então, esta unidade observa as questões da feminilidade de classes, o social, ressignificação do feminino e masculino, qual o sentido relatado pelas telenovelas quando se trata da trajetória de mulheres dominantes e da violência de gênero (RONSINI, 2015; RONSINI et al., 2016; MONTORO; SENTA, 2015; SIFUENTES, 2015; CAMINHAS, 2018).

Sobre os podcasts, os quatro trabalhos estão enquadrados em mídia sonora, que por sua vez, contextualizam sobre a transição do rádio ao podcast e a audiência no meio, mas, como já citado, não trabalham o gênero nas produções. Estes – em discreta quantidade – mostram, também, que os artigos recorrem ao tecnológico, à popularização dos *smartphones* e à internet, para contextualizar os *downloads* realizados e às buscas/acessos aos podcasts (VICENTE, 2018b).

O outro caminho atém-se a um programa/episódio específico para discorrer e compreender o fenômeno, exemplo de *In the Dark* (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018) e *National Public Radio* (NPR) (VICENTE; SOARES, 2020). Assim, é importante destacar que comparado com os estudos de gênero, as produções na Compós sobre a podosfera ainda são discretas e em menor quantidade, mostrando uma lacuna, e ao mesmo tempo, um universo explorável.

Os teóricos de referências no *corpus* selecionado

Talvez esta seja uma das perguntas mais frequentes quando produzimos algo: como referenciar? Martino (2018) diz que tudo começa com leituras e mais leituras e, depois disto, formam-se caminhos que serão chamados de referencial teórico – um conjunto de conceitos aplicados e inferidos entre si para analisar o objeto escolhido. No podcast, o autor referência é o hoje docente dos cursos de Jornalismo e Rádio/TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e, até 2020, professor do

PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Marcelo Kischinhevsky.

Durante sua trajetória acadêmica, o professor tem se debruçado sobre os estudos do rádio (que vai além das ondas hertzianas) dentro da perspectiva das mídias digitais, aplicando o termo rádio expandido para referir-se ao formato que chegou ao *smartphones*, redes e sites. Um exemplo desta expansão é o podcasting. Em meio às produções de artigos, capítulos de livros e organização de coletâneas, algumas obras são essenciais, sendo uma de 2007, intitulada *O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão*; oito anos após seu primeiro livro, Kischinhevsky lança o *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação* (2016), e este ganhou uma versão em espanhol, *Radio y medios sociales: mediaciones e interacciones radiofónicas digitales*, lançado em 2017.

Outros autores que falam sobre jornalismo radiofônico, a exemplo de Michael P. McCauley, e da perspectiva do podcasting e diferenciação (ou não) com o rádio, também surgem no mapeamento – caso do professor sênior de rádio e podcasting na Universidade de Sunderland, na Inglaterra, Richard Berry. Em entrevista concedida a Kischinhevsky (2020, p. 201) e publicada na **Radiofonias**, ele explica que “chamar podcasts de rádio é reduutivo e encerra as discussões sobre o que estamos realmente ouvindo”.

Para ele, o rádio acaba sendo dispersivo. No entanto, as pessoas se concentram nos podcasts, especialmente nos imersivos. Então, o pesquisador sustenta que são produtos/modalidades distintas, “podcasting é muito mais ativo. Os ouvintes fazem muitas escolhas, desde assinar ou seguir um programa, até selecionar quando (e onde) ouvi-lo”. E complementa ao dizer que o podcast não é apenas uma tomada de decisão, mas uma escolha devido a sua natureza ou nicho de conteúdo.

Berry é um dos pesquisadores de renome mundial quando se trata de rádio e podcasting. Para ele, o podcasting “é um novo meio, ainda que guarde vários pontos de convergência com o rádio”, tendo sua maior distinção no ouvir e na linguagem dos programas. Já aqui no Brasil, o modelo trilhado é de uma visão mais inclusiva da natureza radiofônica e da podosfera (KISCHINHEVSKY,

2020, p. 200).

Diferentemente das teorias de gênero, das quais surgem pesquisadoras nacionais, o campo de estudos de podcasting ainda se atém a autores estrangeiros. Porém, uma ressalva deve ser feita – mesmo que na coleta não tenham surgido teóricas brasileiras dedicadas especificamente ao podcasting, é importante enaltecer as pesquisadoras Debora Cristina Lopez, docente na Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), e a doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF) Luana Viana por tecerem estudos sobre o tema. Ambas, por sinal, são de instituições da região Sudeste, que surgiu no levantamento como centro das produções contemplativas do assunto.

Tabela 4. Autores citados sobre gênero e podcasting – Compós (2015-2020)

Gênero	Quantidade
ALEKSIEVICH, Svetlana; ALMEIDA, Alvanita; ÁVILA BRAVO-VILLASANTE, María; BANDEIRA, Lourdes; BONETTI, Alinne; CARVALHO, Débora Jucely; COSTA, Albertina de Oliveira; CREED, Barbara; DAMASCENO, Janaína; DIAZ, Isabel González; DOUGLAS, Emily; FACCHINI, Regina; FRAGOSO, Suely; FRIEDAN, Betty; GILSON, Erinn; GREGORI, Maria Filomena; GREGÓRIO GIL, Carmen; HIRATA, Helena; JORGE, Ana; MELLO, Anahi Guedes; MORENO, Rachel; PINTO, Celi; PISCITELLI, Adriana; ROCHA, Fernanda de Brito Mota; ROCHA, Patricia; ROSSI, Giovana; SARTI, Cynthia; SCOTT, Joan; SILVA, Marcia Veiga da; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima; VIANA, Elizabeth do Espírito Santo; WOITOWICZ, Karina Janz	1
BIROLI, Flávia; CARNEIRO, Sueli; CRENSHAW, Kimberle; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MCROBBIE, Angela; RAGO, Margareth; SAFFIOTI, Heleieth	2
BUTLER, Judith	8
Podcasting	Quantidade
BERRY, Richard; MCCAULEY, Michael	1
KISCHINHEVSKY, Marcelo	2

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

É importante ressaltar que os diálogos teóricos entre objeto e tema serão responsáveis por nortear o pesquisador e mostrar uma perspectiva sobre determinada escolha. Com isso, tendo base na tabela 4, podemos entender que na perspectiva de gênero, Judith Butler é a mais citada no *corpus* de 56 trabalhos. Butler é uma das principais filósofas e teóricas contemporâneas que aborda o feminismo e uma das pioneiras sobre a teoria *queer*.

Dentre suas produções emblemáticas estão os livros *Gender Trouble* (original) ou *Problemas de Gênero*, lançado em 1990 – no qual discorre sobre identidade e orientações sexuais, dividindo-se em três momentos: os discursos e normas impostas sobre a sexualidade; experiências das minorias e desconstrução; e aprofundamento entre sexo biológico e gênero.

Ainda em *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*, de 1993, apenas em 2019 lançado no Brasil pela editora n-1 edições, a pesquisadora aprofunda as reflexões sobre a performatividade de gênero e que tal atuação está interligada às estruturas de repetição das normas que todos são sujeitos dia após dia.

Depois de Butler, outras autoras também foram listadas. Estas, por sua vez, contaram com duas entradas nas pesquisas, sendo Kimberlé Crenshaw (gênero e raça), Angela McRobbie (cultura popular, práticas contemporâneas da mídia e feminismo), e as de instituições brasileiras, sendo Flávia Biroli (Universidade de Brasília – gênero, democracia e mídia), Sueli Carneiro (Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – feminismo negro no Brasil), Ana Carolina Escosteguy (Universidade Federal de Santa Maria – identidades culturais e construção de gênero), Margareth Rago (Universidade Estadual de Campinas – estudos de gênero), Heleieth Saffioti (Universidade Estadual Paulista – violência de gênero), dentre outras.

Este levantamento, em linhas gerais, mostra que as pesquisas sobre gênero e feminismo têm alcançado e abordado diversos eixos e esferas, indo de uma produção assinalada por Coruja (2018, p.156) como “espécie de denúncia, de apontar como os meios de comunicação representam a mulher e apresentam

os papéis relativos a gênero”, para um momento em que especialmente “os sites de redes sociais tem para o movimento feminista, principalmente no que diz respeito ao combate à violência contra mulheres”.

Uma breve consideração

Nas páginas iniciais deste artigo foi apresentada sua proposta central: identificar as produções que envolvem o podcast na perspectiva de gênero, tendo como fonte, os trabalhos aceitos nos últimos seis anos da Compós. Mediante o percurso, alguns objetivos específicos foram traçados, e tinham o intuito de coletar, categorizar, delinear as metodologias e teóricos de referência e, por fim, analisar o *corpus* de 60 *papers*, dos 1.020 catalogados nos meses de outubro e novembro de 2020 – um processo árduo e volumoso, tendo em vista que não era apenas uma listagem, mas, a leitura do título, resumo, palavras-chave e até mesmo do corpo textual.

A partir da sistematização dos dados, pode-se constatar que os trabalhos que entrelaçam podcasting e gênero ainda são inexistentes no congresso, sendo este um ponto de reflexão – ainda mais que o formato chegou ao Brasil em 2004, e os artigos encontrados na Compós são de 2018, com um relatando as práticas e consumo (VICENTE, 2018b) e o outro, a imersividade narrativa (LOPEZ; VIANA; AVELAR, 2018).

Percebemos, aqui, um hiato entre o advento do podcasting e as produções acadêmicas. Ultrapassando o recorte temporal de 2015 a 2020, foi encontrado apenas um *paper*, escrito em 2007 por Micael Herschmann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Marcelo Kischinhevsky, então professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulado *A geração podcasting e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento*, alocado no grupo de trabalho Mídia e Entretenimento. No geral, dos quatro materiais mapeados, eles mostraram que o centro da produção sobre a temática é na região Sudeste, e o autor mais utilizado é Kischinhevsky.

Como já bem mencionado, apenas 60 pesquisas se fizeram relevantes

para o contexto desta análise e, já que quatro estão relacionados ao podcasting, as 56 restantes abordam os estudos de gênero e feminismo. O número é expressivo e mostra um vasto histórico no congresso – para o ano inicial da coleta, foram contabilizadas oito produções.

No campo científico, principalmente em nível *stricto sensu*, este tipo de conteúdo tem ganhado espaço e força, como bem salienta Escosteguy (2008) proporcionando assim, um debate e problematização que vai além dos muros universitários. E, para refletir sobre o assunto, Judith Butler é umas das teóricas e filósofas mais citadas na categorização, mas, as pesquisadoras de intuições brasileiras também ganham espaço. Dentre elas, temos Flávia Biroli, Sueli Carneiro, Ana Carolina Escosteguy, Margareth Rago e Heleieth Saffioti – o Brasil e suas vozes que pesquisam sobre gênero, violência, feminismo negro, poder, democracia e tantas outras vertentes.

Para finalizar, podemos considerar a tamanha relevância do congresso para os pesquisadores nacionais, que por sua vez, contribuem de forma inestimável para o campo da Comunicação, sendo referência para inúmeros outros trabalhos. No entanto, também é importante destacar que o intuito deste trabalho não é discorrer uma crítica aos aceites da Compós, mas propor uma reflexão, pois, comparado com os estudos de gênero, as produções sobre podcasting no evento ainda são discretas e com números relativamente baixos. Isto nos mostra uma lacuna, mas, ao mesmo tempo, um campo fértil e explorável sobre a temática, ainda mais na visão de podcasting na perspectiva de gênero.

Referências

A ERA de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BELISÁRIO, Kátia Maria; BIACHI, Mariangela Moifardini. A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou naturalização? *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocomp%C3%93s2015_2851.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Violência de gênero ou punição necessária? as narrativas de telenovelas sobre agressões contra mulheres. *In: XXVII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_H7TYPJ2SX2Z880KTPNA_27_6205_29_01_2018_15_33_28.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

CARRERA, Fernanda. CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. *In: XXVIII Encontro Anual da Compós*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_PV7RU5XQ0B8R1YVX2D6Z_28_7610_22_02_2019_06_23_22.pdf> Acesso em 17 nov. 2020.

CARRERA, Fernanda. A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_UPUHAMMMTYQ2QYJ01PF_0_30_8368_19_02_2020_18_39_19.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

CASTILHO, Fernanda. ROMANCINI, Richard. Minas de Luta: cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo. *In: XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP, jun. 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_TOHPEE9JM7GX9_ZQ6BKOR_26_5315_12_02_2017_12_55_55.pdf. Acesso em 27 nov. 2020.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORUJA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s)**: discussões do público com a youtuber Jout Jout. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Ártemis**, Paraíba, v. 25, n. 1; jan-jun. 2018. p. 148-162.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Pensando as relações entre mídia e gênero através de histórias pessoais: o caso brasileiro. **Derecho a Comunicar**, Cidade do México, n. 4, p.

174-186, jan./abr. 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GÊNERO. *In*: Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/genero/>. Acesso em: 14 set. 2021.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98931995000100002>.

HANSEN, Fábio. WEIZENMANN, Cátia Schuh. O processo de formação em publicidade e as mulheres na criação publicitária: uma proposta teórico-metodológica. *In*: **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/arquivocomindica%C3%A7%C3%A3odeautoria_3336.pdf. Acesso em 27 nov. 2020.

HERSCHMANN, Micael. KISCHINHEVSKY, Marcelo. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 37, p. 101-106, 27 jan. 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Richard Berry: "O Rádio está aprendendo muito com o podcasting". Entrevista: Richard Berry. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 200-204, jan./abr. 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. "Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo". En **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 74-81, 15 jun. 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina; VIANA, Luana; AVELAR, Kamilla. Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In the Dark. *In*: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_VQCYDJI5Z67BL7QMAUI3_27_6772_26_02_2018_12_49_26.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

MAIA, Kênia; PEREIRA, Fábio. Jornalismo e Convergência. **Brazilian Journalism Research**. v. 8, n. 1, p. 3-6, jun/2012.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres. *In*: **XXIV Encontro Anual da Compós**, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/acompos-2015-172c9e3c-cf92-42c4-b774-7cf7a5da4ba2_2757.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

MONTORO, Tânia Siqueira; SENTA, Clarissa Raquel Motter Dala. Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web. *In: XXIV Encontro Anual da Compós*, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-fabac154-53f8-4f01-ae63-9f987a07e2c5_2865.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

NÓBREGA, Zulmira et al. Podcast “Mamilos”: uma nova forma de fazer jornalismo? *In: Simpósio Internacional sobre Jornalismo em Ambientes Multiplataforma, 2, 2015, João Pessoa. Jornalismo em Ambientes Multiplataforma*. João Pessoa – Coleção Âncora Jornalismo, 2015. p. 296-319.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PODCASTING. *In: Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PODCAST/>. Acesso em: 14 set. 2020.

PODCAST Stats Soundbites. **BLUBRRY PODCASTING**, 2019. Disponível em: <https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

PODPESQUISA Ouvintes 2018. **ABPOD**, 2018. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 14 set. 2020.

PODPESQUISA Ouvintes 2019-2020. **ABPOD**, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 12 set. 2020.

PODPESQUISA Produtores 2020-2021. **ABPOD**, 2020. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

RIBEIRO, Regiane. JOHN, Valquíria Michela. Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de Orange is the New Black. *In: XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP, jun. 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_M94ZH7HADM8TI_GGHJGU7_26_5687_21_02_2017_14_02_34.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RIBEIRO, Regiane. Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais Netflix. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_XX5HV13A0PSJD8U996LH_30_8585_25_02_2020_21_45_06.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

RIES, Igor Lucas; LIMA, Bany Narondy Cabral. Mulheres neurodivergentes: conexões que enunciam vulnerabilidades e a luta por reconhecimento. *In: XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_A82KO9BC2X00U1YBWJPR_

[30_8681_26_02_2020_16_53_03.pdf](#). Acesso em 17 nov. 2020.

RIZZOTTO, Carla Candida; PRUDÊNCIO, Kelly; SILVA, Michele Santos da. Muita cena e pouca comunicação política? A Marcha das Vadias nos portais de notícias e a questão do reconhecimento. In: **XXIV Encontro Anual da Compós**, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-5d3a9803-a2e8-4721-adac-8168b7435a6f_2783.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RIZZOTTO, Carla Candida; SARAIVA, Aléxia; NASCIMENTO, Louize. #ELENÃO: conversação política em rede e trama discursiva do movimento contra Bolsonaro no Twitter. In: **XXVIII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_DTSRR9FX2SJOGQI9BFV5_2_8_7209_24_01_2019_08_01_36.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

ROCHA, Rose de Melo. Imaginários do excesso e sedução do artifício: hiper-mulheres e seus paraísos infernais. In: **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/rocha_imaginariosdoexcessoeseducaodoartificio_3406.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

ROCHA, Rose de Melo et al. Comunicação e estudos de gênero: imagens diaspóricas, imaginários insurgentes. In: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_VWT9ARUV352MJUPIJ17K_27_6563_23_02_2018_16_37_30.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RONSINI, Veneza Mayora. Telenovelas e a questão da feminilidade de classe. In: **XXIV Encontro Anual da Compós**, Universidade de Brasília, Brasília – DF, jun. 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/veneza_completo_2802.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

RONSINI, Veneza Mayora et al. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres da classe dominante. In: **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/templatexxvcompos_3435.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

SARMENTO, Rayza. A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921-2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo. In: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_L2B9CJCBDBG5G5NGJ29EY_27_6604_23_02_2018_18_30_00.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

SIFUENTES, Lirian. Classe social e o consumo de telenovela por mulheres: um estudo comparativo. In: **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás – GO, jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos_classe_consumo_lirian_2908.pdf. Acesso em 29 nov. 2020.

VIANA, Luana; HOMSSI, Aline Monteiro. Audiência radiofônica e a interação mediada online: a hashtag #ItatiaiaNaCopa como uma estratégia falha. In: **XXVIII Encontro Anual**

da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, jun. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_4PF4IVWAAH201RI4S0VI_28_7432_17_02_2019_12_04_53.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: **Emergências periféricas em práticas midiáticas** [S.l.: s.n.], 2018a. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002906541>. Acesso em 29 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, jun. 2018b. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777_ZKAFXV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

VICENTE, Eduardo; SOARES, Rosana de Lima. Rádio ambulante e a tradição do podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano. In: **XXIX Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, jun. 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_UD9UZSBXWMETQGKHY716_30_8550_25_02_2020_11_29_16.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

Vozes femininas nas mídias sonoras: as intersecções entre trabalho e relações de gênero

Female voices in sound media: the intersecctions between work and gender issues

Voces femininas em medios sonoros: las intersecciones entre trabajo y las relaciones de género

Alice dos Santos Silva; Renata Barreto Malta

Resumo

O presente artigo parte de uma aproximação entre o rádio e o podcasting, tanto como mídia sonora, quanto no que concerne a relações de poder alicerçadas em marcadores de gênero ali inscritos. Com base na trajetória sócio-histórica dos meios sonoros, entendemos que a presença de mulheres no papel de emissoras e ouvintes é evidente, no entanto, que as desigualdades entre os gêneros também o são. É nesse contexto que propomos uma pesquisa empírica com mulheres podcasters. Ouvimos 17 mulheres em entrevistas em profundidade, selecionadas a partir dos seus programas, apontados como os mais ouvidos pela PodPesquisa de 2018. Como principal resultado, observamos que elas encontram caminhos para divulgar seus produtos e valorizar as vozes de outras mulheres, especialmente por meio de # nos ambientes digitais. Apesar da audiência conquistada, a maior parte delas não gera receita com seu trabalho e aponta questões estruturais de gênero como resposta para os obstáculos que preterem mulheres na podosfera.

Palavras-chave: Podcasting; Rádio; Mulheres podcasters; Entrevista em profundidade.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 21/03/2022 aceito em: 20/06/2022.

>> **Como citar este texto:**

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Vozes Femininas nas mídias sonoras: intersecções entre trabalho e relações de gênero. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 69-96, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Alice dos Santos Silva

alicesilvajor@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0208-9590>

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma Instituição. Assessora de Comunicação e eventos do Instituto Federal de Sergipe (IFS) - Campus Tobias Barreto, produtora do podcast Hora Queer/Doutora Drag. Realiza pesquisas sobre a produção de podcasts no Brasil, questões de gênero e feminismo.

Renata Barreto Malta

renatamalta@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0002-7414-9081>

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Sergipe e atual coordenadora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação Social na mesma instituição. Coordenadora no Grupo de Pesquisa GENI – Gênero e Interseccionalidades na Comunicação. Pós-Doutorado na Facultad de Comunicación, Departamento de Comunicación Audiovisual de la Universidad de Sevilla – España. Pesquisadora bolsista do Programme Directeurs d'Etudes Associés DEA 2019, Fondation Maison des Sciences de l'homme, Paris, França.

Abstract

This article proposes an approach between radio and podcasting, not only as sound media, but also regarding the power relations based on gender. Considering the socio historical path of sound media, we understand that the presence of women as producer and as audience is evident, although gender inequality is an important issue. Through in-depth interviews, we have listened to 17 women who have volunteered to participate, selected based on their podcasts, pointed as the ones with the biggest audience by PodPesquisa 2018. As main result, we have noticed that those women find ways to broadcast their products and valorize other women voices, especially by # in digital environments. Furthermore, although they are leaders of podcasts with significant audiences, most of them don't get paid for their work and point to gender issues as the response for the obstacles which keep women away from the podosphaera.

Keywords: Podcasting; Radio; Women podcasters; In-depth interviews.

Resumen

Este artículo parte de una aproximación entre la radio y el podcast, no solamente como medio sonoro, sino también concierne a relaciones de poder basadas en marcadores de género. Fundamentadas en la trayectoria socio-histórica de los medios sonoros, entendemos que la presencia de mujeres en el papel de emisoras y oyentes es evidente, sin embargo, que las desigualdades entre los géneros también lo son. En ese contexto proponemos una investigación empírica con mujeres podcasters. A través de entrevistas en profundidad, hemos escuchado 17 mujeres que se han voluntariado para el estudio, seleccionadas con base en sus programas, considerados los con mayor audiencia por la PodPesquisa 2018. Como principal resultado, observamos que esas mujeres encuentran caminos para divulgar sus productos y valorizar las voces de otras mujeres, especialmente por medio de # en los ambientes digitales. Además, aunque comanden podcasts con audiencia, la mayor parte de ellas no reciben por su trabajo y apuntan cuestiones estructurales de género como respuesta para los obstáculos que alejan a las mujeres de la podosfera.

Palabras clave Podcasting; Radio; Mujeres podcasters; Entrevista en profundidad.

Introdução

Em um estudo acerca dos processos que permearam a introdução do conceito de Gênero no Brasil, Marília Moschkovich (2018) apresenta brevemente o percurso histórico que culmina na elaboração do conceito de gênero, questionando as relações de poder e desigualdade entre homens e mulheres que se baseavam em uma dicotomia sexual biológica. "O conceito de gênero pode ser entendido como uma abordagem radical da ideia de que a parte da vida humana a que se refere é uma construção social" (p.106, tradução própria). Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. É a partir desse lugar que iniciamos o presente estudo e propomos o olhar para o objeto pesquisado.

Percebemos empiricamente e por meio de dados secundários uma proporção muito maior de homens do que de mulheres ouvintes e produtores de *podcast* no Brasil. Nesse contexto, nossa maior inquietação é descortinar ao menos parte do fenômeno e entender como as mulheres que produzem os *podcasts* mais escutados no Brasil percebem e/ou vivenciam essas arenas e como reconhecem a *brecha digital* marcada pelas relações de gênero. Trata-se de uma teoria que tenta explicar como e porque mulheres acessam em menor grau às tecnologias de seu desenvolvimento à sua utilização. Graciela Natansohn (2013) defende que um ponto chave para uma análise contundente sobre a brecha digital é entender essas questões como produto do sistema cultural e de produção científica/tecnológica androcêntrica. A autora reforça que as diferenças entre homens e mulheres devem ser analisadas de maneira que não reforcem o binarismo de gênero, bem como uma individualização dos processos.

Apesar de compreender a existência da brecha, tanto pelos dados das PodPesquisas⁴, quanto pelos levantamentos do *corpus* para este trabalho, aqui seguiremos com uma abordagem que, segundo Nuria Vérges (2013), cada vez

⁴ Pesquisa realizada desde 2008 pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD) com objetivo de coletar informações e preferências de consumo dos ouvintes/produtores de podcast no Brasil.

mais ocupa a centralidade dos estudos sobre mulheres e tecnologia, as investigações sobre os movimentos de autoinclusão. Essa abordagem se preocupa em analisar os espaços onde as mulheres são agentes ativas em suas entradas e permanências nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), contribuindo também para sua transformação.

Com base nessas reflexões, propomos explorar o *podcast* como um fenômeno comunicacional para entender e desenvolver relações entre suas características históricas, tecnológicas e culturais, traçando paralelos com o rádio (I); delimitar o perfil das produtoras dos podcasts mais ouvidos no Brasil segundo a PodPesquisa (II); entender a relação que essas mulheres estabelecem com o podcast, seja em uma perspectiva mais emocional e subjetiva ou estritamente científica e profissional (III) e identificar a maneira como as mulheres podcasters percebem e vivenciam a podosfera, buscando espaços de resistência (IV).

Do rádio ao podcast: espaços marcados pelo gênero

Em conjunto com outras mídias que se desenvolveram na internet, o podcast vem progressivamente ganhando público e espaço no Brasil. Apesar de uma diferença substancial nas características que envolvem a distribuição e o consumo, as relações que se estabelecem entre o podcast e o rádio podem ser percebidas a partir de diversos aspectos, como a linguagem e as técnicas empregadas na produção dos conteúdos. As aproximações e distanciamentos entre os dois meios permeiam as pesquisas na área da comunicação, como demonstra o resultado de um estudo bibliométrico que analisou os artigos sobre podcast publicados nos anais da Intercom (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), de 2004 (ano de criação do podcast) a 2019 (SILVA; MALTA, 2022). De acordo com a pesquisa, 80% dos trabalhos dedicaram algum espaço para discutir a relação entre o podcasting e o rádio. No estudo em questão, as autoras categorizaram os artigos coletados nos seguintes eixos: *Modalidade radiofônica, Produto da convergência, Nova mídia digital e Produto fonográfico.*

Cada eixo apresenta diferentes perspectivas classificatórias acerca do podcast, porém, como elemento de consonância, está a discussão no que concerne a características de proximidade e distanciamento entre o podcast e o rádio, demonstrando que essa discussão é central nos estudos sobre o podcast.

Entender as relações entre o podcast e o rádio em seu sentido técnico, de linguagem, de consumo, de distribuição do conteúdo, entre outros, se mostrou o interesse comum entre os 78 artigos analisados no estudo acima mencionado. No entanto, ao buscar por trabalhos publicados nos anais da Intercom relacionados ao podcast, foram encontrados apenas dois artigos que centravam suas atenções nas relações de gênero, ambos a partir de uma perspectiva do jornalismo e suas teorias (SILVA; MALTA, 2022). É exatamente essa interseção que nos interessa e nos impulsiona a realizar o presente estudo. O rádio tem uma predominância de figuras e vozes masculinas, no passado e na atualidade, fato que reflete a forma como a sociedade lida com as mulheres e como se dá a divisão sexual do trabalho (WINTER; VIANA, 2021). As autoras buscam uma contextualização sócio-histórica com a finalidade de compreender onde estavam as mulheres nas diferentes fases de evolução do rádio. "É a partir da década de 30 que as mulheres criam uma relação mais próxima com o rádio, começando a cantar nas emissoras" (WINTER; VIANA, 2021, p. 50), emergindo daí verdadeiras expoentes desse meio, como Carmen Miranda, Dalva de Oliveira e Emilinha Borba. Com a popularização das radionovelas, as mulheres se tornam as maiores consumidoras das programações radiofônicas, sendo "através da figura feminina que o rádio conquista um papel de destaque no cotidiano familiar" (SILVA; NASCIMENTO, 2016, p. 137), consideradas majoritariamente ouvintes.

Já com a chegada da televisão, o rádio trilha novos caminhos para se manter no mercado. É nessa fase que emerge um novo protagonista no rádio, o comunicador que busca formas para simular uma relação próxima com o/a ouvinte (WINTER; VIANA, 2021). As autoras, com base em Ferraretto (2012), apontam três tipos de segmentação fundamentada no público que passam a imperar, tendo a figura do comunicador (majoritariamente no masculino) como

central: o comunicador popular, o âncora do radiojornalismo e o DJ de rádios voltados para o público jovem.

Sobre o protagonismo masculino, Amarante (2011) observa, com base em análises sobre o programa *Vida de Mulher*, lançado em 2009 pela rádio FM Comunitária Independência no Ceará, que, além de questões institucionais que privilegiam a voz masculina, as mulheres se sentem inibidas pelo poder exercido pelos homens e muitas não se sentem capazes e motivadas a tensionar esses espaços, mantendo o rádio uma arena masculina.

É certo que outras pautas desestabilizaram a fixidez dessa divisão, como mencionam Winter e Viana (2021), e as lutas e conquistas das mulheres também foram relevantes e exerceram influência nos estúdios, com destaque ao programa *Viva Maria*, da Rádio Nacional, como ícone dessa ruptura.

A contextualização sócio-histórica proposta por Winter e Viana (2021) culmina na chamada fase de convergência, a qual possibilitou as webrádios e o podcasting. É nesse ambiente, segundo as autoras, que as mulheres aparecem de forma mais atuante, quando comparado a épocas anteriores. No rádio massivo, elas representam, em média, 36% do total de radialistas, segundo o relatório de 2015 do Projeto Global de Monitoramento de mídia (ABRAJI, 2015). Esses dados demonstram que a participação feminina na radiodifusão está distante de representar equidade entre os gêneros. O que supostamente poderia significar uma predileção pelo timbre de voz masculino, em detrimento do feminino, se mostra mais uma faceta da divisão sexual do trabalho que estrutura a sociedade.

Nesse sentido, Hirata e Kergoat (2007, p. 599) asseguram que as desigualdades de gênero nas relações de trabalho são sistemáticas, hierarquizantes e possuem dois princípios organizadores: o princípio de separação – identificamos trabalhos “de homens” e trabalhos “de mulheres” – e o princípio hierárquico – o trabalho desempenhado por homens possui maior valor social em relação àquele desempenhado por mulheres. “Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço”. Desse modo, se desde os anos de ouro do rádio as mulheres fizeram história como

importantes ícones para o seu desenvolvimento, resta-nos deduzir que se trata de uma questão de hierarquia social.

É aqui que centramos nossa atenção no objeto de estudo proposto, o podcast produzido por mulheres. Consideramos o tom otimista de Winter e Viana (2021) ao constatarem que 2019 foi predominantemente o ano em que mais mulheres ocuparam a podosfera, seguindo a mesma tendência em 2020 (esse último não foi contemplado na pesquisa). O estudo conduzido pelas autoras foi realizado com 172 podcasts apresentados por mulheres sobre diferentes temáticas, o que comprova que as mulheres não se limitam aos assuntos já estigmatizados para elas, mas transitam entre os diferentes campos de conhecimento (p. 60). Um dado apresentado nos chama a atenção: o grande número de podcasts conduzidos por mulheres com menos de 25 episódios, em sua maioria descontinuados e sem uma periodicidade definida. Sobre essa questão, as autoras supõem a falta de acompanhamento por parte de ouvintes e dificuldades para a continuidade na produção.

Essas e outras lacunas não respondidas pelo estudo nos norteiam. Propomos, assim, uma reflexão acerca de como as mulheres produtoras de podcast relacionam-se com os podcasts que produzem, quais as dificuldades identificadas, assim como as barreiras relacionadas aos marcadores de gênero a partir de um estudo empírico com mulheres podcasters.

Trajatória empírica: procedimentos metodológicos

Para a trajetória empírica desta pesquisa partimos de uma abordagem qualitativa para analisar as 17 entrevistas realizadas com produtoras de podcast brasileiras, apesar de considerar dados quantitativos para a seleção do *corpus*. As participantes foram selecionadas a partir dos resultados da PodPesquisa 2018, na qual os/as respondentes citaram os cinco *podcasts* que mais ouviam. No total, foram citados 3.251 podcasts, dentre eles, foram selecionados aqueles que tiveram no mínimo 0,02% das respostas, totalizando 241 programas.

A partir dessa listagem inicial foram determinados três critérios para a seleção de potenciais entrevistadas. Primeiramente, escolhemos apenas os programas produzidos no Brasil, sem vinculação a mídias tradicionais (rádios, revistas, emissoras de TV) e com mulheres na equipe. A exclusão de podcasts vinculados a mídias tradicionais se baseia na premissa de que, apesar de perpassados também por lógicas estruturais de exclusão de certos grupos, podcasts independentes oferecem maior abertura e autonomia para as produtoras de conteúdo, quando comparados aos canais de comunicação tradicionais. Para Vrikki e Malik (2019), o ambiente criado pelo podcast independente se diferencia das mídias tradicionais...

tanto em termos de sua cultura de produção flexível (predominantemente auto-organizada, de baixo orçamento, orientada por conteúdo e operando fora das estruturas regulatórias tradicionais), quanto em termos de seu potencial de produção, de narrativas que se opõem a formas excludentes de representação e política encontradas em programas de rádio, jornalismo de opinião e atualidade (VRIKKI; MALIK, 2019, p. 276, tradução das autoras).

Ao final da filtragem foram identificados 57 programas com base nos critérios estabelecidos e, dentre estes, foram realizadas entrevistas com 17 mulheres de 18 podcasts diferentes, as quais se voluntariaram para participar do estudo.

As entrevistas foram semiestruturadas e em profundidade, analisadas com base na Análise Temática proposta por Laurence Bardin (2011). A autora argumenta que a elaboração de uma simples quantificação da frequência de

temas, que é comum nas análises de abordagem quantitativa, acaba limitando as particularidades cognitivas e afetivas que geralmente é onde se encontra o potencial das entrevistas. Segundo Bardin (2011, p. 96), sob a aparente desordem temática, busca-se procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado". De acordo com Duarte (2006), "a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte" (DUARTE; BARROS, 2006, p. 62). Para esta pesquisa, as entrevistas servem justamente para conhecer melhor os esforços das mulheres em produzir conteúdo em um ambiente que é dominado por homens, explorar as nuances de como esse processo se dá e reconhecer possíveis obstáculos encontrados.

Cabe explicar que a opção de não manter as entrevistadas em anonimato se deu, em especial, pela relação que elas desenvolvem com seus programas, não havendo garantia de anonimato. Todas as entrevistadas iniciaram suas falas gravando o termo de consentimento e autorizaram a divulgação de seus nomes. Com relação ao perfil das podcasters entrevistadas, destacamos que todas elas se declaram mulheres cisgênero, em sua maioria na faixa dos 30 anos. Quase 90% das participantes se consideram brancas, e pouco mais da metade são heterossexuais. Apenas quatro entrevistadas têm filhos e 80% delas possuem ensino superior completo. Além disso, todas se consideram feministas.

Destacamos aqui os blocos dois e três do roteiro de entrevistas, pois neles se concentram os questionamentos que impulsionaram as respostas aqui exploradas: a relação das entrevistadas com suas produções e seus posicionamentos sobre questões de gênero. Reforçamos que por se tratar de entrevista semiestruturada, este quadro serviu apenas de base e outras perguntas emergiram ao longo das entrevistas (quadro 1).

Quadro 1 - Parte do roteiro de entrevistas

BLOCO 02 – RELAÇÃO COM O PODCASTING:

1. Você se recorda da primeira vez em que ouviu falar sobre *podcasts*? Como você descobriu a existência da mídia?
2. Quais assuntos são tratados no seu programa? De onde surgiu a vontade de produzir conteúdo sobre isso?
3. Qual função ou funções você assume no programa que faz parte? Gostaria de assumir outras funções? Se sim, por que não assume?
4. Pensando a sua relação com o podcasting, você acredita que tem com a mídia uma relação mais emocional/subjetiva ou profissional/racional? Por quê?
5. De todo processo de produção de um podcast, quais você considera os mais difíceis de fazer?
6. Você pode contar um pouco sobre essas situações de dificuldade?
7. Você acredita que algum fator em especial contribuiu para esses problemas que você enfrentou?
8. Como você conseguiu contornar essas adversidades?

BLOCO 03 – RELAÇÃO COM O FEMINISMO:

1. Você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de conseguir produzir conteúdo de qualidade na internet?
2. Você conhece os resultados das PodPesquisas que apontam que cerca de 80% dos ouvintes de podcasts são homens? Quais fatores você acredita que levam a esses números?
3. Você costuma utilizar a hashtag mulheres polcasters na divulgação de seus programas? Já participou da Campanha O Podcast é Delas? Se utiliza, por que sim, se não utiliza, por que não?
4. Você se considera feminista? Se sim, em que medida essa posição política reflete no conteúdo que produz?
5. Qual percepção você tem do feminismo como um movimento e/ou teoria?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Nos tópicos seguintes apresentaremos os resultados do estudo, assim como uma discussão fundamentada que entrecruza temáticas que deles emergem. Por se tratar de um artigo com limitação de páginas, não apresentaremos as etapas de análise das entrevistas e nos concentraremos nos resultados, contemplando os trechos considerados mais significativos e ilustrativos das temáticas que se fizeram presentes.

#Mulherespodcasters e #opodcastédelas: para uma podosfera mais feminina

Desde 2004, ano do surgimento do podcast nos Estados Unidos e, também, de suas primeiras experiências no Brasil, a mídia ampliou seu alcance

em números de produção e consumo. De acordo com os dados da Edição 2020/2021 da PodPesquisa, que se preocupou em investigar exclusivamente o perfil das produtoras e produtores, verificamos que entre os respondentes 75,7% são homens, 81,3% são pessoas heterossexuais e 58,8% se declaram brancos, conforme a figura 1.

Figura 1 - Respostas da PodPesquisa 2020-2021.



Fonte: PodPesquisa 2020-2021 (2020).

Neste contexto, que repete as lógicas já estabelecidas de exclusão das mulheres/corpos feminilizados/dissidentes de gênero dos ambientes digitais, observamos que a luta feminista acontece por meio de movimentos que são organizados e difundidos pelas próprias produtoras/ouvintes. Como por exemplo as ações *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDelas*, que foram criadas de forma independente, na mesma época, por duas mulheres podcasters que tinham o mesmo incômodo: a falta de reconhecimento das mulheres na podosfera.

O projeto *#OPodcastÉDelas* (OPED), criado por Domenica Mendes e Rodrigo Basso, teve início em 2017 como uma campanha de incentivo à participação das mulheres nessa mídia durante o mês de março, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, 8 de março. No projeto, os podcasts que se inscrevem para participar precisam convidar pelo menos uma mulher para cada episódio naquele mês. Quem apresenta o programa explica que houve aderência à campanha e convida outros podcasts a fazerem o mesmo. Domenica é uma

das mulheres participantes da pesquisa e em entrevista comentou sobre o envolvimento dos programas na campanha:

Já no primeiro ano [...] alcançou mais de 50 programas e uma média de 80 a 100 episódios em um mês. E depois nos outros anos a gente foi tendo um crescimento absurdo, assim, chegando à marca de mais de 250 programas participantes (MENDES, em entrevista para as autoras, 2021).

A campanha evoluiu para uma espécie de incubadora de programas produzidos por mulheres que não têm muita experiência ou que não têm recursos para pagar serviços de hospedagem. De acordo com Domenica, é oferecido para as integrantes da rede a infraestrutura básica de produção de um programa, “eu crio o feed, ofereço servidor, na época eu ajudava as meninas a fazer a edição, [...] tudo para ajudar nessa parte mais técnica, essa parte mais de quebrar grandes pedras e grandes dificuldades para facilitar o acesso” (MENDES, em entrevista para as autoras, 2021). Em 2020 a #OPodcastÉDelas também lançou um banco de dados⁵ com mais de 70 mulheres podcasters cadastradas. O banco funciona como uma ferramenta de busca que concentra informações como formação, áreas de interesse, orientação sexual, contato e outros dados que ajudam a identificar uma mulher que possa ser convidada para gravar um podcast.

Consonante, Ira “Croft” Morato desenvolveu a hashtag “mulherespodcasters”, que objetiva facilitar ao público encontrar programas produzidos por e com a participação de mulheres nas redes sociais, em especial no twitter. Assim como Domenica, Ira também faz parte das mulheres cujos programas compõem o *corpus* desta pesquisa. Em entrevista, ela explicou o objetivo da criação da Campanha: “a gente não tá sendo divulgada, então vamos fazer com que divulguem a gente através da hashtag. E aí eu criei a hashtag para que ela fosse utilizada para divulgação de podcasts feitos por mulheres ou com mulheres” (MORATO em entrevista para as autoras, 2020).

Ira também contou que a ideia de criar a hashtag surgiu em meados de 2014 após sua participação em um evento da área de Publicidade em São Paulo.

⁵ Banco de Dados #OPodcastÉDelas: <https://opodcastedelas.com.br/podcasters>.

em que as pessoas participantes afirmaram que no Brasil não existiam mulheres produzindo podcast.

[...] eu tava na plateia nesse evento [...] na hora das perguntas levantei a mão e aí eu falei: 'ó, eu não sou famosa, outras pessoas não são famosas, mas existem várias mulheres fazendo podcasts'. Aí naquele dia eu vim para casa assim muito encucada, mesmo, com isso. Eu fiquei pensando 'c***** a gente é tão apagada que até em eventos de Publicidade feminina a gente é apagada (MORATO, em entrevista para as autoras, 2020).

Inspiradas pela *#MulheresPodcasters*, começaram a surgir outras iniciativas de hashtags utilizadas para divulgar podcasts de pessoas pertencentes a grupos minoritários, como a *#PodcastersNegros*, *#PodcastersPerifericos* e a *#LGBTPodcasters*. Quando indagamos as interlocutoras a respeito das duas hashtags percebemos uma grande adesão, conforme exposto na tabela 1.

Tabela 1 - Envolvimento das entrevistadas com as campanhas *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDelas*

<i>#MulheresPodcasters</i>		<i>#OPodcastÉDelas</i>	
Não Conhece	02	Conhece	02
Conhece	03	Participa	08
Utiliza	10	Participa em outros programas	05

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com base nos dados da tabela, notamos que, ao menos entre as entrevistadas, tanto a *#MulheresPodcasters*, quanto a *#OPodcastÉDelas*, foram ações conhecidas e amplamente utilizadas nos programas. É importante salientar que o objetivo aqui não é avaliar a efetividade de tais ações, especialmente por conta das limitações do método proposto, mas demonstrar a importância das duas campanhas como forma de organização entre as mulheres podcasters, utilizadas e valorizadas pelas entrevistadas.

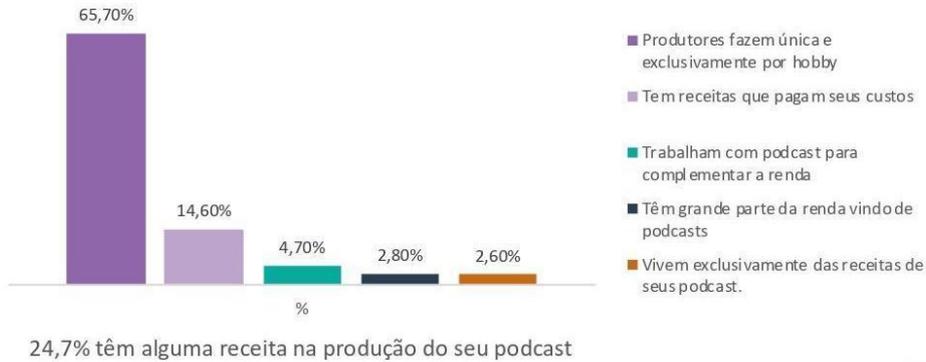
Trabalho e produção de conteúdo na podosfera

De acordo com Bonini (2020), o podcasting se encontra em sua “segunda onda”, período que começa a partir de 2012 nos EUA e que, para o autor, caracteriza-se pela formação de um “mercado alternativo, que caminha para a profissionalização da produção e a normalização do consumo” (BONINI, 2020, p. 15). O autor analisa que a expansão da mídia se dá por diversos fatores, tais como o “aumento da qualidade dos podcasts disponíveis, a expansão do uso de smartphones e a crescente popularidade do financiamento coletivo e das redes sociais de base sonora” (BONINI, 2020, p. 27). Para ele, o podcast está se tornando um meio comercial massivo.

Apesar de, para alguns programas, o contexto descrito por Bonini (2020) já ser uma realidade, de acordo com os dados apresentados pela PodPesquisa, a maioria dos produtores e produtoras ainda têm o podcast apenas como um hobby. Assim, esse cenário próspero se aplica principalmente a programas vinculados a figuras já conhecidas da Comunicação ou a veículos tradicionais. Conforme podemos observar nos gráficos dispostos na figura 2, metade dos 626 respondentes da PodPesquisa não faz captação de recursos em seus programas.

Figura 2 - Resultados da PodPesquisa 2020-2021 sobre os produtores relacionados às formas de financiamento.

Podcast como hobby lidera, mas está mudando



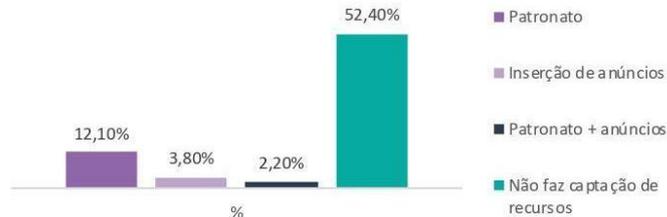
Já tem equipe remunerada

14,6%

dos podcasts remuneram sua equipe de produção



Financiamento coletivo é principal forma de remuneração



52,4% dos produtores não fazem captação de recursos

Fonte: PodPesquisa 2020-2021 (2020).

O panorama é ainda mais desanimador quando analisamos apenas as mulheres produtoras, somente seis das 17 mulheres entrevistadas durante esta pesquisa conseguem fazer do podcasting a sua única fonte de renda, conforme veremos a seguir. Para as respondentes, seus programas representam uma parte importante da vida. Observamos perfis de mulheres que têm o podcasting apenas como um hobby, mas que expressam um grau de profissionalismo que objetiva a qualidade do que é entregue ao público. Ademais, deparamo-nos com aquelas que têm o envolvimento com a mídia como uma carreira profissional,

mas que reforçam que considerar o podcast como trabalho não anula o seu nível de envolvimento emocional com o conteúdo.

Percebemos com mais frequência perfis de mulheres que definem sua atuação como um hobby, em que os ganhos financeiros com ações de financiamento colaborativo ou publicidade são direcionadas para a produção do programa e para contratação de serviços como edição e hospedagem. Com base nas entrevistas, percebemos que apesar de motivações diversas, todas essas mulheres produzem conteúdo e estabelecem com ele e com o público relações afetivas que são parte de suas formações como sujeito. No relato de Beatriz Santos (*Hora Queer, Ponto G*) percebemos que esse eixo subjetivo está ligado às questões políticas que ela defende: “ajuda a gente a desenvolver pensamento crítico, [...] questões de comunicação com as outras pessoas [...], então falar sobre questões que para mim são importantes, como o feminismo e a luta LGBTQ+, é muito gratificante, mesmo não recebendo nada financeiramente” (SANTOS, em entrevista para as autoras, 2020).

Na entrevista de Camila Beraldo (*Alô Ciência*), o aspecto mais evidente é a percepção do podcast como um suporte emocional “Ele é algo que me ajuda emocionalmente, principalmente agora durante a época de isolamento” (BERALDO, em entrevista para as autoras, 2020). Outro aspecto que ganha os holofotes concerne à formação de comunidade. Thaís Aux (*DWBrCast*) produz um conteúdo muito específico sobre um assunto que ela consome e admira, dessa forma, estabelece conexões com outras pessoas que compartilham desse sentimento.

Então podcast para mim eu não faço em termos profissionais, do tipo assim, não é que nem lá o podcast da Folha, [...] É uma coisa muito mais afetiva, do tipo assim, é uma série que a gente ama, é uma série que a gente gosta e a gente fala para um público que também tem muito afeto pela série [...] (AUX, em entrevista para as autoras, 2020).

Para seis das entrevistadas, o trabalho de produção de podcast gera alguma receita, ainda que em alguns casos não seja a única ou principal fonte de renda. É narrativa comum o fato de que no início a monetização não era o

objetivo principal, mas sim consequência de um processo que aconteceu naturalmente. Este é o caso de Marcela Ponce de Leon (*Baseado em Fatos Surreais*):

eu não montei o podcast pensando que isso ia ser uma profissão no futuro, sabe? [...] eu pensei que eu queria produzir alguma coisa e queria que fosse nesse lugar, e aí já no segundo ano isso começou a virar trabalho (PONCE DE LEON, em entrevista para as autoras, 2020).

Porém, ainda que atuem profissionalmente, a carga emocional é uma constante na relação que elas estabelecem com suas produções, como explica Ira "Croft" Morato (*Mundo Freak Confidencial, MdManas, Ponto G*): "O podcast hoje na minha vida tem um peso profissional muito grande porque ele é minha fonte de renda, porém ele continua sendo 100% emocional e eu não consigo separar isso" (MORATO, em entrevista para as autoras, 2020).

Mesmo que o podcast não seja uma fonte de renda, para Carolina Brito (*Fronteiras da Ciência*), que é professora universitária, produzir o programa é uma espécie de extensão do trabalho de educadora:

[...] tem uma paixão pela mídia, mas principalmente ou talvez igualmente importante é a valorização que eu dou à ciência, né? [...] Então eu faço realmente isso porque eu acredito muito na importância da ciência como um educador mesmo, então tem um lado profissional que é muito forte nisso (BRITO, em entrevista para a autora, 2020).

A partir do que é apresentado por Photini Vrikki e Sarita Malik (2019), podemos perceber que as motivações que não têm uma ligação direta com o pagamento em dinheiro também ocorrem fora do Brasil. No estudo realizado pelas autoras, é observado o contexto de podcasters do Reino Unido e as conclusões indicam que "não é a indústria – com sua fama, dinheiro e contratos – que as guia, mas o relacionamento com as pessoas que as ouvem, seguem sua jornada e se conectam com elas" (VRIKKI; MALIK, 2019, p. 283, tradução das autoras). A mesma conexão emocional pode ser percebida pela perspectiva do público. De acordo com dados do relatório de tendências do Spotify de 2020, "71% dos fãs brasileiros de podcast disseram que é fácil sentir-se emocionalmente conectado a um apresentador e que ouvi-lo é como estar com

um amigo" (SPOTIFY, 2020, p. 22).

Com base nos relatos coletados, pontuamos que as entrevistadas têm uma relação com suas produções que dialoga com o que as constitui como pessoa e, mesmo quando há um retorno financeiro, essas questões continuam exercendo um peso na continuidade do projeto. Apesar da centralidade das questões emocionais e subjetivas, é importante investigar porque entre os programas mais ouvidos do país a proporção de mulheres remuneradas por seu trabalho é tão baixa. Uma forma de compreender a maneira como o gênero se manifesta nas questões transversais ao trabalho é observar estudos realizados com mulheres que ocupam papéis e funções similares às das mulheres podcasters.

Em uma pesquisa sobre a socialização profissional de blogueiras desenvolvida por Rafaela Araújo et. al. (2019), as autoras realizaram uma análise de conteúdo a partir de entrevistas aplicadas com 15 blogueiras no período de agosto a outubro de 2016. Alguns pontos similares entre as mulheres que participaram do estudo citado e as mulheres podcasters aqui pesquisadas podem ser percebidos, como o acesso ao ensino superior (na amostra de Rafaela Araújo apenas duas entrevistadas não concluíram a graduação) e as idades que variam dos 20 aos 31 anos. Além disso, assim como as podcasters, as blogueiras iniciaram a produção de conteúdo a partir do consumo de blogs com temáticas similares e a atuação profissional começou, para a maioria das mulheres participantes da pesquisa, após "o reconhecimento de suas habilidades, seja por elas mesmas, seja por terceiros" (ARAÚJO, et al., 2019, p. 124).

Entre os resultados da pesquisa, as autoras destacam que apesar de o trabalho com blogs aparentar ser glamuroso e despreocupado, nota-se que "ao contrário, elas trabalham muito, ganham pouco e demoram a ter reconhecimento no trabalho que desenvolvem" (p. 128). Assim, duas participantes que achavam que ser blogueira seria um caminho fácil para uma alta remuneração, perceberam, na prática, o oposto "elas levam em média um ano para começar a fechar seus primeiros contratos com marcas" (ARAÚJO, et

al., 2019, p. 125). Outra característica similar com as mulheres podcasters tange às atividades que as blogueiras não gostam de desenvolver.

a precificação do trabalho; os trabalhos de ordem técnica, como edição e programação; e a divulgação do conteúdo nas redes sociais. Duas blogueiras afirmaram que uma das tensões que vivenciam e continuam vivenciando se refere ao fato de o trabalho com blogs ainda não ser visto como profissão e por isso os familiares e as outras pessoas não percebem o trabalho como algo sério (ARAÚJO, et. al., 2019, p.128).

Considerando as semelhanças entre os dois grupos pesquisados, questionamos quais elementos sociais constituem barreira para que essas mulheres não alcancem retorno financeiro que permita uma profissionalização do podcast como única fonte de renda, além de outros aspectos que constituem obstáculos para elas. Evidenciamos que o roteiro de entrevistas não buscou um aprofundamento acerca dos motivos pelos quais as interlocutoras não fazem do podcast seu trabalho principal, as participantes apresentaram, de forma espontânea, suas percepções sobre a mulher produtora de podcasts no Brasil.

A mulher tem que cuidar da casa, limpar a casa, cuidar do filho, se sobrar tempo ela vai fazer podcast. [...] Então os homens têm mais tempo de ficar editando, de ficar procurando, de ficar pesquisando, de ficar gravando horas e horas. (AZEVEDO, em entrevista para as autoras, 2020).

Mulheres sem sombra de dúvidas têm jornadas de trabalho não remunerado absurdamente maiores do que homens, então obviamente elas vão ter menos tempo de produzir conteúdos, porque o tempo que eles têm disponível para fazer isso elas estão fazendo o trabalho reprodutivo não remunerado, né?! (MENDES, em entrevista para as autoras, 2021).

Percebemos que ao falar sobre as dificuldades que mulheres produtoras de podcasts, em geral, enfrentam, as entrevistadas focam em questões estruturais que são relacionadas a marcadores de gênero, diferente das questões que foram expostas no tópico anterior, onde elas expuseram suas dificuldades individuais.

De acordo com Susan Ferguson (2020), é possível destacar duas abordagens gerais desenvolvidas pelas teorias feministas ao pensar o trabalho: a Divisão Sexual do Trabalho (DST) e a Teoria da Reprodução Social (TRS). A autora aponta que entre as duas análises há pontos convergentes e divergentes.

Embora ambos identifiquem a desvalorização social do trabalho desempenhado pelas mulheres e as restrições a ele, [o trabalho das mulheres] como características definidoras da desigualdade e opressão das mulheres, eles se diferenciam em suas conceituações de poder social e, conseqüentemente, em seus projetos políticos de emancipação feminina (FERGUSON, 2020, p. 18, tradução das autoras).

Segundo a autora, para as teóricas feministas que pensam sobre a Divisão Sexual do Trabalho, esta se caracteriza pelas "convenções sociais que atribuem às mulheres a responsabilidade pela reprodução fisiológica, criação dos filhos e 'trabalho doméstico' nas diferentes sociedades de classes, ao mesmo tempo que atribuem aos homens outras tarefas 'produtivas'" (FERGUSON, 2020, p. 18, tradução das autoras). Já Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) explicam a divisão sexual do trabalho como a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho – considerando que essa distribuição varia a depender do contexto sócio-histórico, e a divisão que é feita entre os gêneros do trabalho doméstico. Como apresentado anteriormente, as autoras explicam o conceito como uma forma de divisão sexual do trabalho que atua pelo princípio da separação – estipulando o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher –, e pelo princípio hierárquico – que posiciona o trabalho desempenhado pelos homens como superior.

Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), pensar sobre a divisão sexual do trabalho deve ir além de apontar as desigualdades, mostrar que elas são sistemáticas, buscando também "articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero" (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 596). Alinhados a essa perspectiva, Renata Costa e Paulo Pinheiro (2015) destacam que além de uma simples divisão de tarefas, a divisão sexual do trabalho compõe "regras de

dominação de gênero que se reproduzem por todo tecido social" (COSTA; PINHEIRO, 2015, p. 51).

Mirla Cisne (2015) recupera o trabalho de Paola Tabet (2005) para ressaltar a importância em atentar para o controle sobre as ferramentas de trabalho, para ela é necessário relacionar a divisão sexual do trabalho "com a apropriação e controle dos instrumentos de trabalho por parte dos homens, posto que as mulheres realizam determinados trabalhos e são excluídas de outros, segundo o acesso (ou não) aos instrumentos (CISNE, 2015, n/p).

A segunda perspectiva apresentada por Susan Ferguson (2020) é a Teoria da Reprodução Social. Para Cinzia Arruzza (2015), é importante apontar a diferenciação entre "reprodução social" utilizada na teoria marxista que "indica o processo de reprodução de uma sociedade em sua totalidade" (ARRUZZA, 2015, p. 55) e a noção utilizada especificamente nas análises do feminismo marxista, no qual "reprodução social designa a forma na qual o trabalho físico, emocional e mental necessário para a produção da população é socialmente organizado" (ARRUZZA, 2015, p. 55).

Portanto, a autora aponta que pensar nos termos da reprodução social expande a noção de trabalho doméstico (ARRUZZA, 2015, p. 55), já que além de discutir a reprodução material da força de trabalho, a reprodução social também diz respeito às questões que envolvem a socialização. Nas palavras da autora, "a esfera da reprodução social é também determinante na formação da subjetividade e, portanto, nas relações de poder" (ARRUZZA, 2015, p. 56).

Retomando o que já fora apontado por Susan Ferguson (2020), as diferenças entre a divisão sexual do trabalho e a teoria da reprodução social se concentram também no projeto político de emancipação para as mulheres de cada uma das perspectivas. Para as teóricas da DST, o principal foco está na equidade de gênero no que concerne ao trabalho produtivo, já que "a principal estratégia política é a integração das mulheres na força de trabalho remunerada em pé de igualdade com os homens" (FERGUSON, 2020, p. 18, tradução das autoras). No caso da TRS, o que se propõe é "uma reorganização geral de todo o trabalho para interromper a tendência do capitalismo de privatizar e

desumanizar os processos de produção envolvidos na satisfação das necessidades de subsistência" (FERGUSON, 2020, p. 19, tradução das autoras).

Considerando os relatos apresentados acima, percebemos que a carga de trabalho de reprodução social que é imposta às mulheres é percebida e vivenciada pelas entrevistadas, mesmo quando não há na entrevista uma formulação teórica na fala da interlocutora, como é o caso de Carol Rocha (*Imagina Juntas*) ao mencionar "eu sou mãe, publicitária, *creator* e podcaster... Tô exausta..." (ROCHA, em entrevista para as autoras, 2020). Apesar de a maternidade – mas não apenas – ser um debate central para o trabalho invisível e não reconhecido exercido pelas mulheres, é importante apontar, conforme Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya (2020), que a capacidade de gestar não é a determinação da opressão da mulher.

A teoria da reprodução social não coloca no fato de ter filhos, ou na maternidade, a causa da opressão das mulheres. Isso seria um reducionismo biológico. Mas não é isso que dizemos. A questão está nas relações sociais que organizam a reprodução biológica: como esse fato vital se transforma em fato social (ARRUZZA; BHATTACHARYA, 2020, p. 39, tradução das autoras).

O ponto chave é como esse trabalho sobrecarrega mulheres, de maneiras diferentes a depender do contexto, mas que beneficia um sistema. Aline Hack (*Olhares*) aprofunda a questão ao trazer a maneira como, em sua perspectiva, a divisão sexual do trabalho não só dificulta a entrada de mulheres na podosfera, mas também impede sua permanência.

[...] eu acho que as mulheres têm muito menos condições de estar e permanecer na podosfera, que também são coisas diferentes. [...] As mulheres têm muito menos tempo e o que implica ter muito menos condição, né?! Socialmente a gente tem muito mais trabalho [...] eu acredito que numa condição de ingresso é muito mais fácil ingressar homens e mulheres em proporções iguais, mas permanecer na mídia podcast eu acho muito mais fácil para os homens [...] (HACK, em entrevista para as autoras, 2020).

Com os holofotes no trabalho invisível e não remunerado que é exercido pelas mulheres no ambiente privado, Susan Ferguson (2020) cita Lise Vogel para afirmar que a opressão das mulheres não se localiza no trabalho doméstico em si mesmo, mas sim nas relações de gênero da reprodução biológica e social das pessoas e, especificamente, nas contradições que caracterizam a relação da

reprodução social com o trabalho assalariado (FERGUSON, 2020, p. 29, tradução das autoras). Pensando no contexto das mulheres podcasters que participaram da pesquisa, a maioria delas desenvolve suas produções como um trabalho paralelo, que é somado aos seus empregos e ao trabalho de reprodução social, como explica Karina Xavier (*Sinuca de Bicos*).

[...] acho que ainda é uma mídia muito dominada pelos homens, que tem tanto uma condição de produção e de validação com público, mas acho que principalmente por conta de produção, é aquela velha discussão do trabalho social reprodutivo, né?! Óbvio que a mídia tá aí, todo mundo pode se apoderar dela e todo mundo pode produzir nela, mas os homens têm muito mais disponibilidade para produzir nessa mídia, como em todos os campos, por que afinal de contas eles têm muito menos bagagem e carga de trabalho de cuidados, né? (XAVIER, em entrevista para as autoras, 2020).

De forma ainda mais profunda, Cinzia Arruzza (2015) defende que apesar de reconhecer as relações de dominação e hierarquia estabelecidas entre homens e mulheres, essas relações devem ser entendidas como um antagonismo de classe.

Preferimos, ao contrário, formular a seguinte hipótese: em uma sociedade capitalista, a “privatização” completa ou parcial do trabalho de cuidado, ou seja, sua concentração dentro da família (qualquer que seja o tipo de família, e incluindo os lares monoparentais), a falta de uma socialização em grande escala deste trabalho de cuidado pelo Estado ou outras formas, tudo isso determina a carga de trabalho que necessita ser mantida dentro da esfera privada, fora tanto do mercado, como das instituições. As relações de opressão e dominação de gênero determinam o modo e a escala nos quais a carga de trabalho será distribuída, dando lugar a uma divisão desigual: mulheres trabalham mais, enquanto homens trabalham menos (ARRUZZA, 2015, p. 42).

Assim, segundo a autora, um olhar para as desigualdades de gênero que não considere influências entre a família e o sistema formado por estado e economia capitalista tende a ocultar as bases dessa estrutura. Outro ponto que chama a atenção nos trechos das entrevistas que foram apresentados é a maneira como, exceto na fala de Carol Rocha, as menções são sempre apresentadas se referindo “às mulheres”. Ou seja, não há uma colocação de si, ao menos não nas entrevistas, como ocupante deste lugar de responsável pela reprodução social em sua própria vida. Percebemos que, em parte, essa característica seja ocasionada pelo fato de que a maioria das entrevistadas não exerce o papel da maternidade. Mais além, como não investigamos nas entrevistas as configurações familiares de cada uma delas, não há como afirmar as causas pelas quais as interlocutoras entendem essas questões, mas não se colocam como afetadas diretamente por elas. De todo modo, indagamos se a presença e permanência das mesmas na podosfera como produtoras também não se relaciona a essa característica. As outras mulheres

(mães) estariam apartadas – ao menos em parte – desse espaço de poder justamente por sua condição.

Por fim, cabe salientar que 15 das 17 entrevistadas se declararam brancas. Esse dado demonstra o que feministas negras apontam sobre as diferenças que perpassam as vivências da opressão de mulheres racializadas e mulheres brancas. Sueli Carneiro (2019), ao se referir sobre os avanços de mulheres no mercado de trabalho, explica que:

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais (CARNEIRO, 2019, n/p).

Sobre a racialização do trabalho, em um contexto distinto do nosso, mas com várias consonâncias, Angela Davis (2016) analisa que no período pós-escravidão no Sul dos Estados Unidos, os serviços domésticos nas casas de mulheres brancas eram realizados pelas mulheres negras. Segundo ela, o “trabalho doméstico” era de difícil organização em sindicatos.

As mulheres brancas – incluindo as feministas – demonstraram uma relutância histórica em reconhecer as lutas das trabalhadoras domésticas. [...] Nos programas das feministas ‘de classe média’ do passado e do presente, a conveniente omissão dos problemas dessas trabalhadoras em geral se mostrava uma justificativa velada – ao menos por parte das mulheres mais abastadas – para a exploração de suas próprias empregadas (DAVIS, 2016, n/p).

Para Beatriz Nascimento (2019), a mulher negra brasileira ocupa no mercado de trabalho “empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial” (NASCIMENTO, 2019, n/p). Mesmo que essas relações possam parecer distantes das entrevistas e não apareçam nas falas de nossas respondentes, a quase ausência de mulheres negras no ambiente da podosfera e, conseqüentemente, do grupo de mulheres podcasters que se voluntariaram a participar da presente pesquisa, é por si só significativo. Se para mulheres brancas os obstáculos que as distanciam dos espaços de privilégio são visíveis e verbalizados ao longo das entrevistas, para mulheres racializadas o abismo é ainda maior.

Considerações finais

Finalizamos este artigo, como últimas considerações, pontuando as

aproximações entre o rádio e o podcasting no que se refere aos marcadores de gênero. Para além dos aspectos sócio-históricos discorridos no início deste estudo, retomamos a pesquisa desenvolvida por Amarante (2011) por ser uma interessante fonte de observação. A autora identifica em análise sobre o programa *Vida de Mulher*, que as produtoras possuem motivações e relações com a produção no rádio de forma muito similar àquelas vivenciadas pelas mulheres podcasters que entrevistamos nesta pesquisa.

[...] os desafios ainda são numerosos: o poder masculino inibe a participação de muitas mulheres, que não se sentem capazes de ocupar o lugar de protagonistas no meio de comunicação. Faltam também recursos para mobilização, organização de novas capacitações e difusão cultural. Mesmo assim, as comunicadoras seguem motivando as mulheres a se envolver com as atividades artísticas, de confraternização e lazer, tendo a rádio como ponto de referência (AMARANTE, 2011, p. 11).

Se os desafios encontrados por mulheres radialistas e podcasters se assemelham, como discorremos, o desejo de seguir adiante se afirma como instrumento de luta política. Assim como nas falas de nossas entrevistadas e nas ações propostas por meio de #, o estudo de Amaral, publicado há mais de uma década, apontava para essa direção.

Nesse sentido, o fenômeno da brecha digital, que afasta as mulheres das tecnologias – principalmente do seu desenvolvimento técnico –, resulta em uma realidade em que “são minoria as engenheiras de computação, empreendedoras da área das TIC’s, programadoras, desenvolvedoras de softwares e administradoras de sistemas” e, também, podcasters (NATANSOHN, 2013, p. 19). Com a finalidade de questionar a forma como estudamos as brechas digitais, a pesquisadora também aponta que se estude a maneira como estas se manifestam entre as mulheres. Ao entender que a ciência marginaliza muitas mulheres, cabe pensar esse lugar de conhecimento ocupado por essas mulheres, ao compartilharem o mesmo espaço subalternizado e como esse conhecimento se converte em resistência.

Assim, apesar de um futuro incerto no que concerne ao uso democrático da mídia, especialmente aqui dos meios sonoros, ofuscado pelas opressões que assolam mulheres nos ambientes de trabalho, temos que considerar o fluxo de

interatividade, trocas e compartilhamentos que os ambientes digitais potencializam, permitindo interações culturais e a tomada de espaços, sempre por meio de tensões e disputas.

Referências

ABRAJI. **Relatório aponta aumento de jornalistas mulheres em redações latino-americanas**. 11 de dezembro de 2015. Acesso em 05 mar. 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/relatorio-aponta-aumento-de-jornalistas-mulheres-em-redacoes-latino-americanas>

AMARANTE, M. I. Vidas, Vozes e Palavras de Mulheres no Rádio: sim, elas podem... **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88226>.

ARAÚJO, Júlia S. O pessoal ainda é político: Hashtags e compartilhamento de testemunhos pessoais como estratégias ciberfeministas. In: **IX Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura** – PUC São Paulo – 8, 9 e 10 de dezembro de 2016. Disponível em: http://abciber.org.br/anaiseletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/o_pessoal_ainda_e_politico_hashtags_e_compartilhamento_de_testemunhos_pessoais_como_estrategias_ciberfeministas_julia_silveira_d_e_araujo.pdf.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. Teoría de la Reproducción Social. Elementos fundamentales para un feminismo marxista. **Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda**, n. 16, p. 37-69, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.archivosrevista.com.ar/numeros/index.php/archivos/article/view/251>.

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, 2015. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf.

ARRUZZA, Cinzia. Rumo a uma "União queer" de marxismo e feminismo?. In: ARUZZA, Cinzia. **Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios**. Lisboa: Combate, 2010.

ARRUZZA, Cinzia. As relações perigosas entre gênero e classe. In: ARUZZA, Cinzia. **Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios**. Lisboa: Combate, 2010.

ARRUZZA, Cinzia. **Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos**. Trad. Murillo van der Laan. **Cadernos Cemarx**, n. 10, 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10920>

BONINI, Tiziano. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, vol. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do tempo, 2019 *E-book*.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, *E-book*.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FERGUSON, Susan. Las visiones del trabajo en la teoría feminista. **Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda**, n. 16, p. 17-36, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.archivosrevista.com.ar/numeros/index.php/archivos/article/view/242>. Acesso: 09 Abr. 2021

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista de Economía Política de las Tecnologías e da Información y de la Comunicación**, v. XIV, n. 2, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso.

MOSCHKOVICH, Marília Bárbara Fernandes Garcia. **Feminist Gender Wars: The reception of the concept of gender in Brazil (1980s -1990s) and the global dynamics of production and circulation of knowledge**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo, 2019, *E-book*.

NATANSOHN, L. Graciela. Que têm a ver as tecnologias digitais com o gênero? In: NATANSOHN, L. Graciela (org.). **Internet em código feminino**. Teorias e práticas. *E-book*. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p.

PODPESQUISA. **Resultado da PodPesquisa 2018**. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso: 03 Abr. 2021

PODPESQUISA. **Resultado da PodPesquisa 2020/2021 - Produtores**. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso: 03 Abr. 2021.

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Mulheres podcasters: Atuações feministas na podosfera Brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 21, p. 107-119, 2022.

SILVA, Gilvânia; NASCIMENTO, Alcileide. O Feminismo chega à rádio: A militância sufragista de Martha de Hollanda na Rádio Clube de Pernambuco (1931-1932). **Revista Cantareira**, ed. 24, p. 127-140, 2016.

VÉRGES, Nuria. **De la exclusión a la autoinclusión de las mujeres en las TIC**. Kit de Formación: género, Tic y activismo. ACSUR – Las Segovias, 2013. Disponível em:

<https://ciberseguras.org/materiales/kit-genero-tic-y-activismo/>.

VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics, **Popular Communication**, v. 17, n. 4, p. 273-287, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15405702.2019.1622116>.

WINTER, Yasmin; VIANA, Luana. A podosfera é delas? Um panorama Brasileiro sobre podcasts apresentados apenas por mulheres. **Revista Razón y Palabra**, v. 24, n. 111, p. 47-61, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26807/rp.v25i111.1796>.

A influência do feminismo negro na podosfera brasileira

The influence of black feminism in the Brazilian podosphere

La influencia del feminismo negro en la podosfera brasileña

Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcanti; Ana Isabel Reis

Resumo

Este artigo tem como tema a presença e influência do feminismo negro em podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira. A partir disso, pretende-se analisar a relação do feminismo negro com os debates feitos no Afetos e Kilombas, podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira atravessados por questões de gênero e raça. A análise, pretende identificar a presença de quatro principais conceitos do feminismo negro – *autodefinição*, *interseccionalidade*, *empoderamento* e *imagens de controle* – nesses espaços, para entender de que forma suas características contribuem para a humanização das mulheres negras e a construção de uma visão múltipla e sem estereótipos desse grupo nos programas. O estudo se centraliza em episódios publicados de janeiro a agosto de 2021 e tem como metodologia a análise de conteúdo. Conclui-se que existe uma relação do feminismo negro com o conteúdo produzido por mulheres negras na podosfera brasileira.

Palavras-chave: Feminismo negro; mulheres negras; podcast; subjetividades.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 17/03/2022 aceito em: 18/09/2022.

>> **Como citar este texto:**

TEÓFILO, Aldenora; REIS, Ana Isabel. A influência do feminismo negro na podosfera brasileira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 97-127, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Aldenora Teófilo Vieira

Santos Cavalcanti

aldenorateofilo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9335-4574>

Mestra em Ciências da Comunicação (Uporto, Portugal), Jornalista (UFPI), especialista em Gestão Organizacional (UESPI) e podcaster. Membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Discursos (JORDIS). É co-fundadora do Malamanhadas Podcast e integra a Diretoria Interina da Rede Nordestina de Podcasts (RNP).

Ana Isabel Reis

anaisabelcreis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4820-6481>

Professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto; concluiu o doutoramento na Universidade do Minho. Investigadora integrada do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da SOPCOM.

Abstract

During the 1990s, there were small and medium-sized record companies in the Brazilian record market dedicated to the dance music genre, which had strong appeal among young people and whose main product was the collection of international hits in this musical genre, often linked to a radio station, a television program or a nightclub. The present work aims to investigate five small or medium-sized Brazilian record companies that had dance music as their main product in this period. The labels analyzed are Stiletto, Spotlight Records, Paradoxx Music, Fieldzz Discos and Building Records.

Keywords: Brazilian phonographic industry; Record companies mapping; Dance music.

Resumen

Durante la década de los noventa, en el mercado disco brasileño existían pequeñas y medianas empresas discográficas dedicadas al género de la música dance, que tuvo un fuerte atractivo entre los jóvenes y cuyo principal producto fue la recopilación de éxitos internacionales en este género musical, muchas veces vinculados a una emisora de radio, un programa de televisión o una discoteca. El presente trabajo tiene como objetivo investigar cinco pequeñas o medianas empresas discográficas brasileñas que tuvieron la música de baile como su principal producto en este período. Los sellos analizados son Stiletto, Spotlight Records, Paradoxx Music, Fieldzz Discos y Building Records.

Palabras clave: Industria fonográfica brasileña; Mapeo de empresas discográficas; Música dance.

Introdução

O feminismo negro é uma teoria social crítica e um movimento social pautado na luta e reivindicação de direitos por mulheres negras que busca combater o sistema de opressão e desigualdades que acomete esse grupo. Para isso, utiliza-se de ferramentas que buscam empoderar e estimular o protagonismo e autonomia para que mulheres negras criem suas formas de resistência e sobrevivência.

O feminismo negro é percebido em diversos espaços sociais e, por vezes,

está relacionado a práticas e trabalhos de mulheres negras que estão em busca de transformação social individual e coletiva, bem como de construir novas narrativas e estimular outras mulheres negras a também seguir por esse caminho. Partindo dessas características, esse artigo pretende analisar de que forma o feminismo negro está presente no conteúdo de podcasts brasileiros produzidos por mulheres negras, visto que muitos desses podcasts são feitos considerando a visão de mundo, vivência e perspectiva de mulheres negras, sob o recorte de gênero e raça.

Definiu-se podcasts como objeto de análise, em razão dessa mídia potencializar a produção de conteúdo autônomo e independente que possibilita o uso desse espaço como forma de resistência, empoderamento, partilha e construção de comunidades, características que dialogam e se alinham a essência do feminismo negro. Dessa forma, pretende-se identificar as nuances que associam esses podcasts a quatro dos principais conceitos trabalhados no feminismo negro: autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

Essa análise se centraliza em dois podcasts: Afetos e Kilombas. As análises do conteúdo serão feitas em episódios publicados entre janeiro e agosto de 2021. O objetivo é entender e identificar a presença de características desses conceitos nos podcasts e de que formas elas contribuem para os debates promovidos, bem como para a subversão da lógica de opressão que acomete essas mulheres negras na sociedade, a partir do pressuposto que esses podcasts se guiam pela humanização das mulheres negras e a construção de imagens positivas, plurais e sem estereótipos desse grupo.

Em um primeiro momento, será realizado um breve panorama sobre a importância do feminismo negro para a reivindicação de pautas das mulheres negras e quais as principais estratégias de resistências utilizadas pelas feministas negras, considerando os estudos de importantes feministas negras como: Collins (2019), Collins e Bilge (2021), Davis (2016), hooks (2019a, 2019b), Berth (2019), Gonzalez (1984, 2018), Carneiro (2003a, 2003b), Crenshaw (2012), Lorde (2019).

A partir disso, nos aprofundaremos nos quatro conceitos que servirão de base para este trabalho, sendo dois que tratam sobre as opressões que acometem as mulheres negras e dois que dialogam com as formas de resistência e lutas. Nesse tópico, vamos discorrer sobre a interseccionalidade como uma importante ferramenta para entender as discriminações inter-relacionadas que acometem as mulheres, bem como as imagens de controle que constroem representações e estereótipos negativos das mulheres negras. Também pretendemos explorar a autodefinição, como um conceito associado à busca por uma própria voz autodefinida, e o empoderamento, conceito associado à emancipação de mulheres negras e a transformação social a partir da tomada de consciência.

Em seguida, nos deteremos em realizar uma breve explanação sobre o conceito de podcast e sobre como este possui ferramentas que contribuem para a construção de espaços propícios a partilha de vivências e subjetividades de grupos marginalizados como pessoas negras, em especial, mulheres negras que utilizam do podcast para transformar a linguagem em ação (LORDE, 2019).

Por fim, analisamos o conteúdo de oito episódios no total, cada episódio sob a perspectiva de um conceito do feminismo negro, sendo quatro episódios do Afetos e quatro do Kilombas. A partir da análise, concluímos que os principais conceitos do feminismo negro abordados neste artigo, possuem características que se alinham e dialogam com a produção de conteúdos de mulheres negras na podosfera brasileira, se apresentando de forma efetiva e variada nesses espaços, considerando as particularidades de cada podcast.

Feminismo negro e podcast: transformando linguagem em ação

Segundo hooks (2019a), o feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. A autora afirma que este movimento pode transformar a vida das pessoas de um modo significativo, sem pretensões de beneficiar apenas um grupo único de mulheres, uma raça ou classe social específica. Se tornando “[...] uma forma de resistência que nos engaja numa práxis revolucionária” (HOOKS,

2019a, p. 62). A autora também reforça que “[...] o feminismo como movimento para acabar com a opressão sexista chama nossa atenção para os sistemas de dominação e para a inter-relação entre sexo, raça e opressão de classe” (HOOKS, 2019a, p. 65).

Ao trazer essa discussão para a realidade de mulheres negras, o feminismo negro se torna uma resposta ativista necessária diante da realidade em que se persiste a subordinação das mulheres negras dentro das opressões interseccionais (COLLINS, 2019). O enegrecimento do feminismo (CARNEIRO, 2003a), demarca o peso da questão racial nas pautas que atravessam as mulheres negras, com destaque as desigualdades que acometem esse grupo. A partir disso, é possível dar visibilidade “[...] a uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra, e, em geral, pobre” (CARNEIRO, 2003b).

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. (CARNEIRO, 2003b, p. 119).

Isto está intrinsecamente associado ao conceito de feminismo negro. Collins (2019, p. 63) aponta que o pensamento feminista negro visa empoderar as mulheres negras em um contexto de injustiça social sustentado por opressões interseccionais e afirma que na medida em que as mulheres negras não podem ser plenamente empoderadas, o pensamento feminista negro apoia princípios amplos de justiça social que transcendem as necessidades específicas dessas mulheres. Dessa forma, além de ser de fundamental relevância para compreender as opressões sofridas por mulheres negras ao longo da história, o feminismo negro também está relacionado as formas de resistências dessas mulheres.

As estratégias de resistência acompanham as mulheres negras ao longo

dos séculos, perpassando a escravidão – onde essas mulheres trabalhavam nas lavouras e dentro da casa-grande, sendo exploradas, abusadas sexualmente e tratadas como propriedade (DAVIS, 2016) – até momentos contemporâneos, quando sofrem com outros efeitos de racismo, falta de oportunidade de trabalho e desigualdades de gênero e raça. Isso acontece porque as reminiscências das violências ocorridas na época colonial adquiriram novos formatos na contemporaneidade (CARNEIRO, 2003a).

Assim como as opressões, as diversas formas de luta e resistência também se perpetuaram. Ao tratar sobre o ativismo das mulheres negras e suas formas de resistências, Collins (2019) aponta duas dimensões primárias interdependentes que se convertem em importantes ações políticas para fomentar mudanças sociais: a primeira consiste na luta pela sobrevivência do grupo, que leva as mulheres negras a criarem esferas de influência feminina negra no interior das estruturas sociais existentes. Essa é uma estratégia de resistência cotidiana voltada para produzir e compartilhar uma visão de mundo própria para a comunidade negra, em contraposição àquela posta pelo grupo dominante. Através do uso de ferramentas como a educação, por exemplo, seria possível fomentar a autoestima, autonomia e empoderamento das mulheres negras, garantido assim, a sobrevivência e resistência do grupo.

A segunda dimensão consiste na luta pela transformação institucional, que está associada à criação de um conjunto de ações com o objetivo de alterar as regras e estruturas que limitam a vida das mulheres negras, colocando-as em papéis de subordinação. Assim, a resistência se converte em mudar as regras e as leis que impossibilitam que as mulheres negras ocupem posições de poder.

Para Collins (2019, p. 363-364), ambas as dimensões de luta do ativismo das mulheres negras permanecem sendo ações necessárias, assim como foi no passado. Suas raízes históricas deram origem a visão humanista do feminismo negro enquanto movimento de luta das mulheres negras contra o sistema de opressão interligado, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas (CARNEIRO, 2003a, p. 2).

Algumas das alternativas de luta e resistência existentes dialogam diretamente com os principais conceitos do feminismo negro, sobretudo no contexto brasileiro. Segundo Cardoso (2012):

O pensamento feminista negro, tecido a partir da complexa realidade racial brasileira, uma realidade codificada pelo gênero, se caracteriza: a) pela recuperação da história das mulheres negras; b) pela reinterpretação desta história a partir de uma nova estrutura teórica construída em oposição aos paradigmas tradicionais, revelando a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento; e c) pelo enfrentamento político ao racismo, ao sexismo e ao heterossexismo através de uma perspectiva interseccional. (CARDOSO, 2012, p. 25).

O feminismo negro, enquanto teoria crítica, é composto por uma série de conceitos importantes para a sua construção que veem para demarcar como as opressões que atingem as mulheres negras se articulam e de que forma, esse grupo, luta e resiste. Para este trabalho, alguns conceitos servem de instrumento de análise do *corpus*, com o objetivo de identificar o papel do feminismo negro na produção de mulheres negras em podcasts brasileiros. São eles: interseccionalidade, imagens de controle, autodefinição e empoderamento.

Conceitos Do Feminismo Negro

Os sistemas de discriminação que acometem as mulheres negras têm em sua característica o intercruzamento de diversas categorias de opressão. Entender esse intercruzamento é essencial, visto que ele cria desigualdades que estruturam as posições e lugares ocupados pelas mulheres negras. Essas questões estão presentes no conceito de interseccionalidade, que em uma definição genérica, é descrito como:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações individuais da vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 15-16)

Segundo Collins (2021, p. 53), “[...] a interseccionalidade como forma de

investigação crítica invoca um amplo sentido de usos de estruturas interseccionais para estudar uma variedade de fenômenos sociais", seja em contextos locais, regionais, nacionais e globais. A interseccionalidade permite uma análise que considere de forma alinhada às opressões que atingem as mulheres negras. O termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) que reforça que "a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação".

A interseccionalidade também diz respeito a tripla discriminação – raça, classe, sexo – (GONZALEZ, 1984, 2018) sofrida pelas mulheres negras, em que suas consequências são melhores descritas quando se aborda o segundo conceito do feminismo negro importante para este trabalho: as imagens de controle (COLLINS, 2019), que também podem ser identificadas como as noções da mulher negra, presentes nas relações sociais (GONZALEZ, 1984). As imagens de controle são estereótipos e representações negativas associadas às mulheres negras voltadas para desumanizar essas mulheres e fazer com que as opressões como racismo, sexismo e as diversas injustiças sociais pareçam naturais e inevitáveis no cotidiano (COLLINS, 2019).

Elas estão presentes nas experiências diárias das mulheres negras e nos diversos espaços sociais. Em sua obra *Pensamento Feminista Negro* (2019), Collins (2019), referência nos estudos feministas negros no mundo, aborda quatro principais imagens de controle: a *mammy*, a matriarca, a dama negra/rainha da assistência social e a jezebel.

Enquanto *mammy*, as mulheres negras reúnem opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe. Também conhecidas como "mães negras", esta é a representação da serviçal fiel, obediente e dedicada de maneira integral à função que exerce. É uma imagem criada para justificar a exploração econômica das escravizadas no período colonial e mantida através dos séculos para explicar a manutenção das mulheres negras aos serviços domésticos dentro da casa grande moderna. A *mammy* reforça as hierarquias raciais na sociedade, e simboliza a forma que a elite branca dominante visualiza o lugar

da mulher negra: como submissa, designada para servir aos “grupos superiores”. Nos dias atuais, essa imagem pode ser vista em outros espaços de trabalho, em que a mulher negra ocupa cargos subvalorizados e, quando ocupam cargos melhores, ganham menos pelo mesmo trabalho em comparação a outros grupos pertencentes a classe dominante.

A matriarca como segunda imagem de controle, simboliza a figura materna nas famílias negras, uma versão da mãe negra má, consideradas excessivamente agressivas, sem nenhum traço de feminilidade, que afastam os parceiros e geralmente são culpadas por homens e mulheres brancas pelo fracasso de seus filhos, em razão da sua imagem de mãe ausente.

A terceira imagem de controle está associada à opressão específica de classe, reunindo características que deslegitimam o exercício de direitos de cidadania das mulheres negras. É caracterizado por Collins (2019), como uma imagem de duas faces: a rainha da assistência social e a dama negra. Enquanto rainha da assistência social, é voltada a mulheres negras pobres da classe trabalhadora que fazem uso dos benefícios sociais do estado. Apesar de serem direitos garantidos por lei, por usufruir deles, a mulher negra é retratada como uma pessoa acomodada, preguiçosa, que foge do trabalho e se sustenta com os auxílios concedidos pelo governo. No contexto brasileiro, ela pode ser equiparada às mulheres negras que são mães solteiras e fazem uso de benefícios sociais. Já a imagem de dama negra se refere às profissionais negras focadas no crescimento profissional, que se dedicam ao trabalho e aos estudos e se tornam mulheres mais bem instruídas.

A quarta imagem de controle analisada por Collins (2019), é identificada como Jezebel, que representa uma forma desviante da sexualidade feminina negra. Diz respeito a representação hipersexualizada da mulher negra que seria detentora de um apetite sexual excessivo, agressivo e insaciável. Uma representação que interliga todas as imagens de controles anteriormente citadas.

Reconhecer as imagens de controle no cotidiano, ajuda na construção de métodos de resistência por parte das mulheres negras. As formas de resistência

são diversas, sendo individuais, coletivas, silenciosas e amplificadas e contribuem para a continuidade de uma luta feminista e a criação de uma contra hegemonia (HOOKS, 2019a).

Uma das estratégias de resistência existente é a partir da autodefinição, conceito que associa o ato de insistir como forma de validação do poder das mulheres negras como sujeitos humanos. Para Collins (2019, p. 183), a “[...] busca de uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras continua sendo um ponto central no pensamento feminista negro”.

A autodefinição se constrói nos diferentes espaços em que as mulheres negras utilizam para contar suas narrativas e encontrar a voz para resistir às opressões que as acometeram ao longo dos séculos. Essa busca, permite a essas mulheres, sair do silêncio e seguir no caminho da linguagem e da ação, que está entremeada por esses esforços históricos e contemporâneos de autodefinição. Para Collins (2019, p.215), “[...] a persistência é um requisito fundamental para essa busca. A convicção de que ser negra e mulher é algo valioso e digno de respeito impulsiona a persistência das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p.215).

Dentro do feminismo negro, a autodefinição dialoga com o empoderamento e ambos os conceitos estão intrinsecamente associados pela própria razão de gerarem transformação social em mulheres negras.

“As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem nos permitir vencê-lo durante certo tempo em seu próprio jogo, mas nunca nos deixarão provocar uma mudança autêntica”. Nessa passagem, Audre Lorde discute como as autodefinições independentes empoderam as mulheres negras na promoção de mudanças sociais. [...] Uma massa crítica de indivíduos com consciência transformadora pode, por sua vez, promover o empoderamento coletivo das mulheres negras. Uma consciência transformada encoraja as pessoas a mudar as condições de sua vida. (COLLINS, 2019, p. 211)

O empoderamento é uma ferramenta de emancipação coletiva política e social que está associada à tomada de consciência por parte das mulheres com o objetivo de construir estratégias de combate ao sistema de dominação e

opressão existente (BERTH, 2018). Ao estar associado à tomada de consciência, é possível considerar que o momento de aquisição de uma visão crítica das normas opressoras submetidas às mulheres negras a partir do racismo, pode auxiliar no processo de empoderamento. E, para as mulheres negras, todas essas questões estão alinhadas à construção da autoestima e da auto aceitação (VIANA, 2019, p. 46). Essas questões estão intrinsecamente ligadas ao uso de ferramentas diversas pelas mulheres negras que estimulam a construção de representações positivas.

O podcast como ferramenta de resistência e partilha de vivências de mulheres negras

Se considerarmos a tomada de consciência das mulheres negras, associada a busca pela construção de suas próprias narrativas e protagonismo, a partir das estratégias de luta e resistências presentes no Feminismo Negro, é possível considerar que as mulheres negras utilizam ferramentas e espaços diversos com a finalidade de construir narrativas e subjetividades. Uma dessas ferramentas é encontrada no espaço online, mais especificamente, na produção de podcasts.

O podcast é definido por Berry (2006, p.144), como um conteúdo de mídia entregue automaticamente a um assinante através da internet, tendo como sua principal característica, em termos técnicos, a distribuição do conteúdo via RSS (Really Simple Syndication), que, de maneira simplificada, diz respeito à forma como o podcast chega de forma automatizada para os ouvintes nas plataformas de streaming. O RSS, juntamente com o áudio digital, é visto por Pérez (2010), as principais características do podcast. Outro autor importante nesta conceituação, Bonini (2020), pontua:

Podcasting é uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais (escolas, centros de ensino profissionalizante), ou criado por produtores independentes de rádio, artistas e amadores. (BONINI, 2020, p.14)

Entretanto, é necessário destacar que muito além de características

técnicas que tornam o podcast uma tecnologia disruptiva (Berry, 2006), o podcast possui ferramentas de produção de conteúdo e interação com os ouvintes que contribuem substancialmente para a criação de programas que conectam grupos marginalizados que não se veem tão representados na mídia tradicional, o que potencializa o surgimento de debates nichados e levam o produtor para o local de protagonista do debate. Isso acontece porque o podcast propicia uma maior liberdade na definição do conteúdo a ser trabalhado, bem como a forma que esses debates nos episódios vão ser construídos, o que possibilita essa maior aproximação e interação entre o produtor e o ouvinte.

Associado a isso, por ser uma mídia que não necessita estar vinculada a algum canal formal de comunicação, proporciona autonomia e independência para que os produtores criem seus próprios programas de maneira independente, optando por conteúdo específico sobre assuntos que muitas vezes não encontram espaço em outras mídias, como o rádio e a televisão. A partir disso, essa mídia contribui para a descentralização dos conteúdos e garante uma produção de conteúdo segmentado, voltado para um público específico, o que potencializa a conexão de grupos minoritários que, por sua vez, encontram no podcast um caminho para construir sua própria resistência e um espaço de partilha de vivências. Isso só é possível porque, por meio de sua natureza íntima, os podcasts fornecem uma janela para a vida e a mente dos seus anfitriões. (VRIKKI, MALIK, 2019).

Assim, ao considerar a lógica de produção de podcasts e ao perceber que as mulheres negras se utilizam desse espaço para transformar a linguagem em ação (LORDE, 2019), em um ato de resignificação da linguagem criada em desfavor desse grupo, e para romper o silêncio e erguer a voz (HOOKS, 2019b), também é possível observar as nuances que explicitam a forte aproximação e diálogo do feminismo negro com o conteúdo produzido por mulheres negras na pódosfera brasileira. Dessa forma, o podcast contribui para a construção de espaços seguros para manifestações e diálogos produzidos por pessoas negras, em especial, mulheres negras.

Notas metodológicas: o feminismo negro na podosfera brasileira

Este trabalho se propõe a analisar a relação do feminismo negro com as discussões levantadas em podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira que são atravessados pelas questões de gênero e raça. Para isso, busca-se identificar a presença de conceitos do feminismo negro – *autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle* – nos debates propostos nos podcasts e entender de que forma as características desses conceitos contribuem para a humanização das mulheres negras e a construção de uma visão múltipla e sem estereótipos desse grupo nos programas.

A partir da metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), serão analisados os podcasts *Afetos e Kilombas*, programas que possuem equipes formadas por mulheres negras e que voltam suas discussões a debates guiados, sobretudo, pela humanização de mulheres negras. A análise de conteúdo como metodologia principal para este trabalho foi escolhida em razão das suas possibilidades de análise, em que é possível aplicar técnicas múltiplas e multiplicadas nos objetos analisados. Durante essa metodologia, na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977, p. 21). Além disso, a exigência da objetividade não permanece tão rígida, possibilitando uma análise mais subjetiva e descritiva dos objetos, o que segue alinhado à proposta deste artigo.

A aplicação da análise de conteúdo se deu a partir de da seleção das categorias de análise que se centralizam nos conceitos do feminismo negro. A partir das descrições e definições dos conceitos *autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle*, buscou-se identificar no diálogo e entrevistas construídas nos podcasts, como essas falas se alinham com os conceitos do feminismo negro.

Para identificar a associação dos conceitos do feminismo negro com o

conteúdo dos episódios, será realizado uma análise guiada por marcadores intrínsecos de cada conceito. Para *autodefinição*, a análise considerará pontos nos episódios que trate de mulheres negras contando suas próprias histórias e buscando sua voz em manifestações diversas – seja na arte, na ciência ou em outros campos do conhecimento e que demonstre formas de expressão. Em *empoderamento*, a análise se centralizará em marcadores que buscam estimular a autoestima e a luta das mulheres negras a partir do coletivo e do individual. Em *imagens de controle*, o ponto principal de análise é a identificação de formas como os estereótipos associados às mulheres negras a parte das características das imagens de controle descritas na parte teórica, trabalhadas nos episódios de análise. E em *interseccionalidade*, será considerado o conteúdo que destaca a importância de marcadores inter-relacionados como gênero e raça para a vivência de mulheres negras.

Enquanto à escolha dos dois podcasts, esta foi feita a partir de um levantamento de podcasts produzidos por mulheres negras disponíveis na plataforma Spotify e que possuem, em seu título ou descrições, marcadores que identificam o programa produzido por mulheres negras e que dialogam com esse grupo. Este levantamento, já realizado em pesquisa anterior⁶, foi estruturado a partir do uso das palavras-chaves *mulher negra; mulheres negras; mulher preta; mulheres pretas; negras e afeto*, no buscador da plataforma, onde mapeou-se um total de 95 podcasts produzidos por mulheres negras no Brasil e disponíveis no Spotify, uma das principais plataformas utilizadas no Brasil para o consumo de podcasts.

Os podcasts a serem analisados neste artigo foram escolhidos entre os cinco programas que possuíam, à época do mapeamento, publicação ativa e regular, uma quantidade de mais de trinta episódios publicados e formatos e alcances distintos, o que permite uma percepção mais aprofundada da presença

⁶ O levantamento foi realizado entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021 e mapeou programas produzidos por mulheres negras em que é possível identificar a intersecção de gênero e raça a partir dos títulos e descrições dos podcasts. A partir do mapeamento, identificou-se que a maioria dos programas são tratam de temas voltados às subjetividades e narrativas de mulheres negras. (CAVALCANTE, 2021)

dos conceitos do feminismo negro em podcasts feito por mulheres negras no Brasil.

O Afetos é um podcast comandado por Gabi Oliveira, *youtuber, influencer*, produtora de conteúdo, formada em Relações Públicas (UERJ) e Karina Vieira, comunicadora, livreira, formada em Comunicação Social e Gestão de Políticas Sociais (UCB). Criado em junho de 2019 e com mais de três anos no ar, o podcast está voltado para humanizar as subjetividades negras, se convertendo em um espaço que se fala “sobre tudo que nos afeta, aproximando pessoas por meio do que nos sensibiliza”.

Lançado semanalmente às sextas-feiras, o programa segue um formato de bate-papo entre as apresentadoras na maioria dos episódios, sempre levantando discussões que partem das perspectivas de Gabi Oliveira e Karina Vieira e de como elas são afetadas pelas temáticas. Eventualmente, contam com a presença de convidadas. A partir de 2021, passou a contar com o quadro fixo “Afetos te ajuda” em parceria com a podcaster Déia Freitas, do podcast “Não Inviabilize”. Desde que foi criado, o Afetos já tocou em assuntos como: relacionamentos amorosos, violência e dependência emocional, redes sociais, saúde mental, auto amor, representação de pessoas negras nos espaços.

Durante os episódios, as apresentadoras constroem diálogos que alinham suas opiniões e reflexões, utilizando uma linguagem simples e de fácil entendimento e que se propõe a ser acolhedora para as ouvintes. As opiniões compartilhadas entre elas, se divergem apenas de forma pontual, entendendo-se as diferentes vivências de cada uma. Na maioria dos episódios, o compartilhamento de vivências e subjetividades das apresentadoras, associado a um cuidado em demarcar a existência de mulheres negras múltiplas e diversas, direciona a conversa para a vivência e a humanização de mulheres negras, características que fazem com que este podcast se destaque dentro da podosfera brasileira.

Já o podcast Kilombas surgiu em novembro de 2019, inspirado no livro “Memórias da Plantação”, de Grada Kilomba, e se descreve como “nosso refúgio, nosso quilombo virtual feito para que se pudéssemos falar dos assuntos do

nosso cotidiano, do que nos aflige como mulheres negras, além de oferecer um espaço de fala para convidados que estão dispostos a discutir sobre raça e gênero". Sua equipe é formada pelas jornalistas Letícia Feitosa e Alice Sousa, e pela estudante de arquitetura Leíssa Feitosa.

O podcast utiliza o jornalismo para levantar discussões relacionadas à luta por igualdade racial e contribuindo para uma mídia antirracista. Em seus episódios, já abordou temáticas como racismo algorítmico, racismo estrutural, solidão da mulher negra, autocuidado, racismo nos esportes e na mídia, a estigmatização de mulheres negras, representatividade e injúria racial.

Além dos episódios predominantemente feitos em formato de entrevistas e com convidados, intitulados Drops, o podcast conta com o quadro *Kilombas comenta*, em que as apresentadoras conversam sobre temas mais leves. Apesar de ser um podcast semanal, por vezes, os episódios não são lançados de forma periódica e seu último episódio foi lançado em agosto de 2021.

Para este artigo, a análise dos dois podcasts se centralizará em episódios lançados de janeiro a agosto de 2021. Isso se dá com o objetivo de alinhar o período temporal de análise, em razão deste ser o último período em que os dois podcasts possuem episódios publicados de forma frequente. Nesse período, o podcast Afetos lançou 33 episódios, enquanto que o Kilombas, 35 episódios.

Para se chegar em uma amostra mais concisa, realizou-se uma busca nos títulos e descrição dos episódios, de elementos que possibilitassem associar o conteúdo descrito dos episódios aos conceitos do feminismo negro que serão utilizados na análise. Nesta primeira etapa, entender de que forma os conceitos do feminismo negro se definem foi de fundamental importância para se chegar a 8 episódios do podcast Afetos e 9 do podcast Kilombas. Para uma análise mais detalhada da amostra, optou-se por selecionar, de cada podcast, um episódio que pudesse vir a ser analisado sob a perspectiva de um conceito. A partir disso, chegou-se aos episódios dispostos abaixo:

Tabela 1: Amostra de análise – Podcast Afetos

N°	DATA	TÍTULO	CONCEITO
1	15/01/2021	Silêncio - Afetos #78	Autodefinição
2	18/02/2021	Perdidas No Personagem - Afetos #83	Imagem de Controle
3	15/05/2021	Não Quero Mudar - Afetos #91	Empoderamento
4	05/08/2021	A Coragem De Desistir - Afetos #107	Interseccionalidade

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos nos episódios do podcast.

Tabela 2: Amostra de análise – Podcast Kilombas

N°	DATA	TÍTULO	CONCEITO
1	24/03/2021	Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo	Autodefinição
2	21/04/2021	Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas	Imagens de Controle
3	05/06/2021	Drops #38 - Introdução ao Feminismo Negro	Interseccionalidade
4	21/07/2021	Drops #44 - Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro	Empoderamento

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos nos episódios do podcast.

Podcast Afetos

Silêncio – Afetos #78

No episódio *Silêncio – Afetos #78*, com duração de 31 minutos e publicado em 15/01/2021, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira partem da forma como elas lidam com o próprio silêncio e com o silêncio de outras pessoas, em uma tentativa de entender de que forma essa relação se articula. Ao tratar disso, destacamos duas falas:

Eu tenho muita dificuldade de silenciar o meu pensamento assim de...vamos pensar no nada, sabe? Vamos absorver. Vou prestar atenção no meu corpo. Essa coisa que você falou, eu tenho muita dificuldade de fazer isso e aí eu sei. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021d, s/p)⁷.

Eu sou muito quieta, eu sou muito tranquila. Mas ficar em silêncio para mim, eu sou uma pessoa que fala demais também. A Gabi sabe disso. Quando a gente está junto, eu estou o tempo inteiro falando que nem uma louca e ficar em silêncio foi muito importante, muito importante para mim compreender e para entender que às vezes, o silêncio pode ser também uma boa companhia, né? (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021d, s/p)⁸.

⁷ Fala de Vieira no Silêncio - Afetos #78.

⁸ Fala de Vieira no Silêncio - Afetos #78.

Abordar o silêncio e dialogar com o olhar para dentro é um caminho em busca da própria voz e para a autodefinição, no sentido de que entender os próprios processos de silêncio está relacionado a atos de resistência para as mulheres negras. Para Collins (2019, p.181), “[...] o silêncio não deve ser interpretado como submissão a essa consciência coletiva e autodefinida das mulheres negras”. Dessa forma, os processos de entender os silêncios são etapas de uma longa caminhada para trabalhar as relações.

Apesar das apresentadoras não tratarem no episódio do silêncio como forma de resistência, o fato de Gabi Oliveira e Karina Vieira buscarem refletir sobre suas relações com o silêncio, de certa forma aponta para a construção de um espaço seguro e confortável dentro de suas próprias relações enquanto mulheres negras, o que está fortemente relacionado a autodefinição.

Perdidas No Personagem – Afetos #83

No episódio *Perdidas No Personagem – Afetos #83*, publicado em 18/02/2021 e com duração de 38 minutos, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira partem da construção da imagem nas redes sociais para falar como as pessoas se mostram nesse espaço. Para isso, utilizam a expressão que dá título ao episódio, como uma forma de entrar na discussão sobre as personalidades que são transmitidas para os seus públicos e seguidores no ambiente online.

Ao tratar das formas em que as pessoas estão se posicionando e se refletindo nos lugares, o episódio dialoga com estereótipos e formas de representação, características discutidas dentro do conceito de imagens de controle. Isso acontece porque ao trabalharmos nossa imagem para ser visto pelo outro, também somos passíveis aos estereótipos. Ao falar sobre a construção de imagens, as apresentadoras consideram as contradições e variações de personas e papéis sociais em diferentes espaços.

Quando você falou que a gente tem várias personas, não é? Eu sou uma pessoa no trabalho, eu sou outra pessoa em casa, eu sou outra pessoa com a minha família. Eu sou muito assertiva que eu falo bastante no Podcast, mas quem vê minhas redes sociais sabe que eu quase não me manifesto a minha família, então, deve ter a impressão que eu sou a pessoa mais antissocial do mundo, porque eu sou extremamente calada e introspectiva com eles, muito diferente no trabalho. Assim, no trabalho, eu sou a pessoa que está sempre para cima e que se fico, sei lá, 20 minutos sem falar nada as pessoas já vêm perguntar o que está acontecendo? Porque você está estranha, você está calada demais, então, sim, nós temos muitas personas. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021c, s/p)⁹

Quando Gabi Oliveira e Karina Vieira compartilham quais *personas* cada uma assume em determinados ambientes – seja no trabalho, seja na família, no podcast ou nas redes sociais – as apresentadoras demarcam as suas próprias pluralidades e humanidades. As reflexões dispostas no episódio, subvertem a lógica das imagens de controle, a partir de um bate papo informal e descontraído levado para as ouvintes.

Não Quero Mudar – Afetos #91

O episódio *Não Quero Mudar – Afetos #91* foi lançado em 15/04/2021 e conta com 24 minutos de duração. Ele centraliza sua discussão em práticas, posturas e comportamentos em que as apresentadoras não querem mudar, e sobre o que Gabi Oliveira e Karina Vieira aceitam como sendo parte do que elas são.

A partir de reflexões feitas sobre mudanças nos processos da vida, de atitude e de hábitos, as apresentadoras revisitam práticas que desejam manter em suas vidas e como fazem para lidar com julgamentos e comparações.

E Ká, quando eu pensei em fazer esse episódio, era também muito nesse sentido de se libertar de algumas culpas e de algumas expectativas do outro. De certa forma, nós aqui também às vezes a gente fica nesse lugar onde a gente fica só pensando ah "se eu fizesse isso", "você vai fazer ou não?" E já senta e pensa, "eu vou mudar, eu vou trabalhar para isso ou eu não vou?". Que se não, se você for ficar só perdendo tempo imaginando e se martirizando, não vale a pena, gente, segue o baile. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021b, s/p)¹⁰

É a partir desse posicionamento de libertação do outro e aceitação de si,

⁹ Fala de Vieira no *Perdidas No Personagem - Afetos #83*.

¹⁰ Fala de Oliveira no *Não Quero Mudar - Afetos #91*.

que as apresentadoras tocam em um ponto intrinsecamente associado ao empoderamento, enquanto conceito do Feminismo Negro: a construção da autoestima e da autoaceitação. Esses elementos contribuem para a construção de pontes que levam as mulheres negras para um caminho de transformação social e política de caráter individual, mas que atinge o coletivo.

Dessa forma, consideramos que o exercício de se aceitar, reconhecendo os próprios processos e respeitando limites, hábitos e escolhas, faz parte do empoderamento pessoal que caminha para o autoconhecimento (COLLINS, 2019).

A Coragem De Desistir – Afetos #107

O episódio *A Coragem De Desistir – Afetos #107* foi lançado em 05/08/2021 e tem duração de 28 minutos. No programa, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira tratam sobre você ser sua prioridade, além de abordar a importância da saúde mental e como esse assunto interferiu na vida de personalidades negras como as atletas Simone Biles e Naomi Osaka que competiram nas Olimpíadas de Tóquio 2020.

Ao iniciar o conteúdo, destacando que o episódio também vai falar sobre a trajetória de Simone Biles e Naomi Osaka, as apresentadoras reforçam a preocupação e o cuidado com a humanização de mulheres negras, com suas falhas, desistências e pluralidades para além de serem atletas famosas com premiações e troféus. Também narram episódios em que a saúde mental dessas atletas foi abalada e relatam situações de discriminação, racismo e violências em que elas sofreram ao longo de suas trajetórias.

A gente vem falando de saúde mental há muito tempo... Assim, desde antes de eu começar a fazer terapia a cerca de 1 ano e meio atrás, saúde mental já era pauta aqui do Afetos. Mesmo eu não fazendo terapia, a gente já conversava sobre isso. E qual não foi a nossa surpresa quando a gente viu no meio de uma Olimpíada duas mulheres negras levantando esse tema e levantando esse tema de forma extremamente responsável e corajosa. Por isso que a gente decidiu colocar o nome desse episódio como “a coragem de desistir”. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021a, s/p)¹¹.

¹¹ Fala de Vieira no A Coragem De Desistir - Afetos #107.

O peso de ser duas vezes melhor, enquanto mulher negra, em comparação a outros atletas, interfere diretamente na saúde mental dessas atletas. Ao pontuar essas questões no episódio, cria-se um ambiente propício para identificar a interligação das opressões que acometem essas mulheres e as consequências dessas discriminações para essas mulheres negras.

Ao tratar sobre saúde mental, associado a mulheres negras, o programa faz a inter-relação de três pontos associados à opressão e discriminação de mulheres negras: gênero, raça e saúde mental. É a partir disso que se considera este episódio como um programa que tem a interseccionalidade como um conceito norteador da discussão.

Podcast Kilombas

Drops #35 – Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo

O *Drops #35 – Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo* foi publicado em 24/03/21 e tem 10 minutos de duração. Ele se descreve como um episódio que vai falar sobre cineastas baianas, o cenário do audiovisual negro no Brasil e os espaços conquistados pelas mulheres cineastas. Para isso, a apresentadora Letícia Feitosa contou com duas convidadas: Loia Fernandes e Daiane Rosário, que fazem parte da organização da Mostra Itinerante de Cinemas Negros – Mahomed Bamba.

A partir da forma como a temática é debatida e colocada na descrição, é possível identificar a associação do episódio com o conceito de autodefinição, visto que a autodefinição é apontada por Collins (2019), como as manifestações utilizadas pelas mulheres negras para narrar suas histórias e vivências, utilizando-se de diversas expressões artísticas. Uma delas é o cinema e a produção audiovisual.

No começo do episódio, essa relação se torna ainda mais forte quando a apresentadora afirma que a conversa vai tratar de cineastas baianas que estão ocupando a cena do audiovisual negro brasileiro “[...] provando de uma vez por

todas que mulheres pretas no cinema existem, e elas têm nome e sobrenome" (KILOMBAS, 2021b)¹². Além disso, a escolha por trazer exemplos de mulheres negras pioneiras na direção de filmes no Brasil, como Adélia Sampaio, demonstra que seguir o caminho trilhado por ela é uma possibilidade para outras mulheres negras e que esse espaço autodefinido, é possível.

Adélia se tornou espelho e inspiração para várias pretas que desejam criar carreira no cinema. [...] A gente não pode é abrir mão dos nossos sonhos. Isso é uma tragédia e a gente tem que saber que esse país nos deve muito, muito, muito, muito. E não vão pagar tão cedo...Então, o que que a gente faz? A gente tem que viabilizar a nossa vida, a vida do negro." (KILOMBAS, 2021b)¹³

O episódio também traz a fala de outras cineastas negras ao narrar suas trajetórias no cinema e analisar as redes de contato criadas por elas na contemporaneidade, o que dialoga diretamente com mais uma característica da autodefinição: a relação das mulheres negras umas com as outras, reafirmando que essa troca é significativa, especialmente pela importância da voz na vida dessas mulheres (COLLINS, 2019).

Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas

O episódio *Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas* publicado em 21/04/2021, com duração de 24 minutos, trata de um tema muito valioso quando dialogamos sobre a imagem das mulheres negras, que é a representatividade desse grupo na mídia, mais especificamente, na teledramaturgia brasileira.

Esse assunto é importante porque a mídia reproduz as relações sociais e é um dos principais espaços consumidos pela população, fazendo com que muitas imagens negativas e estereotipadas de grupos marginalizados sejam consumidas, o que torna essa representação negativa ou sub-representação uma extensão das características das imagens de controle, conceito do Feminismo Negro utilizado para analisar esse episódio.

Para tratar da temática, Letícia Feitosa, conversa com a estudante de

¹² Fala de Letícia Feitosa no Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo.

¹³ Fala de Letícia Feitosa no Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo.

jornalismo noveleira, Gabriela Feitosa, e a advogada e presidente da Comissão de Promoção da Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Raquel Andrade. Ao introduzir o assunto, a apresentadora destaca a lentidão do “[...] processo de inserção dos nossos corpos de forma justa e respeitosa da mídia e eu já lanço aqui uma pergunta do início do episódio, você se enxergava nas novelas quando criança?” (KILOMBAS, 2021a)¹⁴, fazendo referência à pouca presença de atrizes e atores negros e aos lugares ocupados por eles.

Ao falar de sua experiência enquanto telespectadora, Feitosa (KILOMBAS, 2021a)¹⁵ compartilha que os papéis que ela observava que eram reservados para mulheres negras eram de empregadas. Em outras situações, ocupavam papéis que priorizavam a sexualização do corpo negro. Todos esses pontos são características das imagens de controle propostas por Collins (2019), respectivamente, *mammy* e *jezebel*. Essa percepção também é compartilhada por uma das entrevistadas do episódio que fala da grande presença dos estereótipos nas telenovelas, destacando que ao ocupar esses espaços, a pessoa negra não tem história, nem narrativa para além dessas imagens de controle.

O episódio vai além da problematização das imagens de controle nas novelas. Ele também propõe alternativas para subverter essa prática secular.

Então é necessário que haja uma reparação histórica, né? Que se desconstrua esses pilares de narrativas machistas e racistas, né, que se complementam e isso só vai acontecer com a resignificação desses papéis políticos, desses papéis econômicos, não é... dessa função, dessas múltiplas funções que essas personagens negras ocupam nesses espaços, não é? Então, parece óbvio, mas é preciso que seja dito. E essa resignificação começa, não é com a não formação com a não estrutura, né? De estereótipos os negros femininos que limitam essas mulheres em papéis de empregadas domésticas, de... de mulheres periféricas apenas empobrecidas com o sofrimento físico ou psicológico perpetuado durante toda a narrativa, né? Essa subalternização de papéis, né? Essa resignificação passa por isso. E essa resignificação, ela, é preciso efetivar mudanças de tornar essa mudança, né? Fazer com que ela seja composta por elementos que promovam uma interseccionalidade de alimentos, uma pluridimensionalidade de elementos políticos, físicos, psicológicos,

¹⁴ Fala de Letícia Feitosa no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

¹⁵ Fala de Letícia Feitosa no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

econômicos (KILOMBAS, 2021a)¹⁶,

A medida em que o episódio discorre sobre a temática, é possível destacar o caminho percorrido pelo discurso e a conversa, em que, as imagens de controle são questionadas e problematizadas, em uma forma de pontuar que esse espaço estereotipado destinado às mulheres negras na teledramaturgia brasileira, não cabe mais a esse grupo e não se deve limitar mais essas mulheres a esses papéis, visto que isto ajuda a perpetuar construções negativas. Assim, o conteúdo dialoga diretamente com as imagens de controle e contribui para um pensamento crítico sobre milhares de possibilidades de combater imagens negativas associadas às mulheres negras.

Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro

No episódio *Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro*, com duração de 14 minutos, publicado em 05/05/2021, a apresentadora Alice Sousa conversa com a professora e militante Luizete Vicente sobre o Feminismo Negro enquanto movimento social segmentado e protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas, reivindicar direitos e unir a luta por equidade com a luta antirracista, além de questionar o motivo pelo qual mulheres brancas deviam também se informar sobre o assunto.

O episódio começa trazendo o histórico do feminismo negro e os principais acontecimentos ao longo das ondas desse movimento. Para isso, perpassa os acontecimentos do feminismo como um movimento que teve impacto na vida de mulheres diversas e a diferença na luta e nas pautas das mulheres brancas e das mulheres negras.

Por a interseccionalidade ser um dos principais conceitos do feminismo negro, esse conceito aparece ainda na explicação do assunto ao considerar as pautas e recortes interligados e de interesse para as mulheres negras como as pautas antirracistas, olhando a luta dessas mulheres a partir dessa ótica e

¹⁶ Fala de Raquel Andrade no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

também ao considerar a intersecção de gênero e raça nesse debate e nesse movimento. Esse ponto se acentua mais na fala da convidada quando Luizete explica a terceira onda do feminismo:

É necessário, é urgente compreender que existe essa interseccionalidade de gênero, de raça, de classe, de orientação sexual. Então, mais do que nunca, é perceber que o feminismo negro chega principalmente nessa terceira onda, com muito mais força, apesar de já estar aí, a todo o tempo gritando nas outras ondas. Mostrar que é importante esse feminismo negro, porque a partir dele foi possível percebermos aí o espaço político que as mulheres negras precisam habitar. (KILOMBAS, 2021c)¹⁷

Assim, ao trazer um panorama histórico do feminismo negro, o episódio inevitavelmente aborda o conceito da interseccionalidade por este estar intrinsecamente ligado ao movimento. Nesse caminho, ao tecer críticas e diferenciações entre as ondas do feminismo e as pautas de mulheres brancas e de mulheres negras, coloca em destaque a importância do feminismo negro para a emancipação das mulheres negras.

Drops #44 – Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro

O episódio *Drops #44 – Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro* tem duração de 6 minutos, foi lançado em 21/07/2021 e foi produzido para celebrar o dia 25 de julho, data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Para falar sobre isso, a apresentadora Leíssa Feitosa convidou Alane Reis, ativista e integrante do programa de comunicação do Instituto Odara, que criou as ações do Julho das Pretas, realizado para celebrar a data.

O tema do episódio dialoga diretamente com o conceito de empoderamento, visto que o evento e as ações do Julho das Pretas são voltadas para o fortalecimento e o protagonismo de mulheres negras na sociedade. O empoderamento enquanto movimento de transformação social está intrinsecamente associado a essa temática. Isso pode ser visto na fala da convidada que explica como essa luta pode reverter a lógica das discriminações

¹⁷ Fala de Luizete Vicente no Drops #38 - Introdução ao Feminismo Negro.

contra as mulheres negras:

Nós, mulheres negras trazemos a sociedade, nós somos a maior parte da população Brasileira e a gente acredita que reverter as lógicas do racismo e a lógica do sexismo vai trazer para a sociedade uma melhora coletiva e que isso precisa ser iniciado para as mulheres negras, pela pelas mulheres negras, que são as pessoas que mais que vivem processos de violação de direitos humanos no Brasil. (KILOMBAS, 2021d)¹⁸

Ações coletivas desenvolvidas por diversas mulheres negras que ocorrem no Julho das Pretas descritas pela convidada, engrandecem a emancipação coletiva política e social, uma das principais características do empoderamento, que tem o objetivo de construir estratégias de combate e luta das mulheres negras. Dessa forma, dar destaque a eventos com essa finalidade nos episódios de Kilombas confere um comprometimento do programa no estímulo do empoderamento de mulheres negras na sociedade, a começar por suas próprias ouvintes.

Considerações finais

Este trabalho é um aprofundamento de pesquisa anteriormente realizada sobre o protagonismo de mulheres negras na podosfera brasileira, em que se questionou quais narrativas mulheres negras produzem nos podcasts para mulheres negras no Brasil e se identificou que essas narrativas estão maioritariamente associadas à construção da pluralidade e individualidade de mulheres negras.

Além disso, também se observou que os podcasts produzidos por mulheres negras, atravessados pelas questões de raça e gênero, pretendem colocar mulheres negras como sujeitas de suas próprias narrativas que estão associadas com a partilha de suas subjetividades e, por sua vez, subvertem a lógica dos estereótipos e imagens negativas corriqueiramente associadas a esse grupo.

Ao considerar a forte presença das subjetividades das mulheres negras nos podcasts analisados, pude me aprofundar nessas questões e analisar os

¹⁸ Fala de Alana Reis no Drops #44 - Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro.

objetos Afetos e Kilombas sob uma ótica mais específica do feminismo negro. Isso foi possível após observar a aproximação dos debates dos podcasts com os conceitos do feminismo negro, em especial, autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

O feminismo negro enquanto teoria crítica, movimento social de combate às opressões, estímulo ao protagonismo e construção de imagens positivas de mulheres negras, possui características que, a partir das análises feitas, se aproximam da produção de conteúdo por mulheres negras em podcasts brasileiro: a autonomia e o protagonismo das mulheres negras. Isso acontece a partir da forma como os diálogos são guiados. As podcasters abordam os assuntos sob perspectivas individuais, o que está ligado à autonomia nessa escolha de abordagem, ao tempo em que priorizam suas subjetividades e vivências, tornando-as protagonistas destes espaços e destas narrativas, estando estes pontos destacados fortemente presentes nos conceitos do feminismo negro.

Os debates levantados pelos podcasts Kilombas e Afetos são atravessados pelas características dos principais conceitos do feminismo negro, seja de forma consciente, como, por exemplo, quando as apresentadoras do Kilombas abordam diretamente o feminismo negro e suas interseccionalidades, como observado no episódio *Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro*, ou de forma mais subjetiva, quando as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira tratam de opressões que se inter-relacionam, como gênero, raça e saúde mental, no episódio *A Coragem De Desistir – Afetos #107*.

A forte presença dos conceitos acontece de forma mais evidente no Kilombas em razão do formato do podcast e de sua proposta em ser um programa jornalístico. Isso é possível observar, a partir das falas das convidadas e do uso de palavras mais demarcadas, como quando no episódio *Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas* fala-se de forma explícita em ressignificar os papéis atribuídos às mulheres negras. Já no Afetos, essa relação se dá de forma mais subjetiva, nas entrelinhas dos debates. Isso se dá em razão dos assuntos partilhados por Gabi Oliveira e Karina Vieira serem tratados a partir da

perspectiva da subjetividade das apresentadoras.

Por fim, conclui-se que a relação de conceitos do feminismo negro e a produção de conteúdo em podcasts feitos por mulheres negras no Brasil se apresentam de forma consistente e de maneira variada nos debates levantados nesses espaços, como foi possível observar nos programas Afetos e Kilombas. Enquanto que o conceito de *autodefinição* surge nos debates que consideram as manifestações artísticas de mulheres negras, bem como em episódios que tratam de sensações e sentimentos mais individuais, o conceito de *empoderamento* aparece quando se trata de conteúdos que estimulam a busca por uma voz individual e coletiva amplificada, autoaceitação e autoconhecimento.

Se tratando da *interseccionalidade*, este é um conceito que surge quando o debate gira em torno do próprio feminismo negro, trazendo seus conceitos, históricos e importância, como também se mostrando presente quando o diálogo considera a sistemática de opressões que acomete as mulheres negras. Enquanto que o conceito de *imagens de controle* aparece em momentos em que os debates buscam questionar e subverter a lógica dos estereótipos negativos associados às mulheres negras nos espaços sociais e midiáticos.

Essas características se manifestam nos episódios mais específicos do Kilombas, quando estes tratam de assuntos que já são direcionados às mulheres negras. No Afetos, por sua vez, elas se manifestam de formas mais subjetivas em episódios diversos, sejam aqueles que sinalizam em sua descrição que aquele assunto é voltado para mulheres negras, ou seja, aqueles que são descritos como uma temática mais ampla voltada para a comunidade negra no geral.

Por fim, é importante ressaltar que a partilha da essência e características dos conceitos do feminismo negro para ouvintes a partir dos discursos das apresentadoras dos podcasts Kilombas e Afetos, ocorrem de forma efetiva.

Bibliografia

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. ISBN: 972-44-0898-1.

BERRY, Richard. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. **Convergence: the international journal of research into new media technologies**, 2006. Visto em: 15 Mai. 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354856506066522>

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018. ISBN 97-885-953-0069-9.

BONINI, Tiziano. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Visto em: 18 mai. 2022.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 382 f. Salvador. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Tese de Doutorado. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista Racismos Contemporâneos**, 2003a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509702/mod_resource/content/0/14-Artigo-Enegrecer-o-feminismo-a-situa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-negra-na-Am%C3%A9rica-Latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-g%C3%AAnero.pdf.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados**, v. 17, n. 49 (2003b). Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira. **Repositório Aberto da Universidade do Porto**. Porto, Portugal. Universidade do Porto. 2021. Dissertação de Mestrado. Visto em: 13 Mai. 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/134772>

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. ISBN 85-755-9707-8.

COLLINS, Patricia Hill. H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021. ISBN 978-65-5717-029-8.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 10, nº 01(2002). Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. ISBN 97-885-755-9503-9.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA

Editora, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019a. ISBN 97-885-273-1166-3.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019b.

KILOBAS. A Mulher Negra Nas Telenovelas. Drops. Ep. 37. 2021a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0zpOByJ6qxKjDjkrclrDES?si=fb09a6ae40734230>.

KILOBAS. Cineastas Pretas: da Bahia para o mundo. Drops Ep. 35. 2021b. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0aYg12DVLwEuZNUjy0eLh?si=c11479401b4947f7>

KILOBAS. Introdução ao Feminismo Negro. Drops. Ep. 38. 2021c . Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/46CKH84pf1cwxox0cvfA8D?si=40d94324d02343e3>

KILOBAS. Julho das Pretas: Mulheres Negras São o Futuro. Drops. Ep. 44. 2021d. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6ZyeLELQb7vNaulpGJ0jcP?si=9dbb3784e68f44d2>.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ISBN 978-8551304341.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. A Coragem de Desistir: Afetos. Ep. 107. 2021a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fusqpWE11wiHhr5SfGIS?si=e8f120cdde02402c>.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Não Quero Mudar: Afetos. Ep. 91. 2021b. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4EulzTgXHI5xUh9iutTnZq?si=8d6e5bb5e09e4743>.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Perdidas No Personagem: Afetos. Ep. 83. 2021c. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7klGbEvHvZKZq5mXOhFCxO?si=26ddedf00cf643d4>

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Silêncio: Afetos. Ep. 78. 2021d. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3ucMLVy3Kd1hTDI3moNoBa?si=3ded94421b50442e>

PÉREZ, Juan Ignacio Gallego. **Podcasting: Distribución de contenidos sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010. 488 f. Tese de Doutorado.

VIANA, Géssica de Castro Silva. **Ciberfeminismo e a (in)visibilidade da mulher negra youtuber**. 180 f. Natal: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Dissertação de Mestrado. Visto em: 22 Jun. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29514>.

VRIKKI, Photini.; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics. **Popular Communication**. [Em linha]. Vol. 17, n.º 4 (2019), p. 273-287, Visto em: 15 Mai. 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15405702.2019.1622116?scroll=top&needAccess=true>

Mundo Corporativo no rádio:

gênero e cultura da confiança

Mundo Corporativo on the radio:

gender and culture of confidence

Mundo Corporativo en la radio:

género y cultura de la confianza

Sônia Caldas Pessoa; Camila Maciel Campolina Alves Mantovani e Ângela Cristina Salgueiro Marques

Resumo

Este artigo parte da abordagem de rádio expandido de Zimmermann (2006) e Kischinhevsky (2016) para discutir gênero e cultura da confiança em um programa de rádio veiculado no dial e em plataformas digitais. Nosso corpus é composto por edições do Mundo Corporativo, veiculado na Rádio CBN, e que completa duas décadas de transmissão em 2022. Observamos e destacamos alguns objetos discursivos de entrevistas realizadas pelo jornalista Milton Jung com mulheres que ocupam cargos importantes no mercado de trabalho. As entrevistadas oscilavam entre a valorização da agência feminina na criação de práticas de liberdade e autonomia, a partir de seus contextos específicos, e a reiteração da individualização de uma carreira bem-sucedida por meio de “técnicas de si” que reproduzem os imperativos da cultura da confiança.

Palavras-chave: Rádio corporativo; Confiança; Técnicas de si; Mulheres nas organizações.

>> **Informações adicionais:** Artigo convidado para dossiê temático.

>> **Como citar este texto:**

PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Mundo Corporativo no rádio: Gênero e cultura da confiança. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 128-144, jan/abr. 2022.

Sobre as autoras

Sônia Caldas Pessoa

soniacaldaspessoa@gmail.com
m

<https://orcid.org/0000-0002-1057-8135>

Doutora em Estudos Linguísticos, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (UFMG).

Camila Maciel Campolina Alves Mantovani

camilamm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9922-6848>

Doutora em Ciência da Informação (ECI/UFMG), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (UFMG).

Ângela Cristina Salgueiro Marques

angelasalgueiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2253-0374>

Doutora em Comunicação (UFMG), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (UFMG).

Abstract

This article builds on the expanded radio approach by Zimmermann (2006) and Kischinhevsky (2016) to discuss gender and the confidence culture in a radio program broadcast on dial and digital platforms. Our corpus consists of editions of Mundo Corporativo, aired on Rádio CBN, and which completes two decades of broadcast in 2022. We observe and highlight some discursive objects of interviews carried out by journalist Milton Jung with women who occupy important positions in the labor market. The interviewees oscillated between valuing female agency in the creation of practices of freedom and autonomy, based on their specific contexts, and the reiteration of the individualization of a successful career through “technologies of the self” that reproduce the imperatives of confidence culture.

Keywords: Corporate radio; Confidence; Technologies of the self; Women in organizations.

Resumen

Este artículo se basa en el enfoque de radio ampliado de Zimmermann (2006) y Kischinhevsky (2016) para discutir el género y la cultura de la confianza en un programa de radio transmitido en dial y plataformas digitales. Nuestro corpus está compuesto por ediciones de Mundo Corporativo, transmitido por Rádio CBN, y que completa dos décadas de transmisión en 2022. Observamos y destacamos algunos objetos discursivos de entrevistas realizadas por el periodista Milton Jung con mujeres que ocupan cargos importantes en el mercado laboral. Las entrevistadas oscilaron entre valorar la agencia femenina en la creación de prácticas de libertad y autonomía, a partir de sus contextos específicos, y la reiteración de la individualización de una carrera exitosa a través de “técnicas del yo” que reproducen los imperativos de la cultura de la confianza.

Palabras clave Radio corporativa; Confianza; Tecnologías del yo; Mujeres en las organizaciones.

Pistas metodológicas por um rádio expandido

Nossa escolha empírica para este texto foi dialogar com um programa específico, o Mundo Corporativo, veiculado na Rádio CBN, em rede nacional, e em seus perfis e páginas em ambientes digitais. Antes de apresentarmos o programa, gostaríamos de registrar que partimos de noções conceituais que

percebem o rádio não apenas como um conjunto de transmissões ancoradas somente no dial, em ondas hertzianas. Tomamos estas edições aqui mencionadas e, conseqüentemente, a programação radiofônica da emissora, como rádio expandido (ZIMMERMANN, 2006) com elementos articuladores da história, da técnica e da epistemologia do rádio, além de aspectos de rádio visual ou aquele que inclui também elementos imagéticos para a veiculação de seus conteúdos (LOPEZ, 2012).

A reconfiguração dos modos de produção, transmissão e escuta radiofônicos tem ocupado lugar de destaque nos estudos da área nos últimos anos. Tratam-se de abordagens que tentam compreender as diversas modificações pelas quais o meio passa em função da tecnologia e também dos movimentos da audiência. O teórico alemão Bernhard Siegert nos lembra que ainda que a noção busque abranger um rádio pensado para além das ondas hertzianas, não dá conta de apresentar uma definição propriamente dita para o meio diante de muitas incertezas e da própria dificuldade de se categorizar o rádio: "Nunca houve nem haverá uma definição conclusiva do que o rádio é exatamente, sendo o rádio impossível de se definir em função da evolução permanente do meio" (MAURUSCHAT, 2014, p. 1).

As indefinições e as incertezas sobre o rádio levaram Zimmermann (2006, p. 241), que se apoiou em Siegert, a avaliar que o conceito de rádio expandido deve ser pensado em uma constelação de elementos que conjugam o ponto de vista histórico, técnico ou epistemológico. "O rádio expandido não é uma nova tecnologia, mas um conceito que se refere ao rádio, à sua história e ao seu presente, a partir de uma abordagem multi-perspectiva."

Se afirmamos que "As experiências do rádio expandido ultrapassam o dial e a voz, perpassam a presença e a corporificação improváveis para o rádio até pouco tempo e que foi possível graças ao rompimento de barreiras tecnológicas no ecossistema midiático" (MANTOVANI, PESSOA, MARQUES, 2022), o concebemos como algo que está imbricado à tecnologia, mas não somente a ela: com a convergência midiática "o rádio foi forçado a se reinventar mais uma vez e, surpreendentemente, mostrou maior capacidade de reação do que outros

meios de comunicação" (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

Vincular os percursos dos veículos de comunicação a superlativos talvez seja um movimento perigoso tendo em vista a necessidade de estudos exaustivos sobre a temática em questão. Por outro lado, concordamos com Kischinhevsky (2016) sobre a habilidade do rádio para continuar em movimento permanente em busca de escolhas que o mantenham atual e contemporâneo associando às suas características tão bem conhecidas e reconhecidas, tais como imediatismo, instantaneidade e proximidade com o ouvinte, por exemplo, outras, como intensificar a interação, a circulação e a capilaridade da programação aos recursos tecnológicos. Essas articulações dizem de um rádio que se expande para outros ambientes além do dial, que busca no imagético a transformação dos bastidores em produto de consumo para a audiência e que se mantém ativo e em conexão com os ouvintes ampliando a capilaridade da circulação, sem, contudo, se distanciar da sua essência.

No rádio expandido, produção, transmissão e circulação estão em constante tensão com as temporalidades narrativas, afinal, o conteúdo disponibilizado no dial e que só poderia ser consumido no momento exato da transmissão, encontra "abrigo" nos sites e plataformas de vídeos e de áudios, como o Spotify e o YouTube, apenas para mencionar algumas. A periodicidade dos programas, por exemplo, é mantida no dial e eventualmente em outras plataformas digitais. Por outro lado, a audiência pode customizar a escuta e se sentir à vontade para escolher o melhor dia e horário para "se relacionar" com o programa preferido.

Com o rádio expandido, experimentamos ainda a possibilidade de uma segmentação que atende a nichos específicos, como o Mundo Corporativo, mas que abre espaço para abordagens de conteúdos de atmosferas mais amplas, oxigenadas por demandas sociais emergentes e necessárias, conectadas com anseios de determinadas causas e/ou grupos minoritários.

Foi pensando nestes atravessamentos entre rádio expandido, temporalidades da escuta e segmentação, que escolhemos acompanhar algumas edições do programa Mundo Corporativo, da Rádio CBN. Um primeiro

movimento de pesquisa se concentrou na escuta de episódios que geraram o trabalho sobre Cultura da Confiança como "técnica de si" e a invulnerabilidade feminina no contexto organizacional do trabalho (MANTOVANI, PESSOA, MARQUES, 2022). Neste primeiro momento,

Pela própria natureza do rádio expandido, uma produção em áudio disponibilizada online para escuta sob demanda e com possibilidades de acesso a visualidades, o programa não pressupõe uma escuta síncrona no dial e sim, pelo YouTube, Facebook e site da emissora. Por isso, em parte, indica relações de temporalidades e de visualidades que não se coadunam com a escuta tradicional do rádio. Por isso, nossa 'escuta' dos programas foi realizada individualmente, nos horários convenientes às pesquisadoras, a partir dos canais do YouTube e dos áudios disponíveis no site da emissora, em dias e horários não coincidentes com a transmissão ao vivo do Mundo Corporativo, e a partir deste movimento de escuta, realizamos análises e reflexões em diálogo com a discussão teórica aqui apresentada. (MANTOVANI, PESSOA, MARQUES, 2022, p.03).

Nesta pesquisa, vamos trilhando percursos que nos conectem, por meio de pistas e rastros (GINZBURG, 2014), de modo qualitativo em ambiente digital, aos sentidos constituídos a partir do nosso contato com as noções teóricas e os achados da empiria. Apesar de navegarmos em plataformas digitais, esclarecemos que nos distanciamos dos chamados métodos digitais, com grande volume de dados, para estudar fenômenos sociais coletivos (ROGERS, 2015; VENTURINI et al, 2018). A nossa escolha se dá, do ponto de vista metodológico, por uma observação de inspiração etnográfica (CHANG, 2008; PESSOA, 2018), assumindo a nossa proximidade com as abordagens da cultura da confiança e com o rádio em si.

Mundo Corporativo

O Mundo Corporativo, veiculado pela Rádio CBN, completa duas décadas de transmissão em 2022. Ele está previsto semanalmente na grade de programação no dial da emissora, sempre aos sábados, no Jornal da CBN, na Rádio CBN. A reprise é às 10h da noite, aos domingos. A temporalidade das transmissões não se dá de modo simultâneo para os ouvintes do dial e os das plataformas digitais, tendo em vista que os usuários das plataformas podem

acompanhar a gravação pelo canal da CBN no Youtube, no Facebook ou no site da CBN. Os programas são disponibilizados no Spotify a cada semana, sempre aos sábados, mesmo dia da transmissão nas ondas hertzianas. A apresentação do programa é do jornalista Milton Jung e a colaboração de Renato Barcellos, Priscila Gubiotti e Rafael Furugen.

Milton Jung — que já atuou nas rádios Guaíba e Gaúcha de Porto Alegre, bem como em emissoras como as TVs Cultura, Globo, SBT e Rede TV, e é autor do livro "Jornalismo de rádio", de 2004 — destacou que a internet aumenta a proximidade entre apresentadores e o público, por meio de interações com canais digitais:

Usar o rádio com competência, explorando os recursos e o alcance — principalmente hoje, com as emissoras atuando em rede, conectadas à internet — pode se transformar em interessante política de comunicação para empresas, abrindo uma linha direta com o público, interno e externo. Essa ideia se aplica, também, àqueles que acreditam ser possível fazer jornalismo no rádio com qualidade equivalente a de outros veículos, direcionado a um público fiel, que "enxerga" no âncora ou no comunicador o companheiro, o amigo, o conselheiro que diariamente conversa com ele ao "pé do ouvido" (JUNG, 2004, p. 15).

Em março de 2022, o Mundo Corporativo fez uma série de quatro entrevistas com mulheres, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, em 08 de março. Na primeira fase da pesquisa, fizemos um recorte dos programas a serem analisados:

Os três episódios do Mundo Corporativo que têm, em média, 25 minutos de duração, escolhidos por nós, em função da economia deste texto, foram veiculados no período de 05 de fevereiro a 11 de março de 2022, e dois deles foram motivados pelo Dia Internacional da Mulher. Nesses episódios, três gestoras são convidadas a falar sobre a presença de mulheres em organizações e suas formas de agência. Michelle Levy Terni, CEO da consultoria Filhos no Currículo, defendeu programas de parentalidade para deslocar a ideia do cuidado dos filhos centrado nas mulheres, o que acaba retirando-as do mercado de trabalho. Ela enfatizou que dessa forma "a mulher consegue equilibrar melhor o prato profissional, junto com o prato pessoal". Por sua vez, Rijarda Aristóteles, presidente do Clube das Mulheres e Negócios de Portugal, trouxe à cena a importância de entidades que estimulem mulheres a empreender e a assumir o protagonismo dos próprios negócios. Para ela, "as mulheres, quando têm condições, ativam uma capacidade de ressignificar situações adversas e conseguir criar outras alternativas". Já Lídia Abdala, presidente do grupo Sabin, analisou a importância da presença das mulheres

em cargos de liderança no mercado de trabalho, na relação com colaboradores e na decisão de consumo de diversos produtos. Seu depoimento enfatiza que a despeito de “vivermos em uma sociedade patriarcal, as mulheres podem fazer escolhas de vida sem abrir mão de suas carreiras e que o desempenho pode ser conciliado com outras tarefas”. Todas elas mencionam a importância do autoconhecimento e da autoconfiança para ocuparem postos de gestão em organizações e deixam entrever vários aspectos da cultura da confiança. (MANTOVANI, PESSOA, MARQUES, 2022, p.04)

A apresentação do programa Mundo Corporativo informa ao ouvinte que se trata de um *talk show*, no qual são realizadas "entrevistas esclarecedoras com especialistas sobre marketing, negócios, empreendedorismo e mercado de trabalho". É possível perceber, ainda que nossa pesquisa seja qualitativa e não tenha o objetivo de traçar uma diferença percentual entre homens e mulheres entrevistados pelo programa, que, pelas playlists no Youtube, no Spotify, e no site da Rádio CBN, os entrevistados são majoritariamente do sexo masculino. Não podemos afirmar que esta seja uma escolha deliberada da produção ou do âncora; talvez, reflita o mundo das organizações, no qual a maioria dos cargos de chefia ainda é exercida por homens.

A presença dessa temática nos veículos de comunicação é um fenômeno que ganha proeminência no final do século XX. Thomaz Wood Jr., pesquisador da FGV- EAESP, em entrevista para o documentário Abraço Corporativo, lançado em 2009, já alertava para a emergência dos conteúdos de gestão do comportamento empresarial nos ambientes organizacionais. Para ele, o fator que impulsionou esse movimento, iniciado no final dos anos 1980 e início dos 1990, foi a globalização e suas dinâmicas desreguladoras e de alta competitividade entre mercados. Para Wood Jr, isso fez com que executivos se sentissem pressionados a buscar conteúdos que os oferecessem algum tipo de orientação para transitar nessa mudança e com isso há, na visão do pesquisador, uma explosão de serviços voltados a essa demanda como, por exemplo, as consultorias e as escolas de negócios (MBA). Junto a isso, a mídia de negócios também se amplia. Para Wood Jr. há uma multiplicação das publicações voltadas a essa temática, além do surgimento dos gurus e dos eventos corporativos.

Retomando a questão da presença feminina no ambiente corporativo, a Global Entrepreneurship Monitor (GEM) realizou um monitoramento por 20 anos, que revela que as mulheres possuem uma confiança média 20% menor que os homens em suas capacidades para iniciar um negócio (54,7% vs. 66,2%). Já o empreendedorismo feminino é percebido pela pesquisa como importante para a promoção do crescimento econômico inclusivo nas economias em desenvolvimento. O relatório aponta que em países de baixa e média renda, 17% das mulheres são empreendedoras e 35% aspiram a se tornar empreendedoras. Neste cenário, espaços midiáticos tais como TED Talks, podcasts, programas de entrevistas, livros, cujo foco são a carreira e o trabalho, seriam lugares importantes para a circulação de sentidos sobre o desenvolvimento da confiança pelo público feminino (GILL e ORGAD, 2022). Sendo assim, entendemos que a escuta e a observação de programas segmentados sobre negócios possam nos dar pistas sobre as negociações e as apropriações, feitas por mulheres, em torno da dinâmica da confiança.

Neste momento, ampliamos a nossa escuta para outros episódios, totalizando 5 programas, veiculados entre fevereiro de 2021 e junho de 2022, e nos concentramos em programas cujas convidadas são mulheres. Nos outros dois programas que foram acrescentados à nossa análise, as conversas giram em torno de dinâmicas de liderança feminina, exemplos e confiança para se fechar um negócio. Todos esses programas tiveram a condução do jornalista Milton Jung.

A seguir, apresentamos um resumo dos temas dos demais programas objeto de nossa escuta: 1) pessoas que se inspiram na trajetória de uma líder bem sucedida; 2) questões de gênero: dificuldades enfrentadas por mulheres no mercado de trabalho; 3) a pandemia e seus efeitos sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho; 4) inteligência emocional no mundo corporativo; 5) negócio no digital: autonomia para mulheres empreenderem; 6) carreira e maternidade; 7) desafios e conquistas das mulheres empreendedoras.

Cultura da Confiança

A presença de mulheres nos ambientes corporativos tem sido acompanhada, nos últimos anos, por uma discussão muito intensa e controversa acerca da vulnerabilidade. Por um lado, notamos a presença de um discurso que defende a superação da vulnerabilidade, a partir de estratégias comportamentais, para que as mulheres possam conquistar uma postura mais assertiva no trabalho e, assim, serem mais bem sucedidas em suas atividades profissionais. A obra *Clube da Luta feminista: um manual de sobrevivência* (para um ambiente de trabalho machista) de Jessica Bennett, publicada pela editora Rocco em 2018, traz um conjunto de orientações práticas daquilo que, na visão da autora, seria capaz de promover “a mudança do sistema a partir de dentro” (2018, p. 29).

Este livro é para a mulher que sabe que merece um lugar à mesa, mas não tem a confiança – ou as ferramentas – para se sentir à vontade para tomar seu assento (ou para saber o que fazer, uma vez que já tenha sentado). É porque sabemos que os desafios são coletivos e queremos empoderá-la – sim, você mesma! – para ficar astuta demais, informada demais, preparada demais para alguma pessoa, ou sistema, que queira te limitar. Dentro de cada mulher existe uma guerreira. Eu garanto. (BENNETT, 2018, p. 30).

Porém, numa direção contrária à proposta por Bennett (2018), vemos ganhar espaço também uma perspectiva que convida as mulheres a abraçarem sua vulnerabilidade, reconhecendo suas imperfeições não como algo que necessite ser corrigido, mas como atributos a serem valorizados e reconhecidos. Brené Brown, pesquisadora na Universidade de Houston, dedicada aos estudos sobre vulnerabilidade, coragem, empatia e vergonha, e bastante conhecida pela TED Talk “O poder da vulnerabilidade”, afirma que:

Nossa rejeição da vulnerabilidade deriva com frequência da associação que fazemos entre elas e as emoções sombrias como o medo, a vergonha, o sofrimento, a tristeza e a decepção – sentimentos que não queremos abordar, mesmo quando afetam profundamente a maneira como vivemos, amamos, trabalhamos e até exercemos a liderança. O que muitos não conseguem entender, e que me consumiu uma década de pesquisa para descobrir, é que a vulnerabilidade é também o berço das emoções e das experiências que almejamos. (BROWN, 2016. p. 28)

Entre a rejeição e o acolhimento das vulnerabilidades, as pesquisadoras Rosalind Gill e Shani Orgad (2022) trazem mais um elemento à cena: a confiança. No livro *Confidence Culture*, publicado em 2022, as autoras analisam a cultura da confiança no trabalho, apontando para dois lugares de circulação de sentidos em que é possível perceber uma ênfase ao desenvolvimento da confiança pelo público feminino. O primeiro deles seria na literatura acerca da construção e gestão da carreira e o outro seria em espaços midiáticos como as TED Talks, podcasts, programas de entrevistas e outros que discutem carreira e trabalho e que se voltam para as mulheres.

Nesse aspecto as autoras sustentam que a cultura da confiança, pautada pelo aprimoramento de técnicas individuais de ampliação da autoconfiança, parece funcionar como uma “técnica de si” (RAGO, 2019; McLAREN, 2016) instigando mulheres inseridas nos ambientes organizacionais a agirem sobre si mesmas, a reconfigurar suas posturas corporais e discursivas, a agir através de um tipo de feminismo alinhado com as forças disciplinares do capitalismo. (MANTOVANI, PESSOA, MARQUES, 2022)

As organizações há muito já compreenderam que a diversidade é um ativo importante para gerar criatividade e inovação no mundo corporativo. No entanto, podemos nos questionar se essa compreensão vai além de comunicados e campanhas institucionais, efetivando-se em ações e práticas concretas nos ambientes organizacionais. Sabemos que a diversidade engloba aspectos múltiplos e que estão inter-relacionados: classe, gênero, raça, deficiência, idade. Aqui, nós nos desafiamos a olhar para as questões relativas à presença das mulheres no ambiente corporativo, a partir de uma prática comunicacional bastante difundida, as entrevistas. E, como já abordado acima, são entrevistas que se deram num programa radiofônico específico: o Mundo Corporativo da CBN. A partir dessas entrevistas, que emergem desse cenário comunicacional muito conhecido dos públicos, nós nos propusemos a dialogar com mulheres que estão inseridas em organizações de médio e grande porte, buscando perceber e refletir acerca das negociações e apropriações, feitas por

elas, em torno das questões da vulnerabilidade no ambiente organizacional.

A nossa aproximação, ainda que reconheça as limitações desse contato que se opera em espaços e temporalidades distintos, é pautada pela abordagem afetiva que pensa a interrelação entre afetos e organizações de modo muito próximo, e por que não dizer, intrínseco, tendo em vista a perspectiva de Moriceau de duplo movimento entre ambos: os afetos são comunicação e algo se comunica pelos afetos.

Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos. A perspectiva dos afetos é uma possibilidade de pesquisa na comunicação, uma possibilidade de perspectiva humanista, onde o estético, o ético e o político se juntam para pensar suas questões, principalmente para tentar pensar a Comunicação Organizacional. (MORICEAU, 2020, p. 23)

Nas cinco entrevistas veiculadas, tanto no programa "Mundo Corporativo" da CBN quanto no blog e canal do Youtube do programa, foi possível perceber elementos que buscam promover uma reflexão acerca da presença das mulheres no mercado de trabalho. Nas entrevistas trazidas para o diálogo com o texto, é interessante notar que, para além da expertise dessas mulheres em seu campo de atuação, há sempre uma necessidade de dizer do processo de inserção e permanência dessas mulheres no mercado de trabalho. Chama a atenção o fato de que, na fala das entrevistadas, ao mesmo tempo em que é mencionado o desafio de ser mulher nas organizações e o reconhecimento de que a presença feminina em postos de gestão e liderança, nas organizações, ainda ser minoritário, há quase sempre uma necessidade de minimizar as condições sociais e culturais que fomentam essa cultura, em favor de uma ideia de que, sim, há espaço para todas.

O (Grupo) Sabin é uma empresa que sempre valorizou muito as pessoas, quem estava disposto a crescer junto, a estar se qualificando, buscando novos conhecimentos. Nosso modelo sempre foi um modelo de gestão muito participativo, convidando as pessoas, quem quisesse ir para novos projetos e eu sempre fui uma pessoa que gostei muito de desafios e diferentes desafios. Então, desta forma, eu fui meio que fazendo uma migração da minha carreira da área técnica para áreas de gestão administrativa, que é um grande desafio. (Lídia Abdalla, presidente do Grupo Sabin Medicina Diagnóstica)

Lyana Bittencourt, CEO do Grupo Bittencourt, ao contar a sua história,

também menciona questões relativas aos desafios apresentados, porém, busca minimizá-los diante de uma trajetória bem-sucedida.

A gente carrega o nome da família e no meu cartão, quando eu ainda entregava cartão (risos) as pessoas olhavam: Ah, Bittencourt quem fundou foi o seu pai, né? Ninguém nunca me perguntou: quem fundou foi a sua mãe? Não, todo mundo perguntava: é o seu pai o sócio fundador? E eu dizia com todo orgulho, não, é a minha mãe. A gente sabe que a questão das mulheres na liderança ainda é mais escassa. Eu mesma vivi muito isso — e minha mãe deve ter vivido mais ainda — quando eu ia para reunião, eu não tinha uma mulher disputando comigo, eram só empresas lideradas por homens, hoje, ainda são né. Os meus principais competidores são liderados por homens, a nossa empresa é a única feminina e feminina em espírito. E o espírito feminino do Bittencourt abraça a diversidade, então, dentro da empresa, a gente tem toda a diversidade possível, mas é uma empresa com uma liderança feminina, que valoriza o masculino, valoriza as diferenças. (Lyana Bittencourt, CEO do Grupo Bittencourt)

Uma temática que esteve presente nas entrevistas analisadas, foi a pandemia e seus impactos sobre a vida das mulheres, principalmente, no que tange às suas relações profissionais. Rijarda Aristóteles, presidente do Clube Mulheres de Negócios de Portugal, em sua entrevista à CBN, tratou do tema de modo a tensionar aspectos relativos à ida “forçada” das mulheres para o lar, e a possibilidade de repensar o lugar ocupado no mercado de trabalho, a relação com sua profissão/ocupação e, quem sabe, ter a possibilidade de começar uma nova etapa.

Foi um momento em que a humanidade foi pega de pronto, sem saber muito bem como agir. E as questões que eram apresentadas para o ser feminino e até temos também algumas pesquisas aqui que nos comprovam isso, inclusive dentro do próprio Clube, é que, passado aquele tempo inicial que ficamos um pouco sem chão, nós começamos a ressignificar e a fazer algumas perguntas que são absolutamente interessantes quando nós temos condição de fazê-las, atenção, isso não é regra. Nem todas as mulheres têm essa possibilidade e condições de fazer essa ressignificação e evoluir nesse momento, porque depende de uma de uma série de fatores. Mas quem teve condições, por exemplo, a executiva, a gestora, a CEO da empresa, que pôde inclusive fazer a pergunta: Será que de fato é esse negócio que eu quero? É de fato esse trabalho que eu quero para a minha vida a partir de agora? Então, foram perguntas, principalmente, nas mulheres a partir dos 38, 40 anos, que tiveram uma importância muito grande e que hoje nós estamos já a colher os frutos dessas respostas e destas ações. (Rijarda Aristóteles, presidente do Clube Mulheres de Negócios de Portugal)

A possibilidade de repensar a carreira, o que em certa medida diz respeito

à frágil conquista do mercado de trabalho pelas mulheres, também foi tema da entrevista com Michelle Trevi, fundadora da “Filhos no Currículo”. Para a consultora, as mulheres estariam em busca de rotinas que lhes permitissem negociar e equilibrar as demandas do trabalho com as demandas de casa e, no caso específico trazido pela entrevistada, as demandas relativas aos cuidados com os filhos.

A gente fez uma pesquisa recente junto com o Grupo Talenses e um grupo de parceiros para mapear como é que fica esse futuro do trabalho na visão de profissionais com filhos. Daí o que a gente percebeu aqui é que 95% das mães acreditam que o Home Office veio para ficar e 75% se identifica o modelo de trabalho híbrido. Por que isso? Porque eu quero estar perto, porque eu quero aproveitar esses momentos tão únicos e importantes que vão, inclusive, impactar no futuro dessa criança. (Michelle Trevi, co-fundadora da Consultoria Filhos no Currículo)

Nas entrevistas com as quais escolhemos dialogar do Programa “Mundo Corporativo”, a questão da confiança apresentou-se de formas distintas. Na fala de Lídia Abdala, a questão da formação e da necessidade de as mulheres se qualificarem para assumirem cargos de gestão ou mesmo disputarem postos de trabalho com os homens, aparece como um requisito para aumentar a confiança.

Eu me especializei, fiz meu mestrado na área de saúde e sempre gostei muito de gestão, de liderança, de trabalhar com pessoas, de desenvolver pessoas e eu digo que as oportunidades foram surgindo. Fui tendo também um investimento na minha carreira, buscando outros conhecimentos e fui acompanhando o crescimento do grupo. [...] a gestão de áreas diversas me fez buscar outros conhecimentos que eu não tinha na minha base, no meu curso de formação. (Lídia Abdala, presidente do Grupo Sabin Medicina Diagnóstica)

Já para Rijarda Aristóteles, guardadas as diferenças entre países, o tema da confiança aparece sob a forma de uma certa postura, que na perspectiva da entrevistada, precisa ser assumida pelas mulheres, diante de um cenário já favorável em termos de conquista de direitos

As mulheres têm agora uma oportunidade, um movimento e um momento de fazer valer muito mais assertivamente as coisas que lhes são interessantes do ponto de vista do mundo corporativo, do ponto de vista das empresas. E, isso não acontece por acaso. Isso vem no esteio também de uma alteração e de uma mudança interna da própria mulher. De começar a perceber que ela tem um

papel e uma responsabilidade. Atenção, nós não estamos falando somente de direito, quando o direito, ele é absolutamente conivente e proporcional às nossas responsabilidades. Então, ao mesmo tempo em que nós queremos o direito, nós também temos que prestar atenção que nós devemos assumir as responsabilidades que nós temos e isso eu tenho percebido de uma maneira muito mais forte agora. (Rijarda Aristóteles, presidente do Clube Mulheres de Negócios de Portugal)

Uma perspectiva mais crítica sobre a questão da confiança foi apresentada por Paula Morais, da Intera, HRtech de Recrutamento Digital. Na perspectiva da empreendedora, a presença reduzida de mulheres nos cargos de liderança faz com que, num ambiente de negociação, a presença feminina, bem como as ideias apresentadas por essas mulheres, seja vista como menos confiável.

Outro ponto que eu senti muito é que existe um viés inconsciente sobre mulheres que lideram empresas. (...) Por exemplo, quando eu fui captar investimento, eu fui conversar com um Fundo de Investimento para investir na Intera, lá em 2019. Eu tenho um sócio homem, mas quem foi, fui eu, porque sempre estou à frente dessa parte do pitch, do discurso, do vender o sonho, vender o negócio, tanto é que eu sou da área de vendas hoje. Mas, quando eu fui a campo, todos esses fundos de investimento que a gente tem aqui no Brasil, a maior parte deles são compostas por homens, quem está do outro lado da mesa são homens. Então, eu senti muito assim uma descrença mesmo no processo, por mais resultados que a gente trouxesse, por mais que tivesse ali, nitidamente, o modelo que fazia sentido, que tracionada, existia uma diferença, tanto é que, muitas vezes, quando meu sócio ia junto comigo numa apresentação de pitch, eu fazia o discurso, mas, na hora de perguntar, perguntavam para ele e não para mim, olhavam para ele para ele responder. Então, às vezes, nem é consciente esse processo é um histórico que a gente tem mesmo de uma sociedade machista, de uma sociedade patriarcal que, de alguma forma, influencia assim na confiabilidade, na confiança que esses fundos de investimento têm em negócios que são liderados por mulheres por não haver muitas mulheres nesse papel. (Paula Morais, Intera, HRtech de Recrutamento Digital)

As falas de Lídia e Rijarda reconhecem os direitos conquistados pelas mulheres em seus espaços de trabalho, mas ainda assim, acentuam que é preciso “uma mudança interna da própria mulher” e que a confiança deriva também da possibilidade e de uma disciplina para buscar o aperfeiçoamento através de estudos. Essa atribuição do sucesso das mulheres ao seu desempenho e mérito é também uma das chaves do argumento de livros que

prometem resolver o “problema” da falta de confiança. Apenas na fala de Paula notamos uma crítica às dinâmicas de poder e de gênero, que operam em um nível social e cultural, e que, muitas vezes, impedem que as falas proferidas por mulheres sejam valorizadas e acolhidas num ambiente predominantemente masculino.

A abordagem construída por Gill e Orgad (2022) critica fortemente o “imperativo da confiança”, como uma das formas atualizadas da meritocracia neoliberal que retira toda a culpa das instituições e culpabiliza a vulnerabilidade das mulheres e sua incapacidade de lutar contra sua própria tendência a colocar-se no lugar de uma “impostora”, de alguém que não consegue assumir uma “postura empoderada” e que tem dificuldades de aumentar a quantidade de testosterona que circula em seu corpo (!). Quando da causa das injustiças no ambiente de trabalho passa a ser um déficit de confiança “as mulheres precisam retrabalhar profundamente sua aparência, sua maneira de se comunicar, de ocupar espaço em salas de reunião, de modo a construir psicologicamente um ‘eu’ mais confiante e capaz de gratidão, autoafirmação, empatia e elegância” (2022, p.6). Sendo assim, o que o imperativo da confiança parece oferecer a todas as mulheres é quase um manual de sobrevivência, resiliência e transformações superficiais em sua forma de aparecer, circular e negociar seus pontos de vista no trabalho.

Considerações finais

O fato de o programa Mundo Corporativo se inserir em um conjunto de programas da Rádio CBN, disponibilizados não somente no dial, mas também em plataformas digitais, em uma lógica de rádio expandido, o instaura em um lócus privilegiado para a escuta atemporal, a veiculação e a circulação de conteúdos segmentados, centrados em temáticas como as organizações e os ambientes corporativos.

Do ponto de vista do corpus analisado, podemos observar que as entrevistadas oscilavam entre a valorização da agência feminina na criação de práticas de liberdade e autonomia, a partir de seus contextos específicos, e a

reiteração da individualização de uma carreira bem-sucedida por meio de "técnicas de si" que reproduzem os imperativos da cultura da confiança. Essas questões estão no centro da crítica que Rosalind Gill e Shani Orgad (2017) elaboram acerca da cultura da confiança: a produção de dicas e prescrições para que mulheres possam enfrentar as desigualdades no trabalho operam como a oferta de implementação de uma versão das técnicas de si que preservam uma forma de governo dos corpos coletivos femininos quanto à autodefinição de sua confiança e quanto à conquista ou não de reconhecimento social e estima no âmbito do trabalho. As autoras argumentam que a cultura da confiança oferta técnicas de si pasteurizadas e universais, que oscilam entre a elaboração de arranjos estratégicos para impor o poder (sobretudo no contexto de formas biopolíticas de governo) e a produção de arranjos relacionais e provisórios para a criação de formas experimentais de resposta a demandas urgentes de transformação. Assim, a "experimentação" via montagem de técnicas de si como dispositivos generificados precisa de novos arranjos aparentemente não hierárquicos entre corpos, ações, palavras e gestos responsáveis por alterar quadros valorativos e avaliativos das vidas e modos de torná-las habitáveis.

Referências

- BENNETT, Jessica. **Clube da Luta Feminista**. Um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 336p.
- GILL, Rosalind; ORGAD, Shani. Confidence culture and the remaking of feminism. **New Formations**, v.91, 2017, pp. 16-34.
- GILL, Rosalind; ORGAD, Shani. **Confidence culture**. London: Duke University Press, 2022.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LOPEZ, Debora Cristina. Rádio com imagens: uma proposta de sistematização do uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio. **Brazilian Journalism Research (BJR)**, v.

8, n. 2, 2012.

MANTOVANI, Camila. PESSOA, Sônia. MARQUES, Ângela. Cultura da confiança como "técnica de si" e a invulnerabilidade feminina no contexto organizacional de trabalho. **Anais do XXXI Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz – MA. 06 a 10 de junho de 2022.

MATOS, Marlise. Democracia, sistema político brasileiro e a exclusão das mulheres. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, v.7, 2015, p. 24-35.

MAURUSCHAT, Ania. Ruído, peça sonora, rádio estendido: um estudo de caso de *bugs & beats & beasts*. **Polêmica Revista Eletrônica**, V. 13, nº 2, 2014.

McLAREN, Margaret. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

McLAREN, Margareth. Resistência e revolução: "nem tudo é igualmente perigoso". In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (org.). **Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?** São Paulo: Intermeios, 2017, p.351-362.

OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, M.; PELEGRINI, M. (org.). **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p.115-138.

OKSALA, Johana. Feminism and Neoliberal Governmentality, **Foucault Studies**, n. 16, p. 32-53, 2013.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência**. Experiências e partilhas. Coleção Tese. Belo Horizonte (MG): PPGCOM, 2018. Disponível em: <http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/book/21>. Acesso em 19 mai. 2019.

RAGO, Margareth. Foucault, o neoliberalismo e as insurreições feministas. in RAGO, M.; GALLO, S. (org.). **Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?**, São Paulo: Intermeios, 2017, p.363-374.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. In: **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**, 1–22, 2015.

VENTURINI, Tommaso; BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan; ROGERS, Richard. A Reality Check(List) for Digital Methods. In: **New Media & Society**, v. 20, n. 11, nov. 2018.

ZIMMERMANN, Elizabeth. La radio expandida. **Sexta Bienal Internacional de Radio**. Radio Educación: México, 2006.

Apenas uma mulher entre quatro homens comanda uma produção radiojornalística na rádio Boa Notícia AM (Balsas/MA)

Only one woman among four men commands a radio journalistic production at Boa Notícia AM radio station (Balsas/MA)

Sólo una mujer entre cuatro hombres al frente de una producción periodística en la emisora Boa Notícia AM (Balsas/MA)

Izani Mustafá, Nayane Rodrigues de Brito, Graziela Soares Bianchi

Resumo

O artigo analisa cargos ocupados por homens e uma mulher em quatro programas jornalísticos da Rádio Boa Notícia AM, emissora localizada na cidade de Balsas, ao Sul do estado do Maranhão. Observamos a rotina dessas produções durante uma semana, entre os dias 20 e 24 de junho de 2016, e uma entrevista realizada em 2022. Os elementos verificados são parte dos dados adquiridos durante a pesquisa de campo desenvolvida no mestrado em Jornalismo e que estão em continuidade no doutorado e nas discussões de grupos de pesquisa, listados no CNPq. Os homens são responsáveis pelos programas denominados carro-chefe da rádio — aquele espaço que tem mais audiência, tempo e investimento. Apenas uma mulher comanda uma produção jornalística que tem duração mais curta que os demais programas. Sabemos que as mulheres foram protagonistas na formação do rádio brasileiro, mas ainda hoje a presença delas em programas radiojornalísticos é pequena em relação aos homens. No entanto, as mulheres são maioria nos veículos de comunicação (PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO, 2021), continuam lutando contra o sistema patriarcal e estão mais empoderadas (COLLING, 2020; 2021).

Palavras-Chave: Mulheres; Homens; Rádio; Jornalismo; Gênero.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 29/03/2022 e aceito em: 18/09/2022.

>> **Como citar este texto:**

MUSTAFÁ, Izani; BIANCHI, Graziela Soares; BRITO, Nayane Rodrigues de. Apenas uma mulher entre quatro homens comanda uma produção radiojornalística na rádio Boa Notícia AM (Balsas/MA). **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 145-166, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Izani Mustafá

izani.mustafa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

Jornalista por formação e professora adjunta da graduação e da Pós-Graduação de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM), cadastrado no CNPq, e o GT História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). É também integrante e pesquisadora do Grupo Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e da RUBRA – Rede de Rádios Universitárias do Brasil. Pesquisa rádio, radiojornalismo, rádios universitárias e podcast.

Nayane Rodrigues de Brito

nayanebritojornalista@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Doutoranda de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Membro

Abstract

This article analyzes the positions occupied by men and a woman in four radio journalistic programs of Rádio Boa Notícia AM, a station located in the city of Balsas, in the south of the state of Maranhão. The study starts from the observation of the routine of these productions during a week, between the 20th and 24th of June 2016, and an interview conducted in 2022. The verified elements are part of the data acquired during the field research developed in the master's degree in Journalism and that are in continuity in the doctorate and in the discussions of research groups, listed in the CNPq. Men are responsible for programs called the flagship of radio, that space that has the most audience, time and investment. Only one woman commands a journalistic production that has a shorter duration than the other programs. We know that women were protagonists in the formation of Brazilian radio, but even today their presence in radio journalistic programs is little in relation to men. However, women are the majority in the media (PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO, 2021) and continue to fight against the patriarchal system and are more empowered (COLLING, 2020; 2021).

Keywords: Women; Men; Radio; Journalism; Genre.

Resumen

Este *paper* analiza las posiciones ocupadas por un hombre y una mujer en cuatro programas periodísticos de la Rádio Boa Notícia AM, una estación ubicada en la ciudad de Balsas, en el sur del estado de Maranhão. El estudio parte de la observación de la rutina de estas producciones durante una semana, entre el 20 y el 24 de junio de 2016, y una entrevista realizada en 2022. Los elementos verificados forman parte de los datos adquiridos durante la investigación de campo desarrollada en la maestría en Periodismo y que se encuentran en continuidad en el doctorado y en las discusiones de los grupos de investigación, listados en el CNPq. Los hombres son los responsables de los programas llamados buque insignia de la radio, ese espacio que más audiencia, tiempo e inversión tiene. Una sola mujer comanda una producción periodística de menor duración que los demás programas. Sabemos que las mujeres fueron protagonistas en la formación de la radio brasileña, pero aún hoy su presencia en los programas periodísticos radiales es escasa en relación a los hombres. Sin embargo, las mujeres son mayoría en los medios (PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO, 2021) y siguen luchando contra el sistema patriarcal y están más empoderadas (COLLING, 2020; 2021).

Palabras clave: Mujeres; Hombres; Radio; Periodismo; Género.

dos seguintes grupos de pesquisas: Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFÁ), Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) e Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM). Bolsista da FAPESC/SC – Brasil.

Graziela Soares Bianchi

grazielabianchi@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-4940-9849>

Professora adjunta no curso de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado) e Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foi coordenadora do curso de Jornalismo da UEPG nos anos de 2020 e 2021. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Realizou estágio de doutorado no exterior, com bolsa sanduíche Capes, na Universitat Autònoma de Barcelona. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Introdução

O rádio emitido por ondas hertzianas demarca um meio de comunicação que exige do receptor somente o ouvir, denominado por alguns teóricos como um meio cego que ativa a imaginação. A habilidade de ver é ampliada, supera o olhar pelo órgão da visão e se torna infinita pela capacidade de imaginar o radialista, o estúdio das emissoras, as cenas dos acontecimentos narrados, os entrevistados, entre outras imagens. “Por mais que o ver fique eliminado, isso não quer dizer que não se veja nada, mas precisamente que se vê tão bem que se vê uma infinidade de coisas tantas ‘como se queira” (BRECHT, 2005, p. 38).

A mensagem radiofônica, amparada na linguagem falada (palavra), linguagem musical, linguagem dos sons e dos ruídos e linguagem do silêncio (MARCHAMALO; ORTIZ, 2005), combinadas ou isoladas, que constituem os programas radiofônicos, estabelecem identidades, definem o público e são utilizadas de acordo com a intenção de cada emissor:

Por meio dos sons somos capazes de transmitir sensações, conceitos ou representações. Ou, com outras palavras, por intermédio do som codificamos uma série de sinais com os quais o receptor cria determinadas situações e imagens. Esse código de comunicação apresenta diferentes níveis de percepção e interpretação, dependendo dos mecanismos – racionais ou emocionais – que intervêm em seu processo de decodificação (MARCHAMALO E ORTIZ, 2005, p. 57).

Em aproximadamente 70% das 49 cidades localizadas ao Sul do Maranhão, existe ao menos uma emissora de rádio com programação local. O mesmo não acontece com emissoras de TV, que, geralmente, retransmitem programações das cidades de Açailândia, Imperatriz, Balsas ou mesmo da capital São Luís, e em poucas cidades existem emissoras televisivas locais. Os impressos geralmente são iniciativas tímidas com tiragem mensal e não atingem a maioria da população. Existem muitos blogs, mas também são limitados a uma parcela da sociedade. É importante ressaltar que nessa parte do Maranhão é considerável a parcela da população que mora na zona rural. São

435.888 habitantes, ao passo que, na zona urbana são 861.8222¹⁹. Em algumas fazendas e localidades distantes das cidades, o rádio é o único meio de comunicação que dá à população algum acesso à informação. Para completar, também, a internet não chega a todos, dificultando que alguns sintonizem alguma rádio pelo celular.

Diante dessa realidade, o rádio se torna ainda mais expressivo na região verificada. Desse modo, Chantler e Harris (1998) indicam a relevância do rádio local e avaliam que o jornalismo de proximidade é o diferencial e a força em uma emissora local: "A força do jornalismo numa emissora local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local. Estações de rádio locais que querem atingir grande audiência e ignoram o jornalismo correm riscos" (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 21). Por sua vez, Peruzzo (2005) indica jornalismo de proximidade da seguinte maneira:

Entendemos por informação de proximidade aquela que expressa as especificidades de uma dada localidade, que retrate, portanto, os acontecimentos orgânicos a uma determinada região e seja capaz de ouvir e externar os diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos cidadãos, das organizações e dos diferentes segmentos sociais. Enfim, a mídia de proximidade caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas no exercício do poder (PERUZZO, 2005, p. 81).

Nesse contexto, a figura dos comunicadores na condução de programas radiojornalísticos se torna relevante. Na concepção de Thomé (2005), "o apresentador insere no contexto, pela fala, suas percepções de mundo [...] É com a voz que o profissional vai possibilitar ao ouvinte captar emoções além do que está escrito no texto" (THOMÉ, 2005, p. 81). A autora pondera que a forma como os conteúdos jornalísticos são transmitidos pelos profissionais reflete diretamente na identificação do ouvinte com o programa.

¹⁹ Dados fornecidos pelos IBGE e sistematizados pela pesquisadora na soma de cada município para obter os totais apresentados. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_maranhao.pdf. Acesso em 20 nov. de 2016.

A Rádio Boa Notícia AM localizada na cidade de Balsas, no interior do estado do Maranhão, apresenta a maior variedade de programas e gêneros radiofônicos entre as 61 emissoras mapeadas durante uma pesquisa de campo. A emissora possui programas nos seguintes gêneros: educativos, jornalísticos, radiorevista, musicais, variedades, religiosos e de sindicatos. A variedade se estende à periodicidade, com produções semanais, sendo algumas veiculadas quatro vezes por semana e outras uma vez por semana. Verifica-se que essa diversidade também se estende aos profissionais. Assim, o objetivo deste artigo é analisar as posições ocupadas por mulheres e homens em quatro programas radiojornalísticos. São eles: Radar 770, Boletim 770, Placar Esportivo e Cultura e Cidadania. E também contribuir com a revisão histórica da presença das mulheres como protagonistas de programas de rádio na história e na radiodifusão (GOBBI; ZUCULOTO, 2021). De acordo com a proposta das autoras, muitos relatos de mulheres à frente de programas radiofônicos estão invisíveis até hoje quando o rádio, no Brasil, chega a 103 anos de existência, considerando que as primeiras transmissões sonoras ocorreram na Rádio Clube de Pernambuco, que funciona em Recife (CARTA DE NATAL, 2019, on line).

Optou-se pelo gênero de programas radiojornalísticos em decorrência da representatividade dos informativos junto aos ouvintes. E essas quatro produções são veiculadas de segunda a sexta-feira, com exceção de Cultura e Cidadania que não é transmitido às sextas-feiras. A observação dos programas aconteceu entre os dias 20 e 24 de junho de 2016, e, para isso, foram incorporados procedimentos metodológicos do *newsmaking* com a colaboração de estratégias metodológicas da etnografia.

Os dados são recolhidos pelo pesquisador, presente no ambiente que serve de objeto de estudo, seja com a observação sistemática do que ocorre neste espaço, seja por meio de conversações mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas, conduzidas com os que desenvolvem os processos de produção (WOLF, 2005, p. 191).

Wolf (2005) define os aspectos metodológicos de pesquisas que contemplam o *newsmaking* como uma etnografia da comunicação pela observação direta das práticas dos profissionais envolvidos nos processos

jornalísticos. Assim, segundo o autor, todas as pesquisas que utilizam essa metodologia têm em comum o uso da observação participante (WOLF, 2005, p. 91).

Apontamentos sobre a presença das mulheres nos veículos de comunicação

Este estudo apresenta o caso da Rádio Boa Notícia AM como um exemplo do que é verificado nas demais emissoras maranhenses quanto a disparidade na atuação de homens e mulheres no radiojornalismo. E também em algumas rádios brasileiras, principalmente aquelas que estão instaladas no interior. No entanto, conforme a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021) realizada com a participação de 7 mil profissionais, a maioria que está trabalhando são mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%) e na faixa etária entre 23 e 30 anos (24,1%), 31 e 40 anos (30,3%) e 41 e 50 anos (18%). Infelizmente, o levantamento mostra que a "renda média de 60% dos jornalistas é inferior a R\$ 5,5 mil por mês e apenas 12% recebem acima de R\$ 11 mil" (PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO, 2021). Além disso, raramente elas estão em cargos superiores como editoras e diretoras nestes meios de comunicação. As informações do Perfil do Jornalista Brasileiro indicam que as mulheres têm ocupado mais espaço nos veículos de comunicação, panorama diferente do observado na Rádio Boa Notícia AM de Balsas (MA), mas que possibilita refletir sobre o lugar da mulher no jornalismo.

No entanto, é necessário destacar que esse apoderamento tem sido lento e gradual desde o século 19, quando a mulher conquistou o direito ao voto e passou a se inserir no mercado de trabalho, muitas vezes em duplas jornadas. Segundo Santos e Temer, "o jornalismo está imerso no contexto da sociedade patriarcal, que desde seu surgimento se mantém à custa de um discurso baseado na questão econômica, o qual sustenta o poder familiar e político dos homens" (SANTOS; TEMER, 2018, p. 8). Para as autoras, que citam uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho de 2016 e 2017, as "conquistas femininas no mundo do trabalho se justificaram em grande parte pelas

necessidades de sobrevivência e pelas mudanças nas instituições seculares, como a família, ainda hoje as mulheres sofrem com relações tensas no trabalho e discriminação de gênero" (SANTOS; TEMER, 2018, p. 8). Essas informações são corroboradas também no Relatório da Organização Internacional do Trabalho (2018) porque mostram que as "mulheres continuam a auferir mensalmente, em todo o mundo, cerca de menos 201 por cento do que os homens, ainda que desempenhem o mesmo trabalho ou um trabalho de igual valor. Têm também maiores probabilidades de serem vítimas de violência e assédio no trabalho" (OIT, 2018, p. 1).

De acordo com Colling (2020),

[...] o sistema patriarcal teve seus aliados e com eles se perpetuou. As constituições tratavam a mulher como uma quase nada, As Ordenações Filipinas e o posterior Código Civil de 1916 implementado em 1917, que permitia castigar a mulher e até assassiná-la ainda é muito presente porque, pela sua longevidade e pelos diversos discursos legitimadores, instalou-se na mente tanto dos homens como das mulheres (COLLING, 2020, p.173).

Para ela, o patriarcado é um "sistema social em que homens adultos mantêm o poder político, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. Modelo sociopolítico em que o gênero masculino e a heterossexualidade exercem supremacia e poder sobre os demais" (COLLING, 2020, p. 173). Colling (2020) salienta que o sistema de dominação dos homens sobre as mulheres está presente no seio familiar e na esfera trabalhista, bem como nos veículos de comunicação. Está presente nas relações de poder dos homens sobre as mulheres, nas quais os homens dominam as mulheres e as exploram.

A historiadora salienta que o "poder dos homens especialmente sobre as mulheres e sua família é algo histórico e não natural, portanto pode ser transformado historicamente" e, por isso, "a desconstrução deste sistema, desconstruir, abrir o discurso sobre ele e encontrar a data de sua construção para daí então reconstruir em novo formato, ou abolir completamente, necessita um debate urgente com as mulheres" (COLLING, 2020, p. 174-175). Colling

ênfatiza que “o sonho da historiadora Gerda Lerner é o de todas nós que almejamos um mundo mais igualitário com respeito a todas diferenças, especialmente a desigualdade entre homens e mulheres e sua radicalidade que é a violência” (COLLING, 2020, p. 192).

Com relação à violência sofrida pela mulher, é pertinente citar a pesquisa Gênero no Jornalismo Brasileiro, realizada em 2017, que identificou algumas informações com relação ao assédio ao entrevistar 477 mulheres que atuavam em 271 veículos diferentes. Entre elas, pode-se destacar que 73% das jornalistas escutaram comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no seu ambiente de trabalho; 92,3% ouviram piadas machistas em seu ambiente de trabalho; 46% apontaram que as empresas onde trabalham não possuem canais para receber denúncias de assédio e discriminação de gênero; 64% já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes; 83,6 % já sofreram algum tipo de violência psicológica nas redações; e 65,7% tiveram sua competência questionada ou visto uma colega ter a competência questionada por colegas ou superiores (MULHERES NO JORNALISMO BRASILEIRO, 2017).

Apesar desses números serem preocupantes no jornalismo, Colling (2021) afirma que a luta das mulheres avançou e hoje vivemos de maneira mais igualitária do que nossas mães e avós. No entanto, completa, mesmo com o avanço dos movimentos democráticos, a

[...] radical desigualdade entre os sexos teima em permanecer, herança cruel do patriarcado, em que as mulheres eram propriedade de pais, maridos ou irmãos; a violência contra as mulheres parece ser vitoriosa em relação às leis protetivas. O Brasil é o país mais avançado do mundo em leis que protegem as mulheres; cito aqui em especial a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, e, paradoxalmente, o país que mais mata mulheres no mundo. (COLLING, 2021, p.553)

Ao apresentar este artigo, delimitando a presença da mulher numa emissora do interior do Maranhão, as autoras corroboram a defesa de Colling: “Trabalhar com a história das mulheres e das relações de gênero tem sido um ato de resistência. Apesar do governo atual e do Congresso conservador” (COLLING, 2021, p. 556).

Neste sentido, de acordo com Gobbi e Zuculoto (2021), também “pouco sabemos sobre como se deu tal participação, menos ainda sobre as contribuições femininas para a popularização ou para os processos de inovação que possibilitaram a constante renovação da relevância política e social do meio” (GOBBI; ZUCULOTO, 2021, p. 1). Segundo as autoras, a historiografia apresenta alguns registros de mulheres na “área da música, em particular, na experiência protagonizada pelas cantoras que se destacaram como rainhas na chamada era de ouro do rádio”, mas sobre aquelas que

[...] comandaram programas diversos, atuaram na área do jornalismo ou que foram responsáveis pelos trabalhos de gestão e produção -, o que encontramos são, principalmente, vestígios de presença, ou seja, alguns nomes e informações dispersas que aparecem citados em obras memorialistas e acadêmicas que compõem a narrativa histórica predominante (GOBBI; ZUCULOTO, 2021, p.1).

Por isso, pretende-se ampliar os estudos sobre a presença das mulheres em programas jornalísticos, verificando-se, inicialmente, informações gerais sobre a emissora Boa Notícia e, posteriormente, apresentar uma breve descrição dos quatro informativos selecionados.

No ar a Rádio Boa Notícia AM

O incentivo para o surgimento da emissora partiu da diocese de Balsas, especialmente pela atuação do padre Missionário Comboniano Alfredo Bellini, um italiano que chegou ao Brasil em 1976. Os Missionários Combonianos, religiosos ou não, além de evangelizarem, atuam a partir de quatro dimensões – “os povos, os pobres, o exterior (periferia) e por toda a vida”²⁰. Fundamentados nesses pensamentos missionários e a partir da realidade da cidade de Balsas, quanto às problemáticas oriundas do latifúndio, cria-se a rádio, “Os pequenos produtores e a população estão sendo expulsos de suas terras para a implantação de grandes projectos de monocultura. Foi para denunciar essa realidade que criámos a Boa Notícia”, afirma o padre Alfredo Bellini na matéria

²⁰ Combonianos. Conforme descreve a página dos missionários na web, disponível em: <http://www.combonianos.org.br/quem-somos/missionarios-combonianos>. Acesso em: 30 dez. 2016.

divulgada em maio de 2005 por meio do site Além mar – visão missionária com o título **Balsas – A rádio contra as injustiças**²¹.

Setembro de 2004 é o início das transmissões da rádio educativa Boa Notícia com a razão social Fundação Prelazia de Balsas. A ONG italiana não governamental, Associazione GAO Cooperazione, colaborou no intermédio com o governo italiano para o financiamento de 50% do valor total para instalação dos equipamentos e as despesas do veículo nos três primeiros anos de existência. Mesmo passado esse tempo, as ajudas da Itália continuaram durante um certo período. O exemplo inspirador para a elaboração do projeto da emissora é a Rádio Educadora 560 AM, localizada em São Luís, ligada à arquidiocese daquela cidade.

Em 2016, a emissora estava passando pelo processo de migração para Frequência Modulada e foi alterada ainda em 2017, começando em 2021 com transmissões em FM. Um processo que começou a diminuir funcionários, mas que traz a esperança de melhoras para o veículo, principalmente quanto ao faturamento. Uma das dificuldades enfrentadas para mantê-la no ar são os apoios culturais²² que têm sido insuficientes para cobrir as despesas, conforme relata a assistente administrativa Maria Elza Azevedo dos Santos, funcionária da emissora desde a fundação.

As empresas tiveram mais dificuldade, reclamam muito da crise. A diocese que é a responsável maior pela criação da rádio, qualquer dificuldade maior ela cobre. Mas ela também não tem tantos recursos. Antes tinham os Combonianos que traziam muito da Europa, entrou a crise da Europa e depois regrediu mesmo (MARIA ELZA AZEVEDO DOS SANTOS, 2016)²³.

Em 2016, Balsas contava com várias estações FMs – a maioria não legalizada, e a Boa Notícia era a única AM. Conforme o relato dos profissionais da rádio, devido a qualidade do som, a emissora AM era pouco ouvida na cidade

²¹ Site Combonianos. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFyIplFulkqqtHPeOX>. Acesso em: 30 dez. 2016.

²² Recordar-se que as rádios educativas, além da programação voltada para a educação, preservação do meio ambiente, a cultura, a saúde, etc., também não devem ter fins lucrativos. Assim, deve-se manter com os apoios culturais.

²³ Entrevista concedida por SANTOS, Maria Elza Azevedo em 22 jun. 2016.

e o maior público estava na zona rural, onde residem 10.751 habitantes, e na zona urbana, onde estão 72.786 moradores. Com a migração para o FM, ela deixou de ser uma emissora educativa para ser comercial. Apesar das mudanças, inclusive na programação, a intenção sempre foi manter alguns princípios de um veículo educativo, enfatiza a coordenadora de programação e jornalismo, Enéas da Cruz Silva, uma profissional que em 2016 atuava no veículo há 12 anos: “Não é porque tem que ser comercial que a gente vai ter que mudar toda a nossa linha de Educativa, em setembro vai fazer 12 anos. Nós estamos nessa linha sempre educativa porque é ligado à igreja e a gente procura passar uma comunicação diferenciada” (EANES DA CRUZ SILVA, 2016)²⁴.

Também em 2016, oito profissionais contratados contribuíam diariamente para o funcionamento da Rádio Boa Notícia: uma coordenadora de produção e jornalismo, uma auxiliar administrativa, uma locutora que atuava no setor comercial na condição de secretária deste departamento, dois assistentes técnicos, um técnico em informática, um locutor e um sonoplasta. Alguns locutores tinham contrato com a emissora e recebiam 50% do valor dos apoios culturais, enquanto alguns compravam o espaço e outros eram colaboradores e tinham espaço disponibilizado. Um exemplo são os programas religiosos.

As três funcionárias da emissora também apresentavam programas radiofônicos, eram eles: **Boletim 770**, de segunda a sexta-feira, das 11h45 às 12 horas; **Universo Feminino** veiculado às sextas-feiras, das 14h30 às 16 horas; e **Universo da Criança** acompanhado pelos ouvintes todos os sábados, de 10 às 12 horas. Entre as demais produções do veículo, verificou-se a presença feminina no programa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, **A Voz dos Trabalhadores Rurais**, transmitido de 07 às 08 horas, aos sábados, direcionado para os trabalhadores da zona rural; **Saúde e Vida**, todas as quartas feiras, das 16 às 16h50; **Catequese Contínua**, transmitido nos sábados, das 16 às 16h30; **Ofício Divino das Comunidades**, de segunda a quinta-feira, das 06h30 às 07 horas. Os outros onze programas eram comandados por homens, inclusive os

²⁴Entrevista concedida por SILVA, Eanes da Cruz em 22 jun. 2016.

informativos.

Em 2022, a participação feminina é ainda menor. Atualmente, a rádio dispõe de três homens e três mulheres enquanto colaboradores contratados. Desse total, apenas uma das mulheres atua na locução, especificamente no noticiário **Radar 91**, veiculado de segunda a sexta-feira, com duração de 3 minutos, que vai ao ar de hora em hora levando ao público notícias locais, regionais, nacionais e internacionais. A mesma profissional, Eanes Silva, também apresenta nas manhãs de sábado o **Conexão Cultural**, de 10 às 12 horas, que tem como objetivo principal a valorização da cultura nordestina. Durante duas horas são apresentadas novidades musicais, sobretudo dos artistas locais independentes, agenda cultural, lançamentos de livros, entrevistas com foco em questões ambientais, sociais, culturais, religiosas e outras. Dentre os programas independentes transmitidos na rádio, está o **Agro Mulher**, que vai ao ar nas manhãs de sábado, de 8 às 10 horas, apresentado por duas mulheres.

Eanes Silva, durante entrevista realizada em maio de 2022, ressalta o seu amor pelo contato com os ouvintes e a sensação de liberdade durante a atuação no rádio. A profissional comenta sobre a pouca participação das mulheres tanto na emissora em que trabalha quanto nas demais instaladas em Balsas.

Além do jornalismo, eu sou a única mulher a apresentar um programa na emissora, informativo e também cultural, para um público que vai desde a dona de casa, até trabalhadores do campo, educadores, produtores de cultura e a juventude. Pra mim é um privilégio regado de muita responsabilidade, tendo em vista que eu sou a única mulher a trabalhar com radiojornalismo em Balsas, e uma das poucas. Penso que em Balsas nós somos no máximo 3 ou 4 mulheres comunicando através do rádio (EANES DA CRUZ SILVA, 2022).

Entre os administradores gerais da fundação, Maria Amélia Amaral Brito Dourado é a responsável direta pela rádio “Como eu sou administradora da diocese, a rádio é uma entidade da diocese, então, em 2010 era um padre, que era o diretor, depois foi pra uma paróquia e nós tivemos que assumir” (DOURADO, 2016), elucida a administradora ao dividir as funções entre a diocese e a rádio.

As ligações no telefone fixo da rádio são constantes e a presença dos ouvintes é diária. "A emissora já foi muito mais animada, a gente tem foto de que aqui chegava um monte de carta e isso aqui não ficava vazio, era cheio de ouvinte", rememora Maria Elza Santos ao comentar sobre a queda na audiência da rádio. O público solicita músicas, ajuda para encontrar documentos perdidos e ainda envia cartas – apesar de poucas e somente para determinados locutores. Porém, em tempos de *WhatsApp*, plataformas digitais, webrádios e tantas outras expressões de avanços tecnológicos, o cotidiano da Rádio Boa Notícia é caracterizado pelos avisos indicados pelos ouvintes. São informações repassadas para parentes, amigos e moradores em fazendas ou povoados distantes da zona urbana.

Diariamente têm avisos e eles indicam o quanto a rádio é importante ao ser um elo entre os emissores e os receptores. Por dia, são mais de 20 avisos, que podem chegar a 30 ou mais, e são lidos em quase todos os programas. Nas produções independentes fica a critério dos locutores. Dependendo da necessidade, alguns são passados pela manhã e à tarde. Antes eram denominados de **o telefone do Sertão**, hoje é o **WhatsApp do Sertão**. "Eles vão pra roça e quando dá a 'hora X' eles vão lá pro pé do rádio. Outros colocam o rádio na forquilha e vão trabalhar e quando dá a hora dos avisos largam a roça e vão escutar o rádio. Porque alguém deles viera pra cidade e querem saber a notícia", explica Enéas Silva quanto à importância dessas informações para o público. Vale destacar que nenhuma taxa é cobrada por esse serviço.

Semelhantes aos avisos, as informações jornalísticas repassadas para essa parcela dos ouvintes assumem um significado ainda maior. A escuta lhes permite estarem informados sobre os acontecimentos nacionais, estaduais e locais. Esses últimos, possivelmente, são os que mais lhes interessam por representarem a comunicação local a qual eles têm acesso. Os profissionais da emissora transparecem consciência quanto à representação do veículo junto aos ouvintes. Eles indicam que o público da zona rural, pela escuta constante do rádio, é mais informado que as pessoas da zona urbana.

Programas radiojornalísticos

A partir da descrição, a seguir, dos quatro informativos semanais da Rádio Boa Notícia, evidencia-se a atuação de quatro homens e de uma mulher à frente de programas radiojornalísticos. O primeiro da programação é o **Radar 770**, veiculado de segunda a sexta-feira, das 7 às 9 horas. No programa, o espaço para músicas e notícias é delimitado. Na primeira hora, o foco principal é a veiculação de notícias nacionais, regionais e locais, momento designado de Resenha de Notícias. O segundo momento é musical, com a participação dos ouvintes. O informativo é apresentado por Manoel Carvalho Martins desde o início da emissora, e o programa surgiu com o título **Ponto de Encontro**, depois mudou para **Atos e Fatos** até **Radar 770**.

Com o comentário “Os ouvintes eles são inteligentes, eles conseguem criar a própria opinião em relação a tudo isso que está acontecendo, mas de vez em quando dou uma pancadinha”²⁵, a narrativa do apresentador aponta a existência do gênero opinativo durante a **Resenha de Notícias** complementado pelos gêneros informativo a partir dos áudios das agências de notícias que representam a maioria das matérias transmitidas no programa, e interpretativo pela leitura das matérias veiculadas.

Durante 15 minutos, os ouvintes também ficam informados a partir do **Boletim 770**. O boletim surgiu junto com a emissora e diferentes locutores estiveram nele transmitindo notícias ao vivo. Em 2016, era produzido e gravado pela coordenadora de programação e jornalismo, Eanes da Cruz Silva, conforme mencionado, funcionária da emissora há 12 anos. De segunda a sexta-feira, é possível acompanhá-la de 11h45 às 12 horas. A profissional aproveita informações publicadas ou produz, realiza coberturas jornalísticas, grava e edita o informativo.

Escolhidas algumas notícias e redigidos os textos elaborados a partir das externas, aproximadamente às 9h30, a profissional começa a gravá-los, mas esse horário pode variar para mais ou para menos. Grava, apaga, grava

²⁵ Entrevista concedida por MARTINS, Manoel Carvalho. 24 jun. 2016.

novamente. É difícil um texto produzido ser lido sem uma pausa para correção. Paralelo às gravações, os áudios vão sendo editados e arquivados para depois formarem a edição do **Boletim 770**.

A nota, notícia, pequena reportagem e entrevistas são formatos presentes em um boletim (BARBOSA, 2003, p. 92). O autor estipula cinco minutos para a duração desse formato, mas é possível encontrá-lo com um tempo maior entre as emissoras mapeadas contemplado na conceituação de Ferraretto (2001), ao definir o boletim como uma “informação que, depois de apurada, será transmitida pelo próprio jornalista que fez a coleta de dados, sempre que possível no momento em que o fato ocorre e direto do chamado palco de ação” (FERRARETTO, 2001, p. 265).

Com aproximadamente seis anos de existência, **Placar Esportivo** é composto de informações sobre os campeonatos internacionais, nacionais, estaduais e locais. “Não adianta inventar muito, o forte do esporte no Brasil é o futebol mesmo” (PRADO, 2006, p. 41); a consideração da autora é identificada nesse programa esportivo em que a ênfase das notícias é o futebol. O programa é veiculado de 12 às 13 horas. É coordenado por Celso Pereira Costa, com a colaboração do assistente técnico da Rádio Boa Notícia AM, Wilson Correia e do correspondente, Laerte Brito.

As entradas das falas no informativo são comandadas por Celso Costa, que inicia o programa com os destaques do informativo. Logo, passa a vez para Wilson Correia e chama o correspondente no primeiro bloco. A empresa Placar Produções, de propriedade do coordenador, paga para a rádio pelo horário dessa produção independente. “Pra você atuar na área esportiva você tem que ter muito conhecimento. Você tem que tá vivenciando”, esse é o pensamento de Celso Costa (2016)²⁶ quando afirma que uma das mudanças no informativo seria a presença de uma voz feminina, já buscada por ele, mas que ainda não encontrou alguém com o perfil desejado.

Na sequência, 13 às 14h30, de segunda a quinta-feira, ouve-se **Cultura e**

²⁶Entrevista concedida por Josefa Silva de Sousa. 29 jun. 2016.

Cidadania. A responsabilidade do programa é do padre Nadir Luís e de Urubatan Ramão Pinheiro, da Pastoral da Terra. Conforme elucida o título, o objetivo dos apresentadores é informar a população sobre temas poucos abordados, principalmente a partir de reportagens que forneçam um texto mais elaborado e, ainda, formem cidadãos mais críticos e atentos à sua realidade. Prado (2006) avalia a importância do papel do rádio utilizado na educação da população, “[...] principalmente a de baixa renda, podemos afirmar categoricamente que o rádio não só educa e forma opinião, como ajuda a tirar o ouvinte do analfabetismo e da ignorância” (PRADO, 2006, p. 58).

Assim, o informativo mantém uma linha diferenciada, com temáticas relacionadas aos avanços científicos, questões sociais, cidadania e política – assuntos que o aproximam do objetivo da emissora. O perfil dos apresentadores colabora na preferência das reportagens, que costumam ler os textos durante os intervalos com a preocupação de serem compreendidos.

Na descrição dos quatro programas informativos, verifica-se os lugares ocupados por ambos os gêneros no veículo em estudo. A princípio, nota-se que somente o **Boletim 770** é comandado por uma mulher, e o informativo tem uma duração pequena de somente de 15 minutos. Os demais são conduzidos por quatro profissionais que não são contratados pela rádio, mas dispõe dos horários como colaboradores – como é o caso dos locutores de **Radar 770** e **Cultura e Cidadania**. O espaço do **Placar Esportivo** é comprado pelo coordenador da produção.

Questionada sobre os principais fatores que contribuem para a pouca presença das mulheres na apresentação de programas radiofônicos, sobretudo, os jornalísticos, Eanes Silva (2022) faz a seguinte avaliação:

Por mais que nós mulheres nos alegremos por diversas conquistas femininas no ramo da comunicação, ainda temos muitos desafios pela frente. Sempre somos vistas como incapazes, por mais que nós mulheres dermos o nosso melhor nunca será visto como o básico que um homem pode oferecer. O que escutamos de colegas do sexo masculino é que nós mulheres não temos uma voz firme, que tenha força, e que o rádio precisa disso. Os espaços nos meios comunicação ainda são privilégios masculino, estruturados com base na cultura do machismo, regados de preconceitos, discriminações e assédios (EANES DA CRUZ SILVA, 2022).

Mesmo sem citar diretamente a manutenção do sistema patriarcal na Rádio Boa Notícia, Eanes reconhece que as mulheres ainda precisam ser persistentes e lutar para ocupar mais espaços no mercado de trabalho, como nas rádios do interior.

Precisamos reverter esse cenário, porque só vai existir liberdade de expressão quando nós mulheres podermos participar do debate público de forma a expor as nossas visões de mundo, mas para isso precisamos ocupar mais espaços nos meios de comunicação (EANES DA CRUZ SILVA, 2022).

É evidente que, quando se trata de radiojornalismo, a figura masculina é ainda mais marcante. São vozes que mediam e conduzem os programas, que, de alguma maneira, irão exercer poder sobre os ouvintes. O relacionamento com o público constitui relações simbólicas atribuídas socialmente aos profissionais que utilizam diariamente o microfone da emissora radiofônica.

Nesse sentido, não é compreendido apenas como um poder global unitário (o que geralmente caracteriza o Estado e seus aparelhos), mas como prática social constituída no âmbito das microrrelações, que se expande por toda a sociedade, assumindo formas mais regionais e locais, penetrando em instituições, corporificando-se em técnicas, munindo-se de instrumentos de intervenção material no nível dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc. (SANTOS, 2004, p. 89).

Quem fala e a partir de que local fala tem influência direta nas mensagens transmitidas. Em locais onde as emissoras de rádios se apresentam como único meio de comunicação local, a figura dos locutores e locutoras é ainda mais permeada de simbolismos. Representam a voz de uma determinada cidade, estabelecendo, quase sempre, uma representação de respeito e confiança (SANTOS, 2004).

A contratação de profissionais para atuarem no meio radiofônico é escassa em relação aos outros meios de comunicação. Conforme pontua Sant'Anna (2008), as emissoras de rádio brasileiras empregam poucos radiojornalistas, um fator que impacta na baixa produção de conteúdo jornalístico. Quando se trata de mulheres para atuar na condição de locutores, essa falta é ainda mais evidente. Esse dado foi constatado na pesquisa de

campo realizada em 2016, ao verificar a quantidade de locutores e locutoras atuantes nas emissoras Sulmaranhenses. Os números são discrepantes: eram 312 homens que comandavam programas radiofônicos no Maranhão e somente 65 mulheres estavam na locução. Pela entrevista realizada com Eanes Silva em 2022, e a continuação das pesquisas em emissoras do Maranhão, os números de profissionais atuantes nas rádios podem ser outros, mas é perceptível a continuação do predomínio masculino à frente dos microfones.

Abrir espaços para a presença das mulheres nos meios de comunicação é incontestável. Precisamos ressignificar esses espaços, acreditar mais no poder de transformação que ecoa da voz da mulher, acreditar que nós somos capazes. Quando não temos espaços nos meios de comunicação, nossas vozes são silenciadas, e esse silenciamento começa desde a definição das pautas até a forma que ela vai ao ar, manipulada pelo ego masculino, uma boa oportunidade de exploração do jornalismo, fortalecendo cada vez mais o ponto de vista machista sobre os fatos (EANES DA CRUZ SILVA, 2022).

Essa concepção de Eanes Silva (2022), enquanto uma profissional do rádio, confirma a relevância de discussões sobre a presença feminina no meio radiofônico. As vozes das mulheres no rádio colaboram tanto para o ecossistema radiofônico quanto para as mudanças sociais necessárias e que permitam a igualdade de gênero.

Considerações Finais

"Anunciar a boa nova através do compromisso social, informando e denunciando as injustiças, numa comunicação libertadora", essa é a missão da Rádio Boa Notícia AM, quando ainda transmitia pelo AM, antes da migração para o FM. O texto dá pistas do diferencial desse veículo de comunicação: uma emissora educativa que atua em benefício da sociedade, sobretudo, da população da zona rural. Os avisos são uma utilidade pública que mantém contato diário com o público e colabora na comunicação entre os próprios ouvintes.

A emissora também se destaca na quantidade de programas informativos e com a infraestrutura existente que permite a produção de notícias com qualidade. O **Boletim 770** tem mais de 80% das informações produzidas pela

profissional responsável por ele, Eanes da Cruz Silva, e ainda prioriza as informações de proximidade, notícias locais e regionais, ao passo que a maioria das notícias divulgadas nos demais programas radiojornalísticos não são produzidas pela emissora.

Nota-se que a presença dos homens nos programas radiojornalísticos é mais efetiva, enquanto somente uma mulher apresenta um informativo semanal. Nos demais programas da rádio, essa diferença se mantém. Na base dessa discussão, apresentam-se questões de gênero aparentemente não propositais, como é o caso de poucas locutoras nas produções jornalísticas. Mesmo em uma emissora preocupada com questões sociais, ambientais e direitos humanos, as desigualdades de gênero são verificadas. Nos programas radiojornalísticos da Rádio Boa Notícia foi localizada apenas uma mulher como produtora e apresentadora dentre quatro homens.

Ou seja, essa realidade passa despercebida em certos veículos de comunicação. Uma questão que perpassa valores socioculturais e também históricos, a igualdade na atuação de vozes masculinas e femininas parece longe de acontecer, especialmente em localidades interioranas em que a atuação dos locutores é significativa para denunciar as problemáticas sociais e cobrar providências das autoridades.

A afirmação do coordenador do programa **Placar Esportivo** quanto à contratação de uma locutora para o programa, mesmo inconsciente, reproduz a ideia de que as mulheres não compreendem o suficiente dos esquemas de futebol, um fator que tem impossibilitado a presença feminina no informativo. A declaração dele reforça, portanto, a compreensão de boa parte da sociedade e dos homens que as mulheres só têm aptidões para determinadas funções.

Josefa Silva de Sousa, uma das integrantes do Coletivo de Mulheres da Abraço-MA, compreende a necessidade de motivar as mulheres quanto a participação em emissoras radiofônicas, isso porque na percepção dela, “[...] as mulheres mesmo acham que o rádio não é pra elas, que tem que ser só aquele locutor, com a vozona, eu acho diferente, tem que ter a mulher também com a aquela voz humilde, carinhosa” (SOUSA, 2016)⁹. Acredita-se que as emissoras

de rádio podem trabalhar para diminuir a escassez de voz feminina tanto na condução de programas radiojornalísticos quanto dos demais gêneros, ao conscientizar o público que se trata de um meio de comunicação que também pertence às mulheres e motivá-las para atuarem em produções radiofônicas.

Assume-se, a partir deste artigo, a necessidade de produzir mais pesquisas relacionadas à presença feminina no rádio e quais têm sido as contribuições delas para o “[...] desenvolvimento histórico do rádio brasileiro” e sobrepondo a “[...] um processo de exclusão e apagamento. Isso porque a ausência do relato se estende e se consolida como uma ausência da própria história” (GOBBI; ZUCULOTO, 2021, p. 3). Como as autoras destacam na pesquisa de construção de uma revisão histórica do relato, é urgente reverter o cenário atual.

O artigo apresentado é apenas um recorte resumido de uma emissora do interior do Maranhão que produz programas jornalísticos e esportivos, mas que têm no quadro de comunicadores apenas uma mulher num universo dominado por homens. Mesmo assim, espera-se contribuir com mais conhecimentos sobre a presença feminina no rádio e também participar de um relato histórico necessário e urgente na historiografia do rádio brasileiro. A emissora, como muitas do interior do Maranhão e quiçá do Brasil, ainda tem em sua maioria homens como diretores, editores e apresentadores de programas jornalísticos. Um retrato diferente do que aponta a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021), na qual a maioria das trabalhadoras nos veículos de comunicação são mulheres (58%) Isso demonstra que o sistema patriarcal onde homens dominam o poder político, têm privilégio social e controlam as propriedades ainda precisa ser combatido para que mais mulheres ocupem espaços dentro do rádio de uma maneira igualitária e sofram menos assédios e violências psicológicas e físicas.

Bibliografia

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. **Anais...** GT História da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora. 18 a 20 de agosto de 2021. Disponível em: <https://alcarnacional2021.com.br/anais-do-evento/>.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927 – 1932). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. MEDITSCH, Eduardo (org.). Florianópolis: Insular, 2005.

CARTA DE NATAL. Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/carta-de-natal>. Acesso em: 22 mar. 2022.

COLLING, Ana Maria. **Violência contra as mulheres** – herança cruel do patriarcado. Revista Diversidade e Educação, v.8, n. Especial, p.171-194, 2020.

COMBONIANOS. Disponível em: <http://www.combnianos.org.br/quem-somos/missionarios-combonianos>. Acesso em: 30 dez. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

Iniciativa Mulheres no Trabalho: o impulso para a igualdade. Conferência Internacional do Trabalho, 107.^a Sessão, 2018. OIT. Disponível em: https://www.ilo.org/ilc/ILCSessions/previous-sessions/107/reports/reports-to-the-conference/WCMS_630702/lang--en/index.htm. Acesso em: 9 mai. 2022.

KARAWEJCZYK, Mônica; ZALLA, Jocelito; PEREIRA, Elenita Malta. **Uma trajetória acadêmica nos estudos de gênero**: entrevista com Ana Maria Colling. Revista História Unisinos. Nº 25 (3), Setembro/Dezembro 2021. Unisinos.

MARCHAMALO, Jesus; ORTIZ, Miguel Angel. **Técnicas de Comunicação pelo Rádio: a prática radiofônica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MICK, Jacques; IDARGO, Alexandre Bergamo; LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Mulheres no Jornalismo Brasileiro. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 2017. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio**: um manual prático. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2006.

RÁDIO BOA NOTÍCIA FM. Disponível em: <https://boanoticiacf.com.br/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SANT'ANNA, Francisco. Radiojornalismo no Brasil: um jornalismo sem jornalistas. **Revista Líbero**. Ano XI - nº 22. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008. Disponível

em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Radiojornalismo-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 18 jul. de 2016.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e Comunicação**: o masculino e o feminino em programas populares de rádio. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. (Orgs). **Mulheres no jornalismo**: práticas profissionais e emancipação social. São Paulo: Cásper Líbero: UFG/FIC, 2018.

THOMÉ, Michelle. **Jogos de poder**: as estratégias de comunicação de Mulheres e homens no rádio. Dissertação, UFPR, Curitiba, 2008. 176 p. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/SOCIOLOGIA/N_dissertaoMichelleThom.pdf. Acesso em: 11 jul. 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

Entrevistas

Celso Costa. Concedida em 22 de junho de 2016.

Eanes da Cruz Silva. Concedidas em 22 de junho de 2016 e 12 de maio de 2022.

Maria Amélia Amaral Brito Dourado. Concedida em 22 de junho de 2016.

Maria Elza Azevedo dos Santos. Concedida em 22 de junho de 2016.

Manoel Carvalho Martins. Concedida em 24 de junho de 2016.

Informações e agradecimentos

Artigo revisado e ampliado após ter sido apresentado no 5º Colóquio Mulher e Sociedade. Gênero, Direitos Humanos e Lutas Sociais. Ponta Grossa. Anais 5º Colóquio Mulher e Sociedade, 2017. v. 1. Elaborado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – FINANCE CODE 001.

A presença feminina no panorama da narração esportiva no rádio porto-alegrense

The female presence in the panorama of sports narration on Porto Alegre radio

La presencia femenina en el panorama de la narración deportiva en la radio de Porto Alegre

Ciro Götz

Resumo

O seguinte artigo apresenta os dados de investigação que rastreou e identificou a presença de mulheres no panorama da narração esportiva radiofônica de Porto Alegre. Esta pesquisa qualitativa e quantitativa classificada na modalidade de estudo de caso (YIN, 2015), primeiramente, contextualiza parte da trajetória das eras dos narradores desbravadores, paradigmáticos e contemporâneos (GÖTZ, 2022), relacionando fatos históricos pertinentes quanto às referências femininas nesse cenário marcado, ainda, pela desigualdade. Em segundo lugar, com o aporte de Soares (1994), Schinner (2004) e César (2009), além de constatar quais são as profissionais em atuação na capital gaúcha, este estudo também aplica uma análise técnica da narração empreendida por Clairene Giacobe, da Rádio Estação Web, levando em conta categorias como estilo, ritmo, velocidade, tipo de voz e grito de gol.

Palavras-chave: Narração Esportiva Feminina; Clairene Giacobe; Rádio Estação Web.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 30/04/2021; aceito em: 01/08/2021.

>> **Como citar este texto:**

GÖTZ, Ciro. A presença feminina na narração esportiva do rádio porto-alegrense. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 167-189, jan./abr. 2022.

Sobre o autor

Ciro Götz

cirogotz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2824-4117>

Doutor e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É autor do livro *As Vozes do Gol – história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre* (2020).

Abstract

The following article presents research data that tracked and identified the presence of women in the panorama of radio sports narration in Porto Alegre. This qualitative and quantitative research classified in the case study modality (YIN, 2015), firstly, contextualizes part of the trajectory of the eras of pioneering, paradigmatic and contemporary narrators (GÖTZ, 2022), relating relevant historical facts regarding the female references in this marked scenario, yet, marked by inequality. Secondly, with the contribution of Soares (1994), Schinner (2004) and César (2009), in addition to verifying who are the professionals working in the capital of Rio Grande do Sul, this study also applies a technical analysis of the narration undertaken by Clairene Giacobe, from Rádio Estação Web, taking into account categories such as style, rhythm, speed, type of voice and goal shout.

Keywords: Female Sports Narration; Clairene Giacobe; Rádio Estação Web.

Resumen

El siguiente artículo presenta datos de investigación que rastrearon e identificaron la presencia de la mujer en el panorama de la narración deportiva radiofónica en Porto Alegre. Esta investigación cualitativa y cuantitativa clasificada en la modalidad de estudio de caso (YIN, 2015), en primer lugar, contextualiza parte de la trayectoria de las eras de narradores pioneros, paradigmáticos y contemporáneos (GÖTZ, 2022), relacionando hechos históricos relevantes respecto a los referentes femeninos en este escenario marcado, sin embargo, por la desigualdad. En segundo lugar, con la contribución de Soares (1994), Schinner (2004) y César (2009), además de verificar quiénes son las profesionales que actúan en la capital de Rio Grande do Sul, este estudio también aplica un análisis técnico de la narración realizada por Clairene Giacobe, de Rádio Estação Web, teniendo en cuenta categorías como estilo, ritmo, velocidad, tipo de voz y grito de gol.

Palabras clave: Narración Deportiva Femenina; Clairene Giacobe; Radio Estação Web.

Introdução

Ainda que o rádio, atualmente, esteja inserido em um contexto expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), em plena fase de convergência midiática (JENKINS,

2008), de multiplicidade da oferta (BRITTOS, 1999/2002), entre processos de radiomorfose (PRATA, 2008), num cenário de emissoras AM que seguem migrando para a frequência modulada estendida, persiste, todavia, um panorama desigual entre homens e mulheres, notório, principalmente, em relação ao radiojornalismo esportivo. Entre episódios de assédios e preconceitos, sejam consumados ou supostos, e, por outro lado, de campanhas de aceitação e conscientização como o #DeixaElaTrabalhar²⁷, é fato que as oportunidades para as mulheres continuam reduzidas como no caso, por exemplo, da função de narração, uma das mais importantes da radiodifusão sonora.

Em 2017, Isabelly Morais destacou-se nacionalmente por haver se tornado a primeira narradora radiofônica de futebol em Minas Gerais, através da Rádio Inconfidência. Porém, reforça Esteves (2017), que Morais “juntou-se a uma linhagem rara de mulheres que atuam num meio predominantemente masculino”. Esteves acrescenta, ainda, que a repercussão do trabalho de Isabelly rendeu “enxurradas de elogios e mensagens de estímulo, mas também críticas e manifestações sexistas”. A narradora declarou: “Critiquem a técnica – tenho pouquíssima mesmo –, mas me olhem como profissional, e não como mulher” (MORAIS, 2017). No ano de 2018, novamente, ela fez história. Foi a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo na televisão brasileira, pelo canal Fox Sports. Em 2020, Isabelly foi contratada pela TV Bandeirantes de São Paulo como narradora e repórter. Também realiza reportagens pela Rádio Bandeirantes.

Em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o principal foco das coberturas esportivas está no cotidiano de dois clubes arquirrivais: Grêmio e Internacional, que disputam o clássico conhecido como Gre-Nal. A presença da mulher na crônica esportiva radiofônica gaúcha sempre foi e continua inferior em relação à quantidade de homens que ocupam as mais diversas funções. E

²⁷ Foi um manifesto realizado por 52 profissionais das mais variadas funções de cobertura esportiva, contra o machismo, lançado em 2018.

ainda que profissionais tenham se destacado como a jornalista Débora de Oliveira²⁸, que engrenou uma carreira de sucesso a partir da Rádio Bandeirantes, algumas barreiras históricas foram interrompidas apenas recentemente. É o caso da jornalista Renata de Medeiros²⁹ que, em 2019, foi a primeira repórter de campo escalada pela Rádio Gaúcha, em 92 anos. Especificamente quanto à narração, Clairene Giacobe, pela Rádio Estação Web, tornou-se pioneira ao narrar um Gre-Nal, somente em 2018. Em 2019, a Rádio Grenal, uma emissora hertziana dedicada 24h ao futebol, com uma equipe formada pela narradora Valéria Possamai, a repórter Bárbara Assman, e a comentarista Ana Aguiar, transmitiram a final do campeonato gaúcho feminino. Mas o que poderia ser um projeto a longo prazo, na verdade, foi uma “transmissão especial” (COLETIVA.NET, 2019).

O seguinte artigo tem como objetivo geral descrever o perfil da narração esportiva feminina no panorama contemporâneo do rádio porto-alegrense. Já os objetivos específicos: constatar quais são as profissionais em atuação na capital gaúcha; identificar as emissoras, sejam elas hertzianas ou *webs*, que contam com narradoras em suas equipes; aplicar análise técnica e estilística em narração feminina.

Esta pesquisa qualitativa e quantitativa está classificada na modalidade estudo de caso (YIN, 2015). De maneira geral, o método, conforme Yin, prevê o exame com minúcia de fenômenos contemporâneos do mundo real, cruzando analiticamente evidências, resultados de coleta de dados e proposições teóricas.

Justifica-se a elaboração deste trabalho pelo fato de que o tema, simplesmente, requer aprofundamento, pois se entende que assunto é relevante, tanto diante do mercado quanto à própria academia.

Foram investigadas e colhidas evidências através de livros, depoimentos, produções científicas e sites. O levantamento de emissoras envolvidas com

²⁸ Foi jornalista da RBS TV, SBT e Rádio ABC FM 103,3.

²⁹ Em 2020, transferiu-se para o Globoesporte.com, no Rio de Janeiro.

coberturas esportivas em Porto Alegre tomou como base quadro elaborado por Götz (2022)³⁰.

Após esta introdução, de forma objetiva, a narração esportiva brasileira é contextualizada a partir de uma linha do tempo, dividida nas eras dos desbravadores, paradigmáticos e contemporâneos (GÖTZ, 2022), relacionando fatos históricos pertinentes quanto à presença feminina nesse cenário.

Conforme sugestão retórica oferecida pela narradora Isabelly Moraes, como referenciado logo no princípio, este artigo também apresenta uma proposta de análise técnica e estilística. Para tanto, foi escolhida a partida da final do Campeonato Gaúcho Feminino de 2021, entre Internacional e Grêmio, realizada no dia 5 de dezembro, transmitida³¹ por Clairene Giacobe pela Rádio Estação Web³². Levou-se em conta a irradiação via Facebook³³, pela página oficial da REW. Com o aporte de Soares (1994), Schinner (2004) e César (2009), o exame apreciou categorias como estilo, ritmo, velocidade, tipo de voz e grito de gol.

A penúltima parte deste trabalho, por sua vez, expõe os resultados do rastreamento de narradoras em atividade, segundo o levantamento de emissoras hertzianas e *webs* que cobrem esportes em Porto Alegre.

Por último, as considerações finais oferecem o cruzamento dos dados

³⁰ Esse quadro tem como referência o aplicativo RadiosNet que oferece, inclusive, categorias específicas de emissoras em todo o Brasil, hertzianas ou *webs*, incluindo as esportivas. Os dados são relativos ao período do mês de janeiro de 2021.

³¹ Além de Clairene Giacobe, participaram da transmissão o repórter Rodrigo Cassol e o plantão Rogério Barbosa. A referida final aconteceu no estádio Arena do Cruzeiro, em Cachoeirinha, cidade próxima a Porto Alegre. No tempo normal, Grêmio e Inter empataram por 1 a 1, gols de Maíara (G) e Eudimilla (I). Nas penalidades, a coloradas venceram por 4 a 3, conquistando o tricampeonato do estadual.

³² “A Rádio Estação Web (REW) é uma rádio com transmissão exclusiva pela internet. A história da REW começou em 5 de julho de 2010, levando ao ar uma programação musical diversificada, 24 horas por dia, com programas temáticos, jornalísticos e de entretenimento. Além disso, são feitas coberturas ao vivo dos principais eventos culturais da atualidade e jornadas esportivas de diversas modalidades. Também é feita a cobertura de eventos, além de noticiar questões abordadas por grandes veículos de comunicação. Devido ao estilo musical e a proposta da emissora, atualmente nosso público é formado, predominantemente, por jovens entre 15 e 45 anos. Nas transmissões esportivas, atingimos público com representatividade de todas as faixas etárias, especialmente entre 20 e 60 anos. Somados os acessos dos sites e da rádio mencionados acima, temos uma média de 3 mil e 500 acessos distintos diariamente” (BARBOSA, 2022).

³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/ficanaestacao/videos/593631695303496>. Acesso em 15 abr. 2022.

com a intenção de propor reflexões e discussões sobre o tema.

Aspectos históricos da narração esportiva radiofônica e a presença feminina

No dia 6 de abril de 1919, o Rádio Clube do Recife iniciou a trajetória do meio de comunicação no país. Quanto às transmissões esportivas, as primeiras experiências teriam ocorrido, de acordo com Guimarães (2020), logo na década seguinte. Conforme Soares (1994), no dia 19 de julho de 1931, Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista, foi o primeiro a transmitir uma partida de futebol na íntegra. Nesse mesmo ano, conforme Duval (2012), Ernani Ruschel, pela Rádio Sociedade Gaúcha, foi o precursor ao narrar a vitória do Grêmio sobre a Seleção do Paraná, no estádio da Baixada, no dia 19 de novembro. Götz (2020) divide a história da narração no Brasil em três períodos. O primeiro é dos desbravadores, que vai dos anos 1920 até 1960, fase, segundo Ferrareto (2012), de implantação, difusão, regulamentação da publicidade e surgimento da TV. Entre 1931 e o final da década de 1950, com a valorização da emoção como um dos principais combustíveis, os narradores passaram a mesclar descrição, emoção e criatividade. Era comum o uso de anglicismos, tais como: *ball* (bola), *corner* (escanteio), *free kick* (tiro de meta), entre outros. Ainda na conhecida Era de Ouro do rádio, as mulheres, segundo Zuculoto e Mattos (2017, p. 4) "tiveram atuação fundamental, sobretudo em programações de entretenimento, educativas, artísticas-culturais, com destaque para as ficcionais como a radionovela e o radioteatro".

O segundo período da narração, explica Götz (2020), é dos paradigmáticos, concentrado entre a década de 1960 e meados dos anos 1990. Ocorreu em meio aos processos de difusão, segmentação e princípio da convergência (FERRARETO, 2012), tendo como principais avanços tecnológicos a miniaturização do rádio (das válvulas para os transístores), a efetivação da frequência modulada, e, mais adiante, o emprego da telefonia celular e a implementação da internet. Foi a era da consagração das jornadas esportivas e do futebol show, principalmente, por intermédio de narradores como Osmar Santos, em São Paulo, e José Carlos Araújo, no Rio de Janeiro, que

influenciaram profissionais por todo o Brasil. Surgiram dezenas de outros grandes narradores que, além do aprimoramento de técnicas e velocidade nos relatos, também inseriram variados tipos de recursos expressivos como bordões, estratégias retóricas e demais elementos, tudo isso somado a quadros funcionais estabelecidos com repórteres, comentaristas, plantões, etc.

O terceiro período, dos contemporâneos, defende Götz, é da era vigente, a qual continua altamente influenciada técnica e estilisticamente pelos narradores paradigmáticos, embora, em plena fase de convergência entre meios tradicionais e plataformas digitais. Trata-se, também, de uma fase de multiplicidades da oferta, de fortalecimento da segmentação e *on demand* (FERRARETO, 2014). Os narradores contemporâneos, a partir do princípio do século XXI, ainda que utilizando fórmulas consagradas, como destacado, têm acompanhado a evolução do próprio rádio, o qual, atualmente, se caracteriza por um meio expandido. De maneira geral, os narradores esportivos, hoje, estão divididos em uma esfera geracional, na qual ainda há paradigmáticos em atuação, competindo pela audiência e atenção dos ouvintes/espectadores/internautas com narradores híbridos já mais adaptados aos ambientes parassonoros (KISCHINHEVSKY, 2016) oferecidos por plataformas como YouTube e Facebook.

De acordo com Zuculoto e Mattos (2017), ainda que as mulheres tenham se fortalecido no século XX, seja através de tentativas de emancipação, por igualdade, ou na busca de mais espaço profissional, com destaque para os movimentos feministas entre as décadas de 1960 e 1970, as transformações e o ingresso em um quadro fundamentalmente masculino continuaram lentos. O primeiro registro de uma mulher que ingressou no mercado da cobertura esportiva, conforme as autoras, sucedeu em 1948, quando Maria Helena Rangel ingressou no jornal Gazeta Esportiva. Provenzano e Santuário (2009) e Zuculoto e Mattos (2017) ressaltam que a regulamentação da profissão de jornalista, mais tarde, em 1969, e as respectivas inaugurações de faculdades pelo país, significaram uma espécie de abertura de campo, porém, com muitas barreiras ainda à presença das mulheres nas redações esportivas.

No dia 15 de junho de 1971, Zuleide Ranieri foi pioneira no país ao narrar o amistoso entre Palmeiras e Portuguesa, no estádio Palestra Itália. A Rádio Mulher AM 930, fundada em 1970, aos poucos, foi conquistando respeito e espaço entre os ouvintes. Além disso, revelou uma série de profissionais que marcaram época: a repórter de campo Germana Garilli, a repórter e narradora Claudete Troiano, as comentaristas Jurema Yara e Leilah Silveira, e a analista de arbitragem Léa Campos. Contudo, com o ingresso de profissionais masculinos, o que descaracterizou a essência da emissora, a partir de 1974, incluindo a falta de patrocinadores, a Rádio Mulher saiu do ar, dois anos depois.

A qualidade da narração feminina é motivo de discussões na atualidade e as opiniões são variadas, dos mais aos menos experientes narradores, entre os que são favoráveis ou não. Alberto Rodrigues, o Vibrante, narrador paradigmático da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, identificado com o Cruzeiro na emissora desde 1978, vê positivamente a abertura de espaços para a narração feminina. Contudo, conforme o que já ouviu, considera que é preciso uma certa adequação. “Às vezes, tem uma que grita demais, tem outra que se espalha, não sei, é uma questão de aperfeiçoar, porque narrar futebol não é gritar, não é deixar o cara que tá ouvindo surdo” (RODRIGUES, 2021).

Doni Vieira (2021), narrador da Rádio Capital de São Paulo, também considera que a “narração feminina é um trabalho legal. É um mercado que tá vindo aí”. De maneira mais generalista, segundo ele, a pessoa que quiser se tornar profissional da narração precisa “ser do ramo”, ter a capacidade de noção do uso de técnicas de locução e variação da voz. “Tem que ser bem lapidado, né? A narradora tem que ter uma voz bacana, não pode querer impostar a voz, essa é a minha opinião”.

Rafa Penido, narrador do Coluna do Fla, *web* identificada com o Flamengo, é favorável à narração feminina e, assim como Alberto Rodrigues e Doni Vieira, entende que o aprimoramento é fundamental. “Eu vejo com bons olhos. Eu acho que, para o meu gosto, ainda não tem uma grande narradora, mas têm grandes promessas”. Penido afirma que “torce genuinamente” pelas narradoras e que a abertura de oportunidades é muito positiva para a expansão do mercado. “Não

basta você ter o dom, não basta você estudar, você vai precisar, também, que a porta se abra pra você e algum momento, né? Então, hoje, o mercado subiu pra elas" (PENIDO, 2021).

José Carlos Araújo (2021), narrador da Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro, e uma das referências históricas do rádio esportivo do Brasil, acredita que o brasileiro, de uma forma geral, ainda não estaria aceitando a narração feminina, mas que, em algum momento, até poderá fazê-lo. "Eu não tenho nada contra, mas eu acho que se não tá havendo renovação na narração masculina, é muito difícil você ter uma renovação ou uma projeção com a narração esportiva feminina".

Outro narrador paradigmático brasileiro, José Silvério (2021), tem a seguinte opinião: "sinceramente, não me agrada". E justifica: "Não me agrada porque não tem pique, não tem força na voz pra fazer transmissão". Sobre a iniciativa da Rádio Mulher, Silvério entende que a emissora "fez futebol numa década aí, tinha as locutoras. Ela tentou, tentou, tentou e não aconteceu absolutamente nada. E a moça que narrava lá virou apresentadora de outras coisas de televisão". Silvério garante que seu julgamento negativo em relação à narração feminina tem base na técnica.

É difícil, sabe? Não é machismo, nada disso. É o tipo de voz, é o tipo de voz, é uma coisa que vem. Porque, você sabe o que acontece? O locutor esportivo, principalmente o locutor esportivo do rádio, ele é aquele menino que começou na escola, jogando pelada. Então, ele vai familiarizando-se com as expressões do futebol, com o futebol, e, aí, ele desenvolve. Não dá pra você, oh, eu já dei aula em alguns cursos de locução esportiva, eu não via, até hoje, um curso de locução esportiva formar locutor esportivo, não é mulher não, homem. Porque é uma coisa que não dá pra formar, aquelas coisas... (SILVÉRIO, 2021).

Além de Isabelly Morais e Clairene Giacobe, recentemente, podem ser destacados exemplos de outras narradoras que ingressaram nessa carreira como Núbia Alves, que atuou pela Rádio Universitária de Goiânia, Elaine Trevisan, pela Rádio Poliesportiva de São Paulo e Luciana Zogaib, pelas emissoras Roquette-Pinto e Rádio Web Damas do Esporte.

Narração esportiva: técnicas e estilos

Soares (1994) classifica a narração esportiva em duas escolas: denotativa e conotativa. A primeira aponta que “seus representantes preocupam-se em dar ao ouvinte a imagem da partida pela utilização de signos denotativos” (SOARES, 1994, p. 61). É a significação direta entre o signo e seu objeto. Na segunda, “seus representantes caracterizam-se pelo uso de signos conotativos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto” (SOARES, 1994, p. 61). Segundo Ferraretto (2014), os locutores dessa escola associam os sentidos denotativos a elementos como gírias e chavões. Apesar dessa seção, os narradores podem atuar de maneira mista, de acordo com o estilo empregado.

Para Schinner (2004), a narração também pode ser dividida em outros dois tipos: livre e orientada. No livre, o profissional exerce uma locução “carismática”, repleta de bordões e estratégias de engajamento, criatividade e irreverência, com emoção extrema. No orientado, o narrador, geralmente, equilibra a técnica com emoção contextual. As classificações propostas por Schinner seguem a mesma lógica daquelas elaboradas por Soares, isto é, os narradores têm potencial de atuar conforme uma mistura de particularidades.

A narração esportiva, de acordo com Schinner, deve alcançar cinco objetivos, também denominados pelo autor de “combustíveis” (2004, p. 78): (1) emoção, (2) cultura e conhecimento, (3) liderança, (4) carisma, credibilidade e ética e (5) valorização da palavra falada (VPF). No primeiro, é fundamental que os narradores tenham a capacidade de descrever não apenas os detalhes de um determinado jogo, mas proporcionar momentos de emoção (na medida certa) aos ouvintes, como no caso do relato de um gol.

No segundo aspecto, a cultura e o conhecimento são fundamentais, inclusive, no processo de improvisação, que se trata do raciocínio rápido, porém, coerente. Em um panorama que valoriza cada vez mais o perfil multifunção, o conteúdo individual faz enorme diferença na performance. A liderança nada mais é do que a aptidão ao controle de uma jornada esportiva, pois os

narradores também são os âncoras e as figuras centrais das irradiações, fundamentalmente no momento em que a bola está rolando, devendo gerenciar uma transmissão.

Carisma, credibilidade e ética, segundo Schinner, são atributos imprescindíveis, pois o domínio do microfone passa pela forma como o narrador dirige-se aos seus ouvintes, a linguagem é construída e qual é a postura adotada pelo profissional diante da responsabilidade e do compromisso. Sobre a questão da valorização da palavra falada (VPF), Schinner ressalta, primeiramente, o dever do narrador de levar em conta a mensagem para o ouvinte/torcedor. A linguagem, como é praxe do rádio, precisa ser clara. O foco e a atenção são conceitos básicos de trabalho do narrador para que acompanhe as jogadas com o máximo de precisão, e, se possível, mesclando com metáforas e bordões, ao longo da jornada.

Ferraretto (2014, p. 218), basicamente, divide a mecânica da transmissão em quatro fases: (1) abertura, (2) o jogo em si, (3) o intervalo e (4) o encerramento. O autor afirma, ainda, que o tempo dos vozeirões de timbres impostados já passou. Mas, Ferraretto alerta que "segue sendo indispensável ter consciência de que, como todos os aspectos de uma atividade profissional, falar ao microfone exige uma técnica apurada em que se mesclam diversos elementos expressivos" (FERRARETTO, 2014, p. 79).

César (2009, p. 72) explica que a voz "é resultado de um trabalho conjunto dos sistemas nervoso, respiratório e digestivo, e de músculos, ligamentos e ossos, atuando harmoniosamente para que se possa obter uma emissão eficiente". Já Albano da Silva (1999, p. 17) assinala que: "a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros". A voz forma-se na região conhecida como pregas vocais, que consistem em pares de músculos que vibram com a passagem de ar, situados na laringe.

Sobre questões rítmicas, Schinner classifica a narração conforme os seguintes tipos: linear *flat*, linear ascendente e cíclico. *Flat*, segundo Schinner (2004, p. 187), é "um ritmo absolutamente horizontal, sem grandes inflexões de

voz". O ascendente "evolui de acordo com o lance e a chegada do clímax, nos momentos mais agudos da partida" (SCHINNER, 2002, p. 187). O ritmo cíclico, por sua vez, apresenta uma curva de ondulações entre altos e baixos, levando em conta os variados lances ocasionais de um jogo qualquer. César (2009, p. 116) acrescenta que "o ritmo dependerá do estilo da locução e da maneira como o locutor interpreta no momento da fala" (CÉSAR, 2009, p. 116). E essa variação pode ser lenta, acelerada, muito acelerada ou adequada.

A divisão rítmica de uma transmissão, determina Schinner, está dividida em três zonas: atenção, intermediária e tensão. O ideal é que o narrador, entre essas áreas, consiga produzir um ritmo ondulatório. Um relato de ação no campo defensivo, em uma saída de bola, por exemplo, não possui a mesma entonação como em um lance de ataque. Na zona de atenção, o narrador, primeiro, acompanha a movimentação cadenciada na área de defesa, aos poucos, se dirigindo para ação ofensiva. Na zona intermediária (transição), o relato se intensifica e passa pelo "deslocamento defesa-ataque, e da articulação (armação) das jogadas" (SCHINNER, 2004, p. 187). Por fim, na zona de tensão, setor de iminência da marcação de um gol, é onde o narrador enfatiza a emoção. É nessa zona que, geralmente, o ritmo do relato é acentuado, a voz intensificada e modulada de uma região média para aguda.

Análise técnica e estilística: Clairene Giacobe

A locutora Clairene Giacobe, 42 anos, natural de Agudo, interior do Rio Grande do Sul, atua pela Rádio Estação Web como narradora e comentarista, conforme abordado, desde 2012. Em entrevista especial para o blog Dibradoras, site integrante da editoria de esportes do UOL, Clairene (2019) declarou que rádio e futebol sempre fizeram parte de sua vida. Antes de ingressar na mídia, ela foi goleira com passagens em clubes como São Luís de Venâncio Aires, Grêmio e Internacional. Após descobrir que seria mãe de gêmeas, ela deixou de jogar e dedicou-se a trabalhar como representante comercial. Assim que ingressou em um curso de radialista, conheceu o diretor da REW, Rogério

Barbosa, que lhe convidou para ingressar na *web*. Segundo Roberta Nina (2019), Giacobe começou sua trajetória apresentando programas e comentando jogos.

Em 2014, assumiu o programa de debates *Agora é Que São Elas* e, no ano seguinte, alcançou o posto de principal comentarista. Um dos projetos de Rogério Barbosa era de criar uma equipe feminina, aos moldes da iniciativa da Rádio Mulher, na década de 1970. Na medida em que se aperfeiçoou na narração, Clairene Giacobe foi recebendo as primeiras oportunidades até que, em 2016, fez a sua estreia no duelo entre Internacional e Ypiranga de Erechim, pela final da Recopa Gaúcha.

A primeira narração que eu fiz, em 2016, pra mim foi dramática e horrível tecnicamente falando. Mas foi emocionante pelo desafio. Depois disso, fiz um jogo do Internacional pela Série B onde recebi muitas críticas e ofensas por ser mulher. Cheguei a pensar em parar, mas de cabeça fria eu falei 'sabe de uma coisa? Eu tenho minha voz aguda, mas vou tentar melhorar e na prática vou evoluir'. E agora tenho conseguido ter mais sequência, estou mais técnica, trabalhando melhor a minha voz para deixá-la mais grave (GIACOBÉ, 2019).

Em 2018, além de ter sido a primeira narradora a transmitir um clássico Gre-Nal, ingressou em um curso específico de narração esportiva, no qual foi a única aluna, dentre os demais participantes. "Já ouvi muita coisa, como 'você não tem voz pra narrar', 'tem que estar na cozinha, limpando a casa', 'mulher não tem que se meter em narração', 'é fraca pra estar no meio dos homens'" (GIACOBÉ, 2019).

Clairene Giacobe (2022) considera que evoluiu consideravelmente em relação às primeiras experiências como narradora. Para aprimorar ainda mais a técnica, Giacobe iniciou, recentemente, tratamentos com especialistas em fonoaudiologia para corrigir aspectos referentes à respiração e entonação da voz que, segundo ela, apresentava uma condição de timbre mais agudo.

Além da falta de apoio que continua em curso no Rio Grande do Sul, outra dificuldade, segundo Giacobe, é a falta de referências femininas da narração do passado. Até o encerramento deste artigo, por exemplo, não foram localizados arquivos sonoros de relatos da locutora Zuleide Ranieri, que poderiam servir de embasamento para as profissionais da atualidade. Os exemplos estilísticos acabam sendo, fundamentalmente, oriundos da narração masculina. Para

Clairene Giacobe, o panorama, principalmente no Rio Grande do Sul, pouco evoluiu e segue desfavorável às mulheres.

É muito difícil aqui no nosso estado, porque estamos num estado extremamente machista, né, aonde a mulher tem muita dificuldade nesse sentido no futebol, de estar presente. Tanto que a gente observa as emissoras comerciais, muito complicado ter o destaque de uma mulher comentarista ou ter um destaque de uma mulher narradora, não existe. Então, reportagem existe, reportagem de torcida existe. Mas, comentários? Por que não têm oportunidades para uma mulher comentarista? Será que ela não é capaz de entender de futebol? É nesses quesitos que existe uma dificuldade muito grande. Têm as grandes de São Paulo e Rio dando oportunidades para as mulheres, isso é muito importante. Mas aqui no Rio Grande do Sul a gente precisa estudar, precisa evoluir e precisa batalhar muito pra chegar a ter uma oportunidade, se tiver oportunidade em um veículo grande, um veículo comercial. A oportunidade surge via internet, rádio *web*, e eu sou muito grata ao Rogério Barbosa, ao desafio que ele fez comigo (GIACOBÉ, 2022).

No que concerne à transmissão da final do Gauchão Feminino entre Internacional e Grêmio, é possível afirmar, imediatamente, que Clairene Giacobe é uma narradora que se caracteriza por um estilo predominantemente denotativo, com alguns aspectos conotativos ocasionais. Como indica Schinner (2004), Giacobe aplica um formato de transmissão orientada, ainda que livre em certos instantes, graças ao atributo da improvisação, que não deixa de ser um fator típico em grande parte das jornadas esportivas atuais, em todo o Brasil. Apesar de não explorar recursos como metáforas, frases de efeitos ou chavões, Clai Giacobe, como também é conhecida no meio, ainda criou um bordão para o grito de gol e outro para chamada de tempo e placar, o que pressupõe o desejo da profissional de alcançar uma identidade. No caso do primeiro, ela utiliza a sentença "pro fundo da rede". Quanto ao segundo, Giacobe convoca a participação do plantão com a frase "o tempo urge, o tempo voa, é a hora do tempo do jogo". De qualquer forma, Clairene Giacobe ainda é uma narradora que, como definiu Schinner (2004), equilibra técnica e emoção de maneira contextual.

Logo nos primeiros minutos do Gre-Nal, foi possível reconhecer que tanto Giacobe quanto a própria Rádio Estação Web seguem um padrão de irradiação tradicional do Rio Grande do Sul. A rádio, por exemplo, explora minimamente o

uso de recursos como efeitos e vinhetas, ainda que os hinos dos clubes sejam mixados em BG, durante a narração de um gol, o que remete aos estilos de outras regiões do país, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, não há exageros nesses quesitos.

A principal preocupação de Clairene, pelo verificado nesse jogo, foi priorizar a descrição dos lances da maneira mais precisa possível, ainda que ela tenha utilizado alguns recursos expressivos clássicos ou clichês como “não quis saber de brincadeira”, “bola no fundo da rede” ou “levantou no primeiro pau”. A narradora esforçou-se também em aplicar conhecimentos técnicos adquiridos tanto na sua formação em narração, quanto pela experiência através da escuta. Clairene Giacobe apresenta claramente alguns padrões básicos de comando fundamentais como o controle e a administração dos lances de bola rolando, intercalados com a participação dos demais componentes da jornada. Isso também acontece durante a leitura de textos-foguete, na atualização de tempo e placar de jogo constantemente, para manter os ouvintes atualizados, além do padrão de giro, tomando em consideração aspectos periféricos como as reações dos torcedores nas arquibancadas e, ainda, movimentos extra campo de atletas, exemplificados nos lances a seguir:

Ambiental: Neste momento, está sentido a jogadora do Grêmio e bastante festa aqui (dos torcedores), diretamente do estádio Arena Cruzeiro.//

Bola rolando: 14 minutos da etapa inicial, um a zero para o Grêmio pra cima do Internacional./ Decisão do Campeonato Gaúcho feminino./ Belinha na bola./ Pede aproximação./ Arremesso na ponta esquerda de ataque do Internacional./ Tentou por cima, corta Mariza lá atrás./ Completa Pri Back./ A bola, a tentativa era novamente do Internacional, volta Mariza./ Tocou por dentro./ Pri Back, rolou, na ala direita./ Jane Tavares, limpou uma, duas./ Errou o passe./ Volta novamente para a equipe do Internacional, Shashá./ Essa é perigosa, corta por baixo, Pri Back!./ E fez falta!//

Descrição do repórter: [...] a falta está marcada, o Grêmio vence por um a zero./ Informando, lancharia [...]//.

Repórter devolve para a narradora com jogo parado:

Texto-foguete: No mini mercado Alves, o pão é sempre fresquinho./ Rua São Francisco, meia, meia, quatro, bairro Santana, em Porto Alegre./ Fone 51, 39 07 40 08./ Falta para o Internacional.// (GIACOBÉ, 2021).

Giacobe apresenta um ritmo de narração cadenciado, com momentos de aceleração e ascendência de tonalidade, geralmente, nas zonas de tensão. É comum que narradores iniciantes apresentem dificuldades na modulação entre as três zonas definidas por Schinner como atenção, intermediária e tensão. Contudo, é preciso ressaltar, novamente, que Clai Giacobe estreou em 2016 e, até o encerramento desta pesquisa, contabilizou 54 jogos transmitidos. A evolução na narração, como a própria Giacobe reconhece, requer prática e o desenvolvimento, geralmente, acontece a longo prazo. Ao analisar o ritmo empreendido pela locutora, foi observado que ela mantém uma divisão semelhante entre as regiões de atenção e intermediária, ondulando significativamente no setor ofensivo. Mas não se trata de uma narração linear. Outro ponto importante da locução de Giacobe, é referente ao timbre. Ainda que concentrada em regiões médias e agudas, ao menos na transmissão examinada, não foram constatadas distorções graves, fruto do aprimoramento técnico de Giacobe para o controle da respiração e da colocação de voz.

Houve, em poucos instantes, alguns desequilíbrios, possivelmente relacionados a condições emocionais como ansiedade. É muito comum verificar esse tipo de ocorrência em sentenças de relato em que palavras ou frases são proferidas de maneira imprecisa, com sensação de dúvida. "a bol... o tempo urge, o tempo voa... e o tempo, é a hora do tempo do jogo...." (entre vinheta de tempo e placar) Doze minutos e vinte segundos da etapa inicial, aqui na Arena Cruzeirooo./ Grêmio um, Internacional zero, Rogério Barbosa.//".

Nos lances de gol, Clairene Giacobe indicou uma sequência padronizada na descrição: 1 - acompanhamento tenso da jogada, 2 - o clímax, isto é, o gol, 3 - recapitulação do lance e 4 - acionamento do repórter de campo. E são nos relatos dos gols que, fundamentalmente, as narradoras, para evitar distorções de voz, precisam atender às técnicas de impostação, respiração e controle emocional. Os três recortes a seguir, descrevem a estrutura da narração dos momentos mais importantes do jogo transmitido por Clairene Giacobe.

Gol do Grêmio: Grande jogadora Rafa Levis, limpou uma./ Agora, tentou cruzar por dentro da área, espalma Vivi!./ A bola vai sobrar pra redeee!./ (entra hino do Grêmio instrumental de fundo) Maiara./ (intervenção do repórter) Gooooool do Grêmiooo!./ Que jogada espetacular da Rafa Levis./ Cruzou pra dentro da pequena área, na primeira tentativa./ A zagueira cortou, mas a bola sobrou pra ela, Maiara, que tocou pro fundo da rede, aos sete minutos da etapa inicial./ Grêmio um, Internacional zero, Rodrigo Cassol.//

Gol do Inter: Pênalti para a equipe do Internacional./ Vai tomar distância Fabi Simões./ Partiu, correu, Fabi Simões, tocou, pro fundo da redeeeeeee!./ (entra hino do Inter instrumental) Gooooool do Internacionaaa!./ Numa bola alçada dentro da área, bateu na mão da jogadora da equipe do Grêmio./ E, ali, a árbitra marcou pênalti./ E Fabi Simões, aos 41 minutos da etapa inicial, empata a partida./ Pênalti bem batido no canto esquerdo da goleira Lorena./ Internacional um, Grêmio um, Rodrigo Cassol.//

Lance decisivo - Eudimilla versus Vivi./ Vai tomar distancia, a Eudimilla, tomou uma distância longa./ Vai autorizar a árbitra./ Quinto pênalti pra equipe do Grêmio./ O Grêmio que tava na frente, o Inter que conseguiu empatar./ Partiu, correu, defendeu a goleira, é campeããããã!./ ÉÉÉ campeão gaúcho o Internacionaaa!./ É tri, é tri, é tricampeão gaúcho a equipe do Sport Club Internacional!.\ O Internacional que estava atrás nos pênaltis./ Vivi foi lá, foi lá e buscou dois pênaltis./ A craque do Grêmio bateu muito mal, bateu muito mal./

E, no canto esquerdo, Vivi espalmou! É campeão gaúcho, é tricampeão, é tricampeão, é tricampeão./ O Internacional busca o tricampeonato, Rodrigo Cassol!./ (GIACOBÉ, 2021).

Para finalizar, outro atributo observado na jornada transmitida por Giacobé foi relativo a um dos combustíveis da narração denominados por Schinner de cultura e conhecimento. Aconteceu em períodos em que a narradora aproveitou determinadas oportunidades para demonstrar sua faceta de comentarista, como já informado, outra função exercida por ela na REW: “Rafa Levis que é uma jogadora importantíssima nessa equipe do Grêmio./ É uma jogadora, assim como a Eudimilla, goleadoras./ E são jogadoras com muita habilidade./ Prestem muita atenção em Eudimilla e Rafa Levis./” (GIACOBÉ, 2021).

Panorama da narração esportiva feminina em Porto Alegre

Único paradigmático em atividade na capital gaúcha, o narrador da Rádio Grenal Haroldo de Souza, reconhece que a narração feminina tem potencial. Contudo, segundo ele, ainda levará um considerável tempo para que as mulheres conquistem maior espaço. Para Souza, independente se as narradoras “nascem com o dom” ou não, os entraves são provocados, principalmente, pelos escassos recursos financeiros disponibilizados para incentivos e contratações. Já o narrador César Weiler da Rádio Pachola, identificada com o Grêmio, afirma que “sempre tem espaço para os bons profissionais”. Porém, Weiler lamenta que, se tratando de rádio esportivo, “as mulheres precisam provar muito mais o que sabem”.

Eu convivi bastante com a Clairene, né, que trabalhou na Rádio Estação Web, e assim, ela, às vezes, mesmo com as dificuldades, entendia de determinados assuntos, dava cara à tapa, se colocava ali, e as pessoas sempre duvidavam. Isso acabou incomodando um pouco porque, realmente, eu não olho para um profissional se ele é homem, se é mulher para definir se ele é bom ou não (WEILER, 2021).

De acordo com Götz (2021), as emissoras que realizam coberturas

esportivas em Porto Alegre, na atualidade, são as seguintes.

Hertzianas: Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba, Rádio Bandeirantes e Rádio Grenal.

Webs: Rádio do Grêmio, Rádio Colorada, Rádio Super Jornada Colorada, Rádio Estação Web, Rádio Galera, Rádio Pachola (identificada com o Grêmio) e Rádio Inferno (identificada com o Inter).

Entre essas 11 emissoras, foram identificados **31 narradores**, sendo apenas **duas mulheres** em atividade, ambas da Rádio Estação Web. Além de Clairene Giacobe, a outra locutora constatada foi Andreana Chemello. Com 22 anos, Chemello, formada em Gastronomia, também é graduanda em Jornalismo e fez sua primeira narração em 2021. Atua, ainda, como repórter identificada com o Internacional na Rádio Inferno.

A Rádio Estação Web, conforme o diretor Rogério Barbosa, se caracteriza por uma emissora que conta com profissionais que são remunerados através de comissões por vendas, como o caso de Clairene Giacobe, ou que atuam voluntariamente, a exemplo de Andreana Chemello. De qualquer forma, a Estação Web, hoje, em Porto Alegre, é a rádio que mais oportuniza a participação feminina em distintas áreas da cobertura esportiva, além da narração.

Considerações finais

O seguinte artigo teve como objetivo geral descrever o perfil da narração esportiva feminina porto-alegrense, no panorama do rádio contemporâneo. Buscou-se constatar a existência de profissionais em atuação na capital gaúcha e emissoras que estivessem apostando nesse nicho. Além disso, a investigação também propôs uma análise de questões técnicas e estilísticas para ampliar a reflexão sobre o tema, e não reduzir a contextualização referente apenas a um cenário que, todavia, ainda é marcado por preconceitos, machismo e falta de oportunidades às mulheres, no âmbito da cobertura esportiva. Antes de prosseguir, vale ressaltar que esta pesquisa, de natureza qualitativa e quantitativa, adotou o método de estudo de caso (YIN, 2015) que se mostrou eficaz na organização do fluxo, desde o recolhimento de evidências, até o

tratamento dos resultados e na categorização das questões de análise técnica. De qualquer modo, esta pesquisa indica a necessidade de novos aprofundamentos e investigações mais abrangentes para compreender o fenômeno.

O cenário da narração esportiva no rádio de Porto Alegre continua predominantemente masculino. Entre 31 narradores de 11 emissoras que cobrem esportes, na atualidade, apenas duas mulheres se dedicam à narração, o que representa 6,45% do total. E ambas narradoras, Clairene Giacobe e Andreana Chemello, ainda por cima, atuam no mesmo meio, a Rádio Estação Web. E mesmo com as recentes iniciativas da Rádio Grenal, não existe nenhuma mulher narrando futebol nas quatro rádios mais tradicionais da capital do Rio Grande do Sul. A proposta de análise técnica e estilística demonstrou que Clairene Giacobe, apesar de se encontrar em um processo de aprimoramento e evolução, atende aos requisitos para a narração elaborados por homens, que por ausência de referências femininas, ainda são os espelhos para as candidatas à função. E se tecnicamente e estilisticamente Clairene Giacobe está apta a narrar, seus questionamentos sobre o panorama de desigualdade são simplesmente reforçados.

Chama atenção também que, apesar de todas as possibilidades oferecidas pelas tecnologias, de um rádio que hoje é expandido, readaptado às lógicas das plataformas digitais, de múltiplas ofertas em meio ao universo das redes sociais, onde a participação do público é direta, as iniciativas para o desenvolvimento de novos nichos de mercado, como no caso porto-alegrense, são quase inexistentes.

Entende-se, preliminarmente, que há duas alternativas para as narradoras esportivas. A primeira consiste na insistência pela abertura de novos postos de trabalho, sob os pontos de vista da competência profissional e da conscientização do papel feminino na sociedade. A outra é a elaboração de formatos de narração que se tornem distintos daqueles que ainda repercutem na atualidade e que são influenciados por estilos do período paradigmático. Talvez para as mulheres seja o momento de desenvolver novas habilidades,

estabelecer narrativas e fazer a diferença. Trata-se também de um desafio para pesquisadores e profissionais da área. O perfil da narradora esportiva radiofônica de Porto Alegre, objetivamente, hoje, é de uma profissional que segue padrões estabelecidos por referências masculinas, em um contexto de desigualdade.

Referências

BRITTOS, Valerio. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, n. 31, p. 9-34, 1999.

BRITTOS, Valerio. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n. 35, p. 31-54, jul-dez. 2002.

COM equipe composta somente por mulheres, Rádio Grenal transmite Grenal feminino. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.coletiva.net/comunicacao/com-equipe-composta-somente-por-mulheres-radio-grenal-transmite-grenal-feminino,320242.jhtml>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DUVAL, Adriana. Ernani Ruschel. In: PRATA, N., SANTOS, C. (orgs.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 245-247.

ESTEVES, Bernardo. A Locutora. Uma pioneira no rádio mineiro. **Piauí**, São Paulo, dez. 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-locutora/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista Eptic**. Sergipe, v. 14, n. 2, p. 1-24, mai/ago. 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GIACOBÉ, Clairene. Narradora e comentarista da Rádio Estação Web, Clairene Giacobe. Depoimento concedido, via WhatsApp, abr. 2022.

GÖTZ, Ciro. **As Vozes do Gol**: História da narração de futebol no rádio de Porto Alegre. Florianópolis: Insular, 2020.

GÖTZ, Ciro. A Narração Esportiva no Rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Revista Âncora**. João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 66-86, jan/jun. 2020.

GÖTZ, Ciro. A narração de futebol no contexto de rádio expandido. 2022. 274 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2022.

GUIMARÃES, Carlos. o início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. In: **Rádio no Brasil [recurso eletrônico]: 100 anos de história em (re) construção**. RADDATZ, Vera [et al.], Ijuí: Unijuí, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Tese. Doutorado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2008.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: José Silvério. Entrevistador: Ciro Götz, 15 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSfLMhGra9c>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: Rafa Penido. Entrevistador: Ciro Götz, 16 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ynDUfrvYOA>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: Alberto Rodrigues. Entrevistador: Ciro Götz, 17 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LXJbac5t-FA&t=16s>. Acesso em: 25 mar. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: César Weiler. Entrevistador: Ciro Götz, 20 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXLQvXfP3R0>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: Doni Vieira. Entrevistador: Ciro Götz, 21 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1T8erwrXaQ>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: Beto Guerra. Entrevistador: Ciro Götz, 22 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nG5w4Hu7yOc&t=527s>. Acesso em: 11 abr. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: Haroldo de Souza. Entrevistador: Ciro Götz, 23 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTMce5qCfol&t=222s>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PROJETO AS VOZES DO GOL. Entrevistado: José Carlos Araújo. Entrevistador: Ciro Götz, 24 dez. 2021. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lvay6sCE020&t=641s>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PROVENZANO, Bruna; SANTUÁRIO, Marcos. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. *In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2009, Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Centro Universitário Feevale. 2009.

SCHINNER, Carlos. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda, 2004.

SOARES, Edileusa. **A bola no ar**: O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZUCULOTO, Valci; MATTOS, Ediane. As mulheres no radiojornalismo esportivo:

contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. *In*: XI Encontro Nacional de história da Mídia, 2017, São Paulo. **Anais do XI Encontro Nacional de história da Mídia**. São Paulo: Mackenzie, 2017, p. 1-15.

ENTREVISTA

VALCI REGINA MOUSQUER ZUCULOTO

As perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti.



“Incluídas em um movimento que ultrapassa a proposição de temas de pesquisa, as questões de gênero vêm apresentando questionamentos teóricos e metodológicos que revelam a urgência de novas categorias de análise dentro dos estudos em comunicação. Igualmente, incentivam a reflexão sobre o próprio fazer ciência.”

Esse olhar, especialmente quando vinculado aos demais marcadores sociais da diferença, também vem amparando a emergência de perspectivas e vozes até então invisibilizadas, reconhecendo e acompanhando as transformações culturais da sociedade brasileira. Nos estudos em rádio, observa-se que essa linha de investigações tem sido impulsionada pelo diálogo interdisciplinar e intergeracional, sem perder de vista a diversidade regional que caracteriza o

meio. Contudo, como todo movimento que questiona paradigmas e estruturas já estabelecidas, este também enfrenta sua parcela de resistência. Logo, é preciso construir espaços de fala e de escuta, estabelecer diálogos. Assim, esta entrevista se tornou uma conversa, que é uma ação e, ao mesmo tempo, um convite para que ampliemos a discussão sobre as questões de gênero nos espaços em que transitamos. Sem uma estrutura rígida, os temas que se apresentam aqui foram desdobrados a partir das nossas perspectivas e experiências, buscando abordar a prática profissional, a docência, a pesquisa e as lutas das mulheres nos âmbitos pessoal e institucional.

Juliana Gobbi: É muito marcante a presença das mulheres na liderança dos espaços de pesquisa em rádio, e como isso já está tão naturalizado. Parece-me que, de certa forma, essa naturalização também faz com que não pensemos muito sobre isso.

Valci Zuculoto: Sim. Achamos que é natural, e não é só na academia. Observei isso, por exemplo, recentemente nas eleições da FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas³⁴ quando fizemos uma *live* com a então candidata à presidenta, a Samira Castro, do Ceará, e não realçamos o fato de ser uma mulher. Só realçamos a primeira vez que uma mulher assumiu a presidência da FENAJ, que foi a Beth Costa (RJ), lá no final da década 1990, início dos anos 2000. Naquele momento festejamos muito, e depois disso voltou a ser um homem na presidência, nas duas últimas gestões voltou a ser uma mulher, a Maria José Braga, de Goiás. A participação feminina na FENAJ está cada vez maior. E nós estamos vivendo um momento de grande violência contra as mulheres – não é que essa violência não

existisse, sempre existiu, mas neste momento está sendo mais revelada, mais divulgada -, e ressaltai isso, mas depois da *live*, na hora não tive esse *insight*. Parece que é natural uma mulher, mais uma mulher, assumindo a presidência da FENAJ. O que é bem isso que você está falando, acabamos naturalizando. Mesmo aqui, na nossa área do rádio que as mulheres estiveram, e continuam, bastante na liderança. Realmente precisamos parar para refletir que essa presença não significa que não estamos mais enfrentando a violência, que não temos que lutar muito para conquistar nosso espaço e que continua tendo invisibilidade. Isso não é ressaltado, temos que ressaltar, não podemos naturalizar. Outro exemplo: em recente evento acadêmico, nós tivemos uma discussão sobre isso, sobre a invisibilidade, a dificuldade das mulheres de ingressarem no segmento do rádio esportivo, do jornalismo esportivo. Alguns pesquisadores disseram que isso já tinha sido superado, que são elas que não ocupam. E meio que ficou para as mulheres, vamos dizer assim, essa responsabilidade ou até culpa por não

³⁴ As eleições para a diretoria da FENAJ se realizaram em julho. A chapa de Samira Castro foi eleita e assumiu para uma gestão até 2025.

estarem conquistando um espaço que está dado para elas. É uma leitura equivocada, completamente equivocada. E acho que continuamos estimulando essa leitura justamente por naturalizar as conquistas que as mulheres vêm tendo. Elas vêm tendo conquistas, mas isso não significa que elas não continuam tendo todas as dificuldades, sofrendo todos os preconceitos, enfrentando toda essa tentativa de apagamento e essa invisibilidade. E é por isso que temos que fazer mais pesquisas com recortes em gênero, como a da releitura histórica sobre as mulheres profissionais no rádio que você e eu estamos propondo em forma de estudo coletivo nacional, porque isso não está resolvido, ao contrário.

Juliana Gobbi: Isso me lembra um texto em que Gaye Tuchman fala sobre a questão das mulheres pioneiras. Trazendo isso para o âmbito do jornalismo, ela observa que as mulheres que são noticiadas são as pioneiras: a primeira mulher que chegou à presidência da empresa, primeira mulher que fez isso ou aquilo. Na academia não tem sido diferente, e isso passa a ideia de que o problema da ausência estaria resolvido a partir daquele momento. Acho que esse ainda é um desafio para pesquisa histórica nos estudos em rádio, inclusive para nossa proposta: identificarmos quem são as pioneiras, mas entendendo também todo o processo de conquista que permitiu que elas alcançassem essa atividade, esse posto, essa profissão, enfim, bem como o depois. O que aconteceu quando ela chegou lá, e o que aconteceu com aquelas que vieram depois? Analisar em que ritmo a participação das mulheres foi se normalizando dentro das estruturas, ou se não foi.

Valci Zuculoto: Sim. Na verdade é bem o que estamos propondo nesta pesquisa

coletiva nacional sobre as profissionais do rádio. É a utilização do gênero como categoria analítica. Algumas pesquisas já apontam pioneiras, mas não se têm, ainda, uma contextualização mais aprofundada, nem a continuidade de um acompanhamento analítico do que aconteceu. Não acho que se deva fazer a pesquisa histórica somente com base em marcos. Mas é preciso ter ganchos, então se apoiar em marcos também. O que leva a essa leitura equivocada de que esse problema já está superado, é que a gente se prende somente aos marcos e revela, evidencia que já temos pioneiras, que elas começaram em tal época no rádio, que já estavam presentes lá no início do rádio, embora não propriamente em determinada função. Sempre cito pesquisas da Ediane Mattos (UFSC) e da Izani Mustafá (UFMA Imperatriz) sobre a Ruth Costa, da Difusora de Joinville, que participava das jornadas esportivas da emissora, apenas como plantonista no estúdio. Ela não fazia as transmissões externas dos jogos. Ficava no estúdio e entrava com informações quando a transmissão caía até que se restabelecesse. Então, ela é uma pioneira do rádio catarinense também. Mas aí você evidencia isso numa pesquisa: temos a pioneira e acabou, mas e o que veio depois? A própria história dela, como se desenvolveu? Ela acabou tendo uma participação mais relevante, de alguma forma, "salvou" uma transmissão esportiva? A gente não sabe por que, a partir dali, houve um apagamento.

Juliana Gobbi: É um não registro, né?

Valci Zuculoto: É, um não registro. E porque que não houve esse registro? Porque esse papel não se tornou relevante no relato histórico? Vamos observar que têm questões

de gênero, e que continuam até hoje. Mesmo quando não há uma premência contextual é preciso atentar para o gênero como categoria de análise, verificando questões que ainda ficaram para trás. Um exemplo é o da participação das mulheres na narração esportiva, e que alguns entendem já estar superada, pois atualmente têm mulheres narrando. Acreditam, equivocadamente, que elas só não estão narrando mais porque não ocupam os espaços.

Juliana Gobbi: É como se a pouca presença das mulheres, ou até a ausência, em determinados espaços, ainda persistisse apenas porque nós não queremos, não gostamos, não merecemos ou não estamos preparadas.

Valci Zuculoto: E não é verdade. É porque não se seguiu analisando e enfrentando isso, naturalizou-se. Se já tivemos pioneiras, se elas já estão ali, acredita-se que o espaço delas está garantido, basta querer agora, né? E a realidade não é assim, não.

Juliana Gobbi: Também o próprio cotidiano da prática profissional, muitas vezes, não ajuda o registro dessa memória. Tanto o ritmo quanto o entendimento de quem está produzindo conteúdo acabam contribuindo para o descarte aquilo que já foi ao ar, deixando o foco sempre direcionado para o que ainda está por vir. E o rádio, até por sua relação com a efemeridade, tem um pouco mais de dificuldade para preservar a própria memória. Ao mesmo tempo, observo que os espaços nos quais isso foi feito, sejam nos livros ou outros registros das produções de pessoas que atuaram no rádio nos

diferentes momentos, em sua maior parte, são compostos por homens contando suas histórias. A discussão sobre essa ausência das mulheres e da palavra delas nos registros acontece há várias décadas nos estudos históricos, um processo que fez evoluir a percepção que se tinha sobre a relevância desse olhar para o gênero e, principalmente, a partir dele. Nas pesquisas em comunicação esse movimento é mais recente, e parece que vem sendo acompanhado pela construção de um entendimento mais amplo sobre o que há de estrutural nas dificuldades e desafios que se impuseram (e alguns ainda se impõem) à atuação profissional das mulheres. Não só da exclusão, mas também de uma maior cobrança por determinadas competências, principalmente em alguns segmentos, como é o caso da cobertura esportiva. Sendo alguém que tem uma compreensão aprofundada sobre a pesquisa histórica e uma experiência profissional diversificada no rádio, seria muito interessante que compartilhasse um pouco da leitura que faz atualmente e que fazia naquele início de carreira, vivenciando essa realidade desde a década de 1970.

Valci Zuculoto: Para ver como até nós mulheres, mesmo na profissão, acabamos normalizando isso. Eu comecei no jornalismo muito cedo, em 1977, trabalhando na Central do Interior da Zero Hora, que tinha uma relação muito próxima com a rádio, daí logo passei para a Rádio Gaúcha. Entrei como redatora. Em seguida, já assumi como editora da Rádio Gaúcha, mas agora, quando você falou, notei que tinha discriminação, era uma coisa estrutural, embora trabalhasse com muitas mulheres. Ficou passando um filme aqui na minha cabeça, ou melhor, ficou passando

um cenário sonoro e imagético, e mesmo naquela época eu tinha bastantes colegas mulheres, como uma que era a única do esporte, e que não trabalhava como repórter, ficava só na produção, a Carmem Rial. E foi por insistência dela que consegui produzir coisas que eram só destinadas aos homens lá na Rádio Gaúcha. Mas eu mesma me cobrei, os meus modelos ali eram as minhas chefias ou os meus colegas homens. Eu achava que eles eram muito mais capacitados do que eu e, da mesma forma, as minhas colegas também. Por isso, o fato de eu ter conseguido chegar, inclusive, em postos de chefia, nos faz pensar. Eu fui a primeira mulher a ser editora dos noticiários ditos nobres da Rádio Gaúcha, e tinham outras atuando nas coordenações, mas isso não modificou a nossa história individual ali dentro. Acho que foi muito pesado para todas naquele período. Ao mesmo tempo em que enfrentávamos a ditadura e a censura, enfrentávamos o machismo estrutural que estava ali, embora tivesse colegas homens que fossem muito sensíveis à questão. E na minha história profissional isso não aconteceu só ali, fui a primeira mulher a ser contratada como repórter do jornal O Globo na sucursal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Eu já fazia alguns *freelas* para eles, e me lembro direitinho que, quando me entrevistou para contratar, o chefe de então da sucursal, destacou isso. Era um profissional reconhecido como um grande jornalista, mas vivia aquele momento. Lembro que ele falou assim: "ah, eu até hoje não contratei mulheres para cá porque a mulher tem a questão dos filhos, tem a questão de ficar menstruada todos os meses, aí às vezes fica mal, então é complicado, aqui tem muito trabalho, muita viagem, muita matéria". Em uma sucursal você faz tudo, você faz todo tipo de matéria, matéria de turfe, corrida de cavalo, futebol, tudo isso, não era eu a principal, eram outros repórteres, homens, que faziam estas

coberturas, mas nos plantões eu tive que fazer e dar conta disso. Matéria de polícia, matérias bem complicadas, pois ainda era um período de final de ditadura e início da redemocratização. A primeira eleição presidencial, que nós cobrimos depois da ditadura, eu estava lá no Globo. Foi muito pesado, mas o que eu estava lembrando agora é desse início, de quando entrei, era uma coisa tipo assim: "você vai entrar para uma redação que só tem homens - e historicamente só teve homens e grandes repórteres, grandes jornalistas, grandes profissionais-, você vai entrar aqui, mas você é mulher, então, você vai ter que mostrar serviço". Refletindo sobre todos aqueles problemas que ele apontou que as mulheres tinham, e que por isso até então não havia contratado mulheres, porque seria mais difícil para elas darem conta da rotina de uma sucursal, percebi que eu fazia muito mais que os homens. Quando era uma viagem de última hora, por exemplo, tinha colegas homens que não podiam ir porque precisavam buscar os filhos no colégio. Embora fosse casada, eu não tinha filhos e era uma mulher bem independente, então podia ir. Enfim, lembro que fiz uma grande cobertura junto com um colega, o Edson Chaves, na metade da década de 1980, que foi uma série de reportagens sobre a tortura na Polícia Civil do Rio Grande do Sul, ganhei prêmios, mas foi uma cobertura muito pesada, mas muito pesada mesmo. Nós chegamos a sofrer ameaças, andávamos bem preocupados. Lembro que foi difícil para continuar até o final porque nos sentíamos muito pressionados. E, veja só, era uma mulher e, em muitos momentos, em função de questões pessoais do meu parceiro de reportagem, tive que assumir totalmente a liderança da matéria e ficar sozinha naquela produção que durou vários meses. Era uma mulher que estava à frente, justamente negando tudo aquilo que o então chefe (a essa altura ele já não estava

mais lá) apontou como problemas que teria ao contratar uma mulher. Na verdade, foi uma mulher que acabou resolvendo todas aquelas dificuldades que ele disse que normalmente teria com profissionais mulheres ali.

Juliana Gobbi: É exatamente por isso que insistimos que as experiências pessoais são, muitas vezes, fruto de condições estruturais. Se tivesse uma divisão mais equitativa do trabalho doméstico, do trabalho do cuidado, por exemplo, isso não seria uma carga tão grande para as mulheres e elas não seriam cobradas ou mesmo questionadas sobre isso. Se, em tese, os homens não têm esses problemas é porque existem mulheres que estão lidando com isso para eles.

Valci Zuculoto: Exatamente, eu era uma exceção porque naquele momento não tinha filhos. Era casada, mas os meus companheiros sempre foram muito conscientes e sempre dividiram muito, então podemos considerar como exceção, porque a história geral não aponta para isso. Na verdade, tive algumas exceções que me permitiram despontar dessa forma. Por isso até que insisto, e insisti quando apresentamos essa proposta de pesquisa, que não se trata de rever e mudar o relato histórico. O relato histórico que tem o protagonismo dos homens está correto em relação aos homens, não está correto em relação às mulheres. Então, não se trata de mudar a história, mas se trata de fazer uma revisão colocando o espaço das mulheres, também lançando o olhar sobre as mulheres, porque esse olhar não é lançado. Não é evidenciado aprofundadamente. Ele só faz isso, identifica mulheres pioneiras,

emblemáticas, mas não conta a história. Por isso que trabalho muito também com a Nova História, que não é tão nova, e com a História Pública como abordagens para as minhas pesquisas em perspectivas históricas. Porque possibilitam uma história mais “democrática”, mais “plural”, que é mais equilibrada, que não é um relato que é só “dos de cima”. E isso não se refere só à questão de gênero, mas a todas abordagens e os recortes que temos para as nossas pesquisas em que, normalmente, a história - vamos chamar aqui de a história oficial -, só aponta isso, os grandes personagens, os grandes feitos. E a história das pessoas mesmo, da sociedade, do cotidiano, não está presente. A questão de gênero se insere nessa lógica dos de cima e dos de baixo, as mulheres estão no patamar de baixo. Essa é uma história que não tem relevância, parece que não tem relevância, que não constrói a história. Como ela não constrói a história?

Juliana Gobbi: Esse destaque sobre o que referencial teórico-conceitual que fundamenta, que ampara outro olhar para o relato histórico, traz de volta aquela questão do desafio metodológico. Como podemos pensar a história desse meio, dessas emissoras, dessas pessoas, se o próprio rádio não foi um espaço que valorizou a preservação da sua memória? Nós temos essa dificuldade, que é uma dificuldade ligada à falta de políticas públicas de preservação da memória dessas produções, mas isso vem também das emissoras, isso vem dos profissionais muitas vezes. Então, fico pensando nesse desafio de recuperar os relatos e compreender as produções de outros momentos, de trazer esses acontecimentos para registro histórico.

Valci Zuculoto: Como a própria história, e as abordagens que utilizamos nas pesquisas históricas, são abordagens que reconhecem e valorizam os vestígios, os indícios pequenos, às vezes até indícios que acabam revelando grandes achados. Sempre fico pensando o quanto é difícil, especialmente porque não adotamos essa perspectiva, e as metodologias e as abordagens mais da história oficial se fixam nos grandes feitos, naquilo que é evidenciado naturalmente, com naturalização. Então temos muito mais dificuldade, já por isso, porque adotamos um caminho mais, vamos dizer assim, que é mais difícil, mais tortuoso, mais difícil de percorrer. E, ainda por cima, pelo fato de que o rádio não tem a sua memória preservada. Então é mais difícil ainda para nós detectarmos, verificarmos, encontrarmos esses vestígios, esses rastros que vão possibilitar a revisão. Porque é isso. E, infelizmente, o próprio rádio não tem essa preocupação. Ontem estava conversando com os meus orientandos da área do rádio sobre isso, a dificuldade de conseguirmos esse material de pesquisa. Tanto os museus de imagem e do som quanto as emissoras ou não tem ou dificultam o acesso. Sempre lembro que para fazer a minha dissertação queria pesquisar um pouco além do que já se tem, que está focado no Repórter Esso como marco do radiojornalismo no Brasil, queria trabalhar um pouco mais o Grande Jornal Falado da Tupi e não consegui encontrar quase nada, a não ser algum material escrito em alguns livros, que não são livros científicos, só em livros memorialistas, em trabalhos ensaísticos. E trazendo para a pesquisa das mulheres, a filha do Roquete-Pinto trabalhava junto com o pai, mas não se tem um registro mais aprofundado sobre ela. Ou mesmo sobre o início do nosso radiojornalismo no *Jornal da Manhã*, *Jornal da Tarde* e *Jornal da Noite* da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que o próprio

Roquete-Pinto fazia, acho que também a filha dele depois de algum tempo. Mas não temos os registros preservados, tem pouquíssima coisa sobre isso. Nas minhas pesquisas, quando conseguia entrar em algumas rádios, a forma como estavam guardados esses acervos era de chorar. Não se tem nem os espaços públicos de memória e nem os espaços privados, por isso contamos com os próprios profissionais que guardaram algumas coisas. Nem eu guardei do meu trabalho profissional. Eu tenho guardado na memória, vou ter que trabalhar com história oral comigo mesma (risos). No entanto, não podemos creditar, e isso é importante ressaltar, somente ao despreparo dos próprios meios para tratarem com a sua memória, que é um cenário que encontramos, inclusive, em veículos bem mais recentes. Ou seja, essa é uma questão que ainda está muito presente, a falta de preocupação com a memória. Nós temos, também, uma questão que é de política, a própria política pública não dá importância a isso, ou quando sabe da importância, e muitos sabem dessa importância, promovem um apagamento proposital de tudo. Isso é recorrente, é óbvio que se torna mais evidente em períodos de censura, em períodos de ditadura, como aconteceu na Ditadura que iniciou em 1964, mas é possível encontrar esse tipo de prática no Estado Novo, ou mesmo no início do rádio no Brasil, que começou lá com as experiências de Landell de Moura. Lembrando que ele teve seus experimentos todos destruídos. Foi a própria sociedade se revoltou contra o Landell de Moura porque achava que aquilo era coisa do diabo. E também as políticas públicas de então que não se deram conta do que era aquilo que ele estava fazendo. Então é um grande problema que nós temos na preservação da memória. Todo mundo acha que é mais fácil por ser sonoro, por ser áudio, podemos investigar nas fitas... E cadê as fitas? E cadê a

digitalização de tudo? Cadê os arquivos? Cadê os roteiros? Eu encontrei roteiros jogados numa caixa lá na Rádio Cultura (de São Paulo), quando eu fui fazer a minha pesquisa de doutorado sobre a programação das rádios públicas brasileiras. Agradeço muito à Rádio Cultura de São Paulo que me recebeu, tinha até uma mesinha para mim junto ao acervo, eles arrumaram tudo, abriram o acesso naquele período, que foi início dos anos 2000. Agradeço a todas às rádios públicas que me receberam naquele momento, um momento muito bom para o país. Então, tive o acesso e foi muito legal, mas ali encontrei o resultado de uma política de anos e anos de destruição de acervo. Por exemplo, lá no início do rádio havia aulas de ginástica pelo rádio. Tive acesso a alguns roteiros dos programas e é um fenômeno muito interessante, mas esse material não estava tão organizado na biblioteca da Cultura. Não sei se ainda tem, mas naquela época tinha uma biblioteca, uma hemeroteca, uma audioteca lá na Rádio Cultura. Eles me deram acesso para mexer à vontade, e eu até deixei organizado e ressaltar a importância daquele material, mas estava dentro de uma caixa. Eram duas ou três caixas de papelão muito grandes, imagina conservar roteiro em papel dessa forma. Encontrei roteiros históricos, já meio carcomidos de traça, e deixei até arrumadinho lá, alertando que era preciso digitalizar. É muito importante, se tivesse sido feito isso em relação a outros programas de rádio muito antigos, como eu procurei na dissertação e não consegui encontrar nem áudio e nem roteiro.

Juliana Gobbi: Os próprios programas femininos que sistematizei na minha tese. Eu procurei registros dessas produções para entender que conteúdos tinham, que assuntos trabalhavam, como trabalhavam esses assuntos, porque são informações

que não temos. Geralmente o que encontramos são apenas vestígios que indicam que uma profissional teve um determinado programa, que esse programa que era direcionado para o público feminino, por exemplo, e que tratava de temas de interesse das mulheres, mas o que eram esses temas de interesse? Pode ser que seja um olhar restrito para o que era de interesse das mulheres, vinculado à ideia do ser mulher naquele momento, e que passava por ser a dona de casa que tinha que aprender como educar as crianças. Existia essa concepção dentro de um projeto político mais amplo que colocava as mulheres como responsáveis por formar o futuro da nação. No entanto, acredito que deve ter entradas nesses programas que falavam do direito de estudarem, do direito ao voto, do direito ao trabalho remunerado e aos direitos trabalhistas. Como é que isso estava nos programas, ou realmente não estava? Não sabemos com certeza, não se tem registro disso.

Valci Zuculoto: Não tem. Se tivesse um roteiro, não precisaria nem do áudio ou se tivesse um pedacinho de áudio. Isso realmente mostra como não se julgava importante. A questão era produzir o programa seguindo uma linha editorial, mas isso não era importante de se registrar, nem para analisar o antes, nem para analisar o depois.

Juliana Gobbi: Foi ao ar, acabou. Aquele material acaba indo para o lixo.

Valci Zuculoto: É isso! Porém, eu também sempre faço questão de ressaltar que não podemos só creditar ao próprio veículo o fato de não ter preservado ou aos próprios profissionais, que não se deram conta disso, mas especialmente é a questão estrutural. É a sociedade de então que realmente não

achava isso importante. Ou até se sabia que era importante, mas justamente por isso não poderia ficar arquivado, não poderia ficar disponível para que se tivesse a compreensão da história.

Juliana Gobbi: Isso às vezes é direto, uma censura direta, como já se teve, mas também acontece de forma indireta, quando não se tem investimento para que a preservação da memória possa ser feita, quando não se tem investimento público para que esses arquivos sejam digitalizados. Esta também é uma forma de apagamento, né?

Valci Zuculoto Sim, entra tudo aí. É um contexto geral que é voltado para a cultura, entendendo a cultura no seu sentido mais amplo, a cultura da nossa sociedade. A cultura da nossa sociedade que acaba fazendo com que tenhamos governantes com essa perspectiva. A cultura da sociedade é uma cultura destinada a apagar e a não entender a sua própria história, sua própria construção histórica e, nesse caso, chegamos naquilo que estamos falando, na nossa proposta de pesquisa, nas nossas pesquisas históricas em relação à questão de gênero. É a cultura da sociedade que continua apagando e continua não querendo reconhecer as questões de gênero.

Juliana Gobbi: Acho que uma das coisas mais interessantes desse diálogo é que a sua experiência permite buscarmos estabelecer relações entre a prática, a docência e a pesquisa, também ligando outra vertente que são os espaços de luta, como FENAJ e o sindicato. De alguma forma, tudo isso constitui o teu olhar para os temas, e acho que constitui também o teu olhar para essas questões de gênero. No início falamos sobre como é interessante observar que, muitas vezes, não nos damos tão claramente de como

essas questões eram muito mais estruturais e do quanto naturalizamos algumas coisas, mas é interessante também perceber que foi muito rápido, a partir do momento que esse novo olhar se formou, para que várias coisas passassem a fazer sentido. Então, queria retomar as reflexões nessa linha de experiências. Hoje a senhora ocupa uma posição de pesquisadora legitimada na área, tendo passado por todo esse processo também dentro dos espaços de luta e de prática sendo uma mulher.

Valci Zuculoto Sim, você colocou muito bem em relação a mim, por exemplo, me dar conta e conseguir atuar em todas essas áreas, está tudo imbricado. Acho que não seria uma boa professora de Jornalismo, nem seria uma boa pesquisadora se não tivesse tido esse meu início profissional. E, na verdade, isso é característico da minha geração. Entrei como professora na Universidade em um concurso realizado na década de 1990, e nem era o meu objetivo permanecer na academia. Senti necessidade naquele momento porque o ano de 1989 foi pesado no jornalismo com cobertura daquela primeira eleição presidencial, que redundou na eleição do Collor. Senti mais ou menos a mesma coisa quando, em 2018, teve a eleição do Bolsonaro, também foi muito pesado para o jornalismo fazer a cobertura. Eu estava na linha de frente em 1989, como repórter de *O Globo*, acompanhando a eleição presidencial, e também vinha sentindo muita necessidade. Até naquele momento não era tanto pelas questões de gênero, eram mais as questões gerais do jornalismo que estavam me preocupando muito, do exercício profissional e tudo. Eu sempre juntei as duas coisas: a profissão e o movimento sindical, isso vem desde o início, desde que comecei a fazer jornalismo.

Juliana Gobbi: E o movimento sindical também é um espaço estruturalmente masculino.

Valci Zuculoto Sim, falávamos sobre como festejamos quando chega uma mulher na presidência do sindicato, um sindicato ou da FENAJ, mas daí parece que quando chegou uma mulher, pronto, está tudo resolvido, não tem mais esse problema. Quando se sabe que ele continua. Sempre esteve muito imbricado e tenho certeza de que se não tivesse atuado, e não continuasse atuando, em todos esses espaços, não conseguiria ter uma noção mais aprofundada e completa de questões a serem ampliadas, destacadas, como a de gênero e de outras do próprio Jornalismo. Acho que hoje não é tanto quanto na minha época, quando se escolhia Jornalismo para cursar e entrar na profissão. Então, ao se perguntar sobre o motivo de escolher Jornalismo, a resposta sempre era que se queria mudar o mundo. Há algum tempo um aluno me perguntou: "professora, você quando resolveu fazer jornalismo é porque queria mudar o mundo. E você continua querendo mudar o mundo? Você acha ainda que o jornalismo pode contribuir para transformar?". Eu respondi que acho, e continuo querendo mudar o mundo, mudar a sociedade, transformar tudo isso. E o jornalismo é um dos instrumentos, não é só o jornalismo. Também ajudo a fazer isso participando do movimento sindical, do movimento político, sempre estive envolvida com partido político, também militando nas entidades acadêmicas, e tem a docência, o ensino de Jornalismo, também é uma forma. Enfim, está tudo imbricado. Do contrário a gente não consegue ser um pouco completas na nossa atuação. Acredito que é importante. Não só para mim, acho que é importante para todas nós mulheres. A gente normaliza, mas essa questão de gênero continua em todas essas áreas.

Mesmo que tenham existido pioneiras, mesmo que tenhamos ocupado alguns espaços, essa questão continua estrutural e carecendo de pesquisa, de discussão, de reflexão, de compreensão para que possamos mudar o mundo e mudar nesse recorte, que é o recorte de gênero. Quando você me convidou para tocarmos juntas a proposta de pesquisa de revisão do relato histórico, adotando o gênero como categoria de análise, pensei exatamente o seguinte: "gente, estou devendo". Eu sou mulher jornalista, eu sou mulher sindicalista, eu sou mulher professora, eu sou mulher pesquisadora, e preciso realçar como pesquisa maior a questão de gênero. A pesquisa voltada para as mulheres esteve presente em toda a minha trajetória, mas na pesquisa propriamente dita foi orientando quem queria pesquisar isso. Enfim, me dei conta de que estava devendo isso também para mim e para todos e todas que trabalham junto comigo em pesquisa, que se referenciam em mim na pesquisa. Então, quero até te agradecer por ter me cutucado e por ter me dado a oportunidade de seguir nesse caminho, porque sendo uma mulher que atua em todos esses espaços - e acho que tenho contribuído bastante em todos - não tinha ainda me dado conta do quanto era urgente, do quanto precisamos de pesquisas focadas em gênero, e que eu não estava dando uma contribuição maior. Vinha contribuindo, obviamente, mas não vinha contribuindo com um destaque tão grande como acho que é esse da nossa pesquisa sobre o relato histórico.

Juliana Gobbi: Pensando nisso, vale colocar duas coisas importantes: uma é lembrar mulheres que já tinham pesquisado sobre isso, por exemplo, no grupo temos nomes como a Tereza Cristina Tesser, que falou sobre as mulheres nas emissoras em São Paulo e no Rio nos anos de ouro do rádio, ou a Ana Veloso, que foi pelo linha das

questões de gênero e cidadania. Este ano, no mês de março, aproveitando a efeméride do mês das mulheres, nós recuperamos trabalhos apresentados nos congressos da Intercom e divulgamos nos espaços das redes sociais do grupo³⁵, o que mostrou como esse tema estava ali o tempo todo, ainda que de forma mais pontual e mais local. E o segundo apontamento é sobre isso sobre cutucar uma a outra, despertar esse olhar para o gênero, eu também precisei passar por isso e me dar conta do que é estrutural, refletir sobre o ser a mulher na sociedade e compreender que as dificuldades que eu tinha não eram só minhas. E, em grande parte, isso aconteceu a partir de um movimento das estudantes com quem eu tinha contato como professora. Então, coloco uma questão: essa pauta - que há quem diga que é uma questão da moda-, pode ser realmente considerada um redirecionamento? Será que poderíamos falar em uma tomada de consciência para denominar esse “parar para olhar” que tem movimentado as pesquisadoras, e efetivamente nos levado a compreender melhor como gênero está interligado com outras questões e como pode complexificar nossos estudos? No caso da proposta de revisão histórica, acredito que esse movimento foi base para que pudéssemos reconhecer que o entendimento de uma estrutura como “normal” dentro do relato histórico veio pelo olhar dos homens, que é uma narrativa construída com uma perspectiva dominante que é masculina, e por isso o que conhecemos é uma versão e não é simplesmente a história. Esses processos

³⁵ A iniciativa foi desenvolvida pela coordenação do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Debora Lopez e Álvaro Bufarah, em conjunto com Juliana Gobbi e Bruno Balacó. O material está disponível nas redes sociais do grupo: @intercom.radio.

que, de diferentes formas, ganharam força nos últimos anos, a senhora vê como um movimento, uma abordagem, uma perspectiva, que veio efetivamente para mudar um cenário, para ficar - principalmente considerando esse perfil diferenciado das novas gerações, e que podemos observar nas produções científicas e laboratoriais desde a graduação?

Valci Zuculoto: Eu acho que é um processo. Até quando a gente pensa que está devendo. Se hoje essas novas gerações de pesquisadoras, ou mesmo você, têm essa percepção, não foi uma coisa assim que brotou, que apareceu, que surgiu como por encanto, que não teve um processo. Então temos alunas, e até alunos, trabalhando mais isso, se preocupando, e observo isso até porque já tenho 32 anos de docência, dou aula para os calouros e as calouras que estão ingressando na universidade, faço eles gostarem do rádio, esse meio centenário, e agora tem o podcast, todos querem fazer um podcast, e fazem no “tematiquinho”³⁶, muitos que abordam essa questão. Fico refletindo sobre o porquê de não ter me dado conta antes e sobre o porquê eles estão se dando conta agora desde o início. Em primeiro lugar, situo bem e vejo bem a minha história que, por exemplo, quando eu entrei na universidade, quando estava no ensino médio, já existia essa questão a ser conquistada, que exigia a luta, mas naquele momento tinha uma questão maior, que era ditadura. A ditadura não atingia só mulheres, atingia muita gente, tinha essa questão maior e, naquele momento, a nossa luta tinha que ser aquela. Depois, quando

³⁶ Tematiquinho é o apelido dado pelos estudantes para um dos trabalhos desenvolvidos na disciplina Áudio e Radiojornalismo, ministrada pela professora Valci Zuculoto, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

acabou a ditadura, nós ficamos lutando pela democracia. Aí tivemos a oportunidade de conseguirmos nos dedicar a essas lutas que são mais, vamos dizer assim, específicas, embora grandes e necessárias. Não estou colocando ordem de importância nisso.

Juliana Gobbi: A ideia de que não existe uma hierarquia, mas que são diferentes estruturas de opressão na sociedade.

Valci Zuculoto: Exatamente. E nós temos que lutar contra todas elas.

Juliana Gobbi: **E elas não são excludentes, mas estão ligadas. Quer dizer classe, por exemplo, a luta de classe está ligada com as questões étnico-raciais e de gênero.**

Valci Zuculoto: Sim. A nossa luta maior é a luta de classes. E dentro dela que entram essas. Às vezes até considero um pouco equivocados aqueles que colocam como a luta maior outra questão. Digo que a nossa luta maior, de onde se ramificam todas as lutas, é a luta de classes. Observe que a mulher pobre, negra é muito mais violentada do que uma mulher de uma classe mais alta, uma mulher branca. Então, tudo está ligado na luta de classe. A luta de classe é a estrutura maior que conforma tudo isso. Mas queria ressaltar que não temos que nos culpar: por que não evidenciei antes? Porque que não pesquisei antes? Porque que não dei um realce maior para isso? Aconteceu no momento em que foi possível, em que conseguimos, em que superamos outras lutas que estavam mais prementes. Acho que essa geração que está aí, e a que está entrando agora, a sua geração, foram formadas por nós. Então é sinal de que fizemos bem, nós não tivemos a capacidade de atentar para isso no nosso tempo passado, no nosso início de carreira. No início da nossa trajetória na pesquisa precisamos nos ocupar de alguns outros

objetos, e de algumas outras lutas, mas essa luta, essa questão, essa categoria de análise, estava embutida lá. E foi graças a gente, não estou falando só de mim, estou falando de um conjunto de pesquisadoras que temos no caso do rádio: a Nélia (Del Bianco), Sônia Virgínia (Moreira), Dóris (Haussen), Nair Prata, todas essas mulheres que ajudaram a constituir tudo isso e que continuam na luta. O que está presente nas gerações mais recentes, também, vem pelo nosso trabalho anterior, não surge do nada. E continuamos na luta. Continuamos pesquisando, de alguma forma liderando. Somos referenciais, mas lideramos também. Então, isso de que parece uma questão de pesquisa da moda, não é bem assim. A questão de gênero sempre esteve ali, mesmo que não tão revelada, sempre esteve presente, está presente hoje e vai continuar presente. No viés histórico, os próprios referenciais que utilizamos dentro da história pública, da nova história, apontam que o objetivo é ter uma história total, uma história completa. É isso que buscamos ao propor revisões como esta, no nosso caso, que aquelas mulheres que estão apagadas sejam evidenciadas também, mas isso é contínuo. Nunca vamos construir a história completa. Estaremos sempre lutando para construir a história completa. Então essa questão não é, não pode ser tida como uma questão da moda. É uma questão necessária e vai estar sempre presente. Por isso, em algum momento, e acho que esse foi o meu momento, vou colocar essa como uma pesquisa maior.

Juliana Gobbi: **Não, é um processo mesmo. Que é um processo que agora está ganhando força para deixar de aparecer pontualmente, e isso passa por isso que é pensar gênero como uma categoria de análise. É virar essa chave, entender que gênero está permeando, está dialogando com as outras categorias, que faz parte dessa estrutura. E aí, quando você vira uma**

chave do olhar, aquela categoria entra como um ponto importante a ser considerado no todo, não só numa pesquisa voltada para a questão de gênero.

Valci Zuculoto: Sim, é bem isso. E hoje as mulheres, as novas mulheres estão atentando para isso porque a gente vem construindo isso. É a questão do processo, que é como deve ser pesquisada a história. A história não pode ser pesquisada como estanque, tem que ser pesquisada como um processo, e como um processo que tem circularidade, não é apenas cronológica. Hoje estamos vivendo aquilo que é resultado, talvez, de uma geração anterior, ou talvez de duas, três gerações anteriores. Por isso considero que é circular, não é aquela coisa cronológica que vem em um processo linear. A história é um processo circular, e temos que pesquisá-la desta forma.

Juliana Gobbi: **E um olhar como esse, uma pesquisa como essa que propomos, só é possível por conta de todo esse processo que vem, principalmente, a partir dessas mulheres. Desde a formação do grupo até todo o conhecimento que produziram, todos os espaços de liderança que ocuparam, a própria organização do grupo, a forma como as pessoas se relacionam, têm muito disso, né?**

Valci Zuculoto: Sim, é esse o processo que nós estamos vivendo. E acho que a nossa proposta de pesquisa é resultado de todo esse processo, de tudo que você falou, não só da trajetória individual das pesquisadoras, da trajetória individual das profissionais, da trajetória também da própria estrutura, do próprio contexto, dos veículos, dos grupos de pesquisa. Tudo isso nos levou a esse momento. Não acho que estamos atrasadas em propor essa pesquisa. Ela é resultado de um processo que vem ocorrendo, do nosso

processo dentro dos grupos de estudos, dos nossos eventos, das nossas pesquisas, dos nossos programas de pós-graduação. Era o momento, o momento é esse. E embora ainda não tenhamos divulgado a chamada para pesquisa para começarmos a produzir de forma mais integrada ou, quem sabe, mostrarmos o que já tem, só com a nossa proposição – com o nosso texto nos anais da Alcar, as falas nos espaços que se apresentaram depois, como as reuniões do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, na própria Alcar, na SBPJor, levando essa proposição para a ALAIC, já com uma ampliação destacando a questão de uma forma continental, agora latino-americana –, já começa a sentir na leitura de artigos e propostas de artigos. Tenho sido parecerista de eventos, de revistas, também oriento na pós-graduação, além do contato com outros grupos, outros PPGs, em tudo isso vejo que, especificamente na área do rádio, já estão germinando as sementes que a gente jogou com essa proposta de pesquisa. Estamos no bom caminho!

Sobre a entrevistada

Valci Regina Mousquer Zuculoto é professora do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

É diretora científica da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia

(Alcar), diretora da Executiva da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e coordenadora-adjunta da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Integra a coordenação da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) e coordena a Rádio Ponto UFSC. Foi coordenadora do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

É uma das líderes do GIRAFÁ – Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (certificado no CNPq). Em 2017, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão da Intercom – categoria liderança emergente. Já trabalhou em *O*

Globo, Zero Hora, Isto É e Rádio Gaúcha. Foi diretora da FM Cultura de Porto Alegre.

É autora dos livros *No Ar – A história da notícia de rádio no Brasil* e *A programação de rádios públicas brasileiras*, além de ter sido uma das organizadoras das coletâneas *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção*, *Estudos Radiofônicos no Brasil 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*; *Teorias do Rádio – Textos e Contextos V. 2* e *Formação Superior em Jornalismo – Uma exigência que interessa à sociedade V. 2*.

>> **Como citar este texto:**

BETTI, Juliana Gobbi. As perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti. Entrevista com Valci Regina Mousquer Zuculoto. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 190-203, set./dez. 2021.